

**O ESPÍRITO DE UMA ÉPOCA
ROMANCE HISTÓRICO**

CHRISTINA ELISA F. BAUMGARTEN

HB EDITORA LTDA

Obra:

O Espírito de uma Época – Romance Histórico

Autora: Christina Elisa F. Baumgarten

Escritora, memorialista e biógrafa com 35 obras escritas, a maior parte delas já publicadas.

Editora: Hermann Baumgarten Editora Ltda. (HB Editora)

Obra publicada em primeira edição no ano de 1999.

Tiragem da primeira edição: 10.000 exemplares (esgotada)

Segunda edição:

Revisada por Jairo Martins

Publicada em formato virtual para download via mídias sociais

Prefácio

Uma blumenauense do século XX lê a obra e a vida de Hermann Baumgarten, um jornalista do século XIX...

As lembranças de uma comunidade não são menos reveladoras do que os seus projetos. Normalmente, embora sejamos preocupados com nosso passado, até obcecados, não temos uma ideia clara do que fomos e, mais grave ainda, não queremos ter – vivemos entre o mito e a negação, idolatrando alguns fatos e esquecendo outros. Estes esquecimentos são significativos – é a chamada censura histórica. Preferimos viver numa metáfora ao mesmo tempo agrícola e biológica, na qual nossas raízes estão numa colônia sempre bem sucedida, de pessoas sempre organizadas, que nunca fizeram nada de errado, e com isto criamos os nossos heróis e os nossos mitos.

Não nego que a interpretação biográfica seja um caminho para chegar à obra. Só que é um caminho que para as portas dela. Para compreendê-la, realmente, devemos atravessá-las. Neste momento a obra se desvincula do seu autor e se transforma numa realidade autônoma, ou seja, é preciso *entrar* na vida da colônia para entender as reações de Hermann Baumgarten. Desta forma caem os maniqueísmos, ele deixa de ser isto ou aquilo e passa-se a ver o homem por trás da sua obra – tudo o que ele tinha de bom e também de ruim, considerando o contexto da época em que vivia.

O estudo da vida de Hermann Baumgarten imediatamente nos coloca em relação com outras vidas e estas com o ambiente intelectual e vivencial daquele tempo, ou seja, com tudo o que constitui o que podemos chamar “o espírito de uma época”.

Os escritores costumam violar o código e dizer o que não se pode, ou seja, existe um sistema de proibições tácitas, mas imperativas, que formam o código do dizível em cada época ou sociedade, mas eles o violam, e costumam contar o que talvez se devesse ocultar. Por sua voz falam outras vozes: a condenada, a verdadeira.

Com meu trabalho procuro restituir ao mundo a colônia Blumenau daquele século, a vida e obra de Hermann Baumgarten. Por sua vez, ele nos restitui, aos leitores deste final de século XX, a sociedade daquele tempo.

Este livro é uma tentativa de restituição – pretendo restituir a cada um sua memória essencial. Para entender Hermann Baumgarten, é preciso entender a sua vida e o seu mundo. Para solucionar enigmas da sua obra é preciso responder a intrigantes e apaixonantes questões:

O que o levou a criar o Blumenauer Zeitung?

Por que escolheu uma vida de contestação e enfrentamento das autoridades constituídas?

De que forma foi forjado o seu caráter e a sua coragem?

Este livro é uma tentativa de responder a estas perguntas e resgatar a imagem de uma grande personalidade e de sua obra.

Mas uma obra só pode sobreviver a partir da interpretação dos seus leitores. O escritor é o engenheiro construtor de pontes para o passado, que são na verdade ressurreições – sem elas não haveria obra!

A Autora

O nascimento de Hermann Baumgarten

Siegrid veio correndo e suas tranças ruivas reluziram à luz do entardecer. Ela atravessou o enorme pátio de forma estabanaada, espantando as galinhas gordas e vermelhas que ciscavam por ali, procurando minhocas e pequenos insetos. Suas pernas muito brancas e totalmente cobertas de sardas vermelhas se destacavam em meio à saia azul escura que dançava com os movimentos rápidos da sua correria. Ao chegar perto do galpão onde Karl Julius e Peter Wagner, seu sogro, conversavam e fumavam cachimbo, parou com os olhos arregalados e ficou olhando, muda e meio assustada para os dois homens.

- O que aconteceu, menina? Fala logo, ao invés de ficar aí com esta cara de assombração...

A jovem olhou de um para outro e falou de maneira atropelada:

- A criança, Herr Baumgarten... A criança nasceu! E é um menino!

Num átimo, Peter Wagner entendeu o susto desmedido da pequena Siegrid, filha de Riecke, a fiel empregada que acompanhava Karl Julius desde antes de seu casamento com sua filha Margarethe, a sua querida Gretchen... Ele olhou meio de lado para o autor da façanha e disse, com um meio sorriso entre os lábios:

- Então, Karl Julius, teu filho nasceu! Já és papai! Já decidiste como vai ser o nome dele?

- Ele vai se chamar Hermann, como meu avô e meu querido irmão que estão na Alemanha. Assim espero que tenha a fibra e a inteligência deles!

Dizendo isto, Karl Julius abraçou o sogro, emocionado, e se encaminhou para casa. Atravessando o pátio marcado pelo sol e pelo vento, rigorosamente varrido e limpo, veio-lhe à mente a imagem da sua doce Gretchen, a esposa que viera resgatá-lo da solidão e da tristeza em que tinha vivido os primeiros tempos em sua estada no Brasil, na colônia de Itajaí Grande. Quanta coisa havia acontecido neste tempo... Ele nem se reconhecia mais como o jovem aventureiro e impetuoso que aceitara o convite do honrado Doutor Blumenau e deixara sua querida Lehre para se aventurar em terras tão estranhas. Pisando com força, revia na mente a imagem da querida esposa naquela mesma manhã, quando varria com a mesma habitual firmeza e precisão, deixando tudo impecável, para em seguida atirar alegremente porções generosas de milho amarelo e sequinho, que faziam a alegria das galinhas. Ela sorria e cantava uma velha cantiga alemã, mostrando ser ainda uma menina sonhadora. Karl Julius lembrava-se ainda do seu grito repentino e da poça que se formava no chão, de uma água sanguinolenta, enquanto Gretchen cambaleava e buscava apoio no batente da pesada porta que dava para o alpendre. Ele se encaminhara assustado para ela, mas ela deu um pequeno sorriso, meio amarelo, e disse-lhe com voz trêmula:

- Chegou a hora do teu filho nascer, Karl Julius. Vai buscar a minha mãe e nossa empregada, a Rute, que conhece bem o trabalho de parto. Eu vou ter que me deitar...

Levara-a para a cama e em seguida chamara Riecke, sua fiel empregada:

- Riecke, quero que a Siegrid fique aqui ao lado da Gretchen até que eu volte, não a deixe sozinha em hipótese alguma!

Karl Julius selara o seu cavalo mais ligeiro, que ele trazia sempre limpo e bem escovado, e saíra em desabalada carreira até a propriedade do sogro, Peter Wagner. Não tardara a voltar acompanhado do sogro, da sogra, que fizera questão de vir, apesar de ser doente, e da experiente empregada, a Rute. Desde que chegara com eles, fora rigorosamente expulso de dentro de casa, com as mulheres assumindo o controle total da situação. Durante o dia tinha dado um pulo na cidade, até a sua casa de comércio, mas estava tão agitado que pouco ficou por lá, deixando tudo nas mãos de Gustav, seu amigo e sócio no negócio.

Agora finalmente, a situação estava resolvida e ele já podia conferir com seus próprios olhos como estavam mãe e filho. Entrou pela porta dos fundos, parando no grande tacho de madeira da cozinha para lavar as mãos. A água tinha sido recentemente trocada e estava límpida, clara e fresca. Karl Julius lavou o rosto e as mãos, aproveitando para refrescar-se, pois ainda fazia muito calor naquele início do ano de 1856. Ele, como todos os outros imigrantes alemães, sofria muito com o calor

local. Subiu a escada pé ante pé, evitando fazer barulho, sem saber direito o porquê. Quando entrou no quarto de dormir, a brisa do final da tarde soprava pela janela entreaberta e balançava de leve as cortinas de crochê que Gretchen fizera com linhas e receitas que ele mandara vir da Alemanha. Ela estava deitada, ainda muito pálida e abatida, na imensa cama de madeira de canela escura que ele mesmo fizera, cercada pelos lençóis que ela tinha tanto trabalho para alvejar e manter brancos e trazia nos braços um embrulho cheio de rendas e babados... Era seu filho Hermann! Ele aproximou-se com cuidado e olhou fixamente para o pequeno: sua tez era rosada e uma fina penugem dourada cobria-lhe a cabecinha redonda e perfeita. Ele parecia muito tranquilo no colo amoroso da mãe, que acariciava com doçura sua face delicada. Gretchen, apesar de pálida e abatida, tinha os olhos brilhantes e vivos, demonstrando a intensidade que aquele momento tinha para ela. Karl Julius abraçou-a com cuidado e em seguida disse com ternura na voz:

- *Meine liebe* Gretchen, que bênção dos céus este pequeno! Ele vai se chamar Hermann, como o *Opa* e meu querido irmão... Espero que siga os passos deles, que são íntegros e inteligentes!

Gretchen assentiu com a cabeça e disse, num fio de voz:

- Chama a Riecke, pois estou muito cansada e preciso dormir. Agora que o pequeno já mamou, vou descansar...

Karl Julius saiu do quarto e tomou todas as providências para aquele final de tarde. Riecke, Siegrid e Rute estavam preparando a janta e cuidando dos afazeres normais da casa e ele foi ordenhar as vacas, recolher as galinhas e fechar a grande porteira de sua propriedade. Olhando o sol se esvaír por entre os morros e o imenso arvoredo que circundava o local, sentiu mais uma vez aquela velha sensação de realização que o assaltara em algumas ocasiões, apesar de todos os revezes dos últimos anos. Já tinha enfrentado muitos problemas, tais como secas, colheitas mal sucedidas, os roubos constantes dos bugres, que ultimamente, até agressões andavam cometendo, e principalmente, as malfadadas enchentes, que já o tinham arrasado totalmente por duas vezes, mas nunca perdera a fé neste novo mundo que estava surgindo ali, naquele canto escondido da América do Sul. Emocionado, fez uma prece a Deus e se dirigiu para casa, iluminado pelos últimos raios daquele sol de abril.

A mesa era farta, apesar de simples. Para iniciar, um trago de “*chnaps*”, e depois, os pratos de faiança clara eram preenchidos com pirão de mandioca, caldo grosso e saboroso de feijão colhido ali mesmo na propriedade e cozido no grande tacho de ferro com carnes de porco defumadas e a boa linguiça feita na casa pelas mãos habilidosas de Riecke. Para acompanhar, enormes e verdes pepinos curtidos dentro conservas com folhas de uva e chucrute feito com a imensa colheita de repolhos que a propriedade dava todos os anos. O repolho era cortado e posto a curtir em grandes vasos de barro, até que resultasse naquele chucrute forte e adocicado que o paladar alemão tanto aprecia. Para beber, Riecke preparara um chá de mate bem forte, perfumado com gotas de limão e laranja. Depois do jantar e das despedidas, Karl Julius deu mais uma olhadela na esposa e no filho, que milagrosamente dormiam sossegados e foi para o seu cantinho, a fim de escrever uma carta para a família. Ele tinha feito sozinho uma mesa de madeira amarelada e cheia de estrias escuras, o que dava um bonito efeito ao móvel, do qual ele tinha muito orgulho. As gavetas, cortadas de maneira tosca pela falta de instrumentos adequados, deixavam à mostra a inexperiência do improvisado marceneiro, mas serviam para guardar o papel, a pena e as tintas que ele usava para escrever para a sua família na Alemanha. No início de sua chegada ali, há quase três anos, escrevia com muita frequência para a família, amigos, colegas e até moças que ele pensava em um dia convidar para casar e vir com ele para o Brasil. Com o tempo, foi se envolvendo com os acontecimentos e com o povo da sua colônia, ao mesmo tempo em que era quase esquecido pelos amigos da pátria distante. Um processo natural, que não deixava de lhe doer na alma quando se lembrava de todos os seus sonhos e ilusões desfeitos pela brutal realidade da colônia. Não que não fosse feliz com sua Margarethe, e gostava de seu filhinho. Apesar de no começo ter relutado desposar uma moça nascida naquelas paragens, sem a educação e o fino trato das moças alemãs, Gretchen superara todas as expectativas, e se revelara uma grande mulher. Ela não sabia escrever muito bem e não tocava nenhum instrumento musical, mas administrava a propriedade com firmeza, economia e competência. Fazia tudo muito bem feito e tinha uma imensa vontade de

aprender. Apreciava a cultura do marido e sonhava ir com ele para a Alemanha, visitar e conhecer a família. As lembranças envolveram Karl Julius com a força de um temporal, levando-o para a distante pátria natal, onde ele conhecera o Dr. Blumenau há mais de três anos...

Karl Julius Baumgarten sonha com o Brasil – 1853

Karl Julius caminhava com esforço pela neve fofa e branca que se depositava sobre a estrada de terra, formando uma camada quase intransponível e cansativa... Para ele, um jovem alemão de apenas vinte e um anos, criado com uma alimentação farta e saudável, não era nenhum desafio intransponível caminhar naquela neve daquele inverno de 1853, mas seu rosto claro estava vermelho pelo esforço executado. Era alto e magro, com uma compleição física quase franzina, mas enganadora... Era forte como um touro e enfrentava com relativa facilidade todo tipo de trabalho.

Quando avistou a hospedaria, respirou aliviado e entrou, junto com uma lufada de vento e neve, encaminhando-se para perto do fogo da lareira, que ardia e prometia calor para os doloridos e enrijecidos membros do jovem. Enquanto esfregava freneticamente as mãos, em busca de calor, observou ao seu lado um homem de aspecto sério e algo sonhador, que aquecia a barba já um pouco embranquecida junto à lareira. Cumprimentou-o e ele se apresentou, apertando sua mão e falando com uma firmeza que haveria de marcá-lo para o resto da vida:

- Muito prazer, sou Hermann Bruno Otto Blumenau e estou procurando jovens alemães fortes como você para colonizar um paraíso na América do Sul, num país chamado Brasil!

Blumenau e Karl Julius conversaram por horas, enquanto o homem contava, com um brilho especial nos olhos, sobre o maravilhoso país que tinha conhecido e todas as suas belezas. Contou de sua viagem como representante da “Sociedade para a proteção dos imigrantes alemães no sul do Brasil”, e que fora mandado para verificar as condições de vida dos imigrantes que haviam sido enviados nos navios “Louise”, “Marquês de Vianna” e “Joanna Jacobs”, ao Brasil, para colonizar as terras próximas ao Desterro e a região de Lages. Contou também da decepção sofrida ao perceber que estas colônias estavam fadadas ao fracasso, pois o governo imperial brasileiro não cumpria as promessas feitas aos imigrantes, e deixara-os à míngua e sem recursos. Contou finalmente, e quando chegou a esta parte da narrativa seus olhos brilharam, que uma grande parte dos colonos havia se deslocado para outra região, localizada num vale rico, fértil e de beleza indescritível, que ele havia conhecido pessoalmente. Contou também de suas aventuras, inicialmente pretendendo incrementar a colonização deste local pela sociedade que representava e, com extinção desta, de como iniciara um empreendimento particular para a fundação de uma colônia naquele local que, para ele, parecia encantado e tão especial. Contou de sua emoção ao subir, desde a foz, por um rio caudaloso e piscoso, cercado em suas margens por uma vegetação de verde e beleza intensas, onde pontuavam aves e animais exóticos, de plumagem colorida e diferente de tudo o que conheciam, e que dava ao local ares de paraíso. Empolgou-se ao lembrar e narrar o ponto em que desembarcou da sua canoa e deu com uma região onde a ribanceira do rio se encontrava com uma vegetação rica e exuberante e diversos riachos cascadeantes desembocavam luxuriosamente neste rio principal.

- É aqui... Pensou ele... Que devo erigir a minha colônia!

Karl Julius estava fascinado pela empolgante narrativa e definitivamente inoculado pelo vírus do mundo novo.

Durante a palestra conduzida pelo eminente químico que procurava arregimentar homens para seu empreendimento, imagens ricas e sedutoras se formaram na imaginação de Karl Julius, imagens estas que não o abandonariam mais até se fundirem com a realidade que ele encontraria, ainda naquele ano de 1853, na região então denominada Itajaí Grande.

Quando Blumenau se despediu naquela noite, lamentando não poder conhecer pessoalmente o honrado superintendente Karl Julius, pai do jovem que se comprometera a seguir com ele para as distantes terras do Brasil, tinha certeza de estar levando, com este grupo de imigrantes, alguém valoroso e que muito acrescentaria ao seu projeto de colonização.

O pai de Karl Julius, pastor altamente graduado na hierarquia evangélica e superintendente da cidade de Lichtenberg em Braunschweig e a mãe, a doce Emilie, conheciam bem a fibra do jovem Karl Julius e apoiaram o filho nessa arrojada iniciativa. Os irmãos de Karl Julius, Hermann, Emilie e Marie, admiravam-lhe a coragem, mas não tinham sua disposição para a aventura e o

desconhecido, por isto o irmão nem tentou convencê-los, mas queria a todo custo levar consigo seu grande amigo Nahrwold, companheiro desde os folguedos da infância e um espírito aventureiro como ele. Nahrwold, no entanto, tinha os pais doentes e era o esteio de sua família, o que fazia com que fosse praticamente impossível sua partida para o Brasil junto com seu amigo.

Naquela tarde fria e chuvosa de março de 1853 os dois caminhavam pela estradinha de chão batido que levava ao centro de Lehre, em direção à hospedaria, onde pretendiam tomar uma caneca de chope e conversavam animadamente:

- Nahrwold, tu tens que dar um jeito de ir para o Brasil comigo. Nós dois juntos, ninguém segura! Com certeza logo seremos grandes senhores de terras... Dizia Karl Julius animadamente, fazendo troça de si mesmo enquanto imitava o que ele imaginava ser um grande senhor de terras... Vamos, meu amigo, o futuro nos sorrirá!

- Tu sabes que eu não posso abandonar a minha família agora, Julius! Quem me dera poder ir contigo! Juntos, faríamos de um tudo naquelas paragens novas, mas agora meu dever me retém junto de minha família. Mas fique tranquilo, assim que as coisas por aqui se resolverem, eu pego minhas malas e te sigo. Só vais preparar as coisas para iniciarmos juntos, está bem?

Os dois se abraçaram, fazendo grandes planos e sonhando com as terras distantes do Vale do Itajaí. Nahrwold foi o último a sair do cais naquela fria manhã de abril de 1853, quando o navio, um brigue velho e reformado, partiu do porto rumo ao oceano, levando a pequena e esperançosa leva de colonos que ousaram acreditar no sonho do Dr. Blumenau.

A viagem levou 58 dias e foi relativamente agradável, principalmente para um jovem como Karl Julius, que tinha consigo a saúde e a disposição que só à juventude confere. Na viagem, Julius fez amizade com (*)Reinhold Gaertner, sobrinho de Blumenau e uma espécie de líder para todo aquele grupo, que seguia o ideal de Blumenau.

Quando o brigue aportou em São Francisco do Sul, em junho de 1853, Karl Julius saltou animado e ao mesmo tempo surpreso com aquelas terras e aquela gente tão diferente da a que estava acostumado. A costa era de uma beleza ímpar; o sol, batendo na água clarinha e tirando reflexos dourados que reverberavam no verde imenso que os cercava, deixava realmente uma impressão de paraíso. O clima, ameno naquele mês de junho, forçara-o a vestir um casaco leve para fazer frente ao vento cortante que começou a soprar do sul, trazendo uma chuvinha fina e persistente.

Enquanto passeava pelas ruas estreitas e esburacadas da pequena localidade em companhia de Reinhold, ia observando o povo que passava, conversando e rindo em altos brados. As moças eram de uma beleza exótica e atraente e o deixavam fervendo, mas não se animava a aproximar-se de nenhuma, pois sua aparência era extremamente desmazelada, com roupas puídas e encardidas, os dentes eram mal cuidados e muitas vezes apodrecidos, e seus cabelos soltos e rebeldes, sem parecerem penteados.

- Quando quiser namorar ou me casar, certamente irei para a Alemanha buscar uma boa moça alemã, que trance os cabelos e cuide com asseio do próprio corpo... – comentou ele com Reinhold, expressando a aversão que sentia das jovens que sorriam despidamente para eles. A cidade, concluiu afinal, era suja e mal cheirosa, e Karl esperava que a região para onde se dirigia fosse melhor.

Depois de alguns dias de espera, iniciaram a viagem em lombo de burro para a colônia denominada Itajaí Grande, que era o seu destino. (*) Reinhold, sobrinho do Dr. Blumenau, acompanhando-os, não os deixava de animar em nenhum instante, prometendo que iriam gostar do local para onde estavam se dirigindo por aquela estafante viagem, e onde o tio já os esperava. Depois de três dias de viagem, chegaram ao seu destino: a região do Itajaí Grande, onde já havia várias propriedades com seus engenhos e plantações de cana, mandioca, café e milho, principalmente.

Era o entardecer, e Julius sentiu o cheiro forte e doce do melado sendo cozido nos tachos de cobre, o som alegre das moendas que extraíam o caldo grosso e doce das canas e a cantoria de alguns escravos, que trabalhavam nos engenhos, felizes com a relativa liberdade de que gozavam naquela região. Ali os escravos eram quase como empregados, e não se ouvia falar de maus tratos e maldades como em outras regiões do mundo. Os imigrantes foram recebidos numa imensa cabana construída com toras de palmito, que tinha sido erigida às margens do majestoso rio que dominava

toda a região e logo lhes foi servida uma farta refeição a base de broas de milho, feijão cozido e farinha de mandioca torrada. Era uma comida diferente da que estavam acostumados, mas muito forte e substancial, e sem dúvida passaria a fazer parte do dia a dia de todos os colonos dali em diante. O grupo pernitoou no grande barracão e no dia seguinte, bem cedo, embarcou em canoas fortes de madeira e iniciaram a viagem final rumo ao seu destino. Karl Julius estava impressionado com a paisagem: o rio, largo e imponente, refletia o sol formando cristas douradas em suas margens, ladeadas de imensas florestas de um verde e duma exuberância difíceis de descrever.

Pelos barrancos subiam trepadeiras de flores multicoloridas, e em meio ao verde profundo da floresta também era possível divisar a policromia das flores e das borboletas que vojavam preguiçosamente de corola em corola, dando ao local um clima mágico.

Algumas propriedades aqui e acolá demonstravam que a colonização se tinha espreado por toda aquela região, conforme prometera o Dr. Blumenau. Os mosquitos incomodaram um pouco durante a viagem, mas não foram suficientes para diminuir o ânimo do grupo, que estava empolgado com o que via. A chegada ao destino não foi das mais animadoras, pois assim que chegaram souberam que o sócio do Dr. Blumenau, Ferdinand Hackradt, encarregado de implantar a colônia naqueles meses em que Blumenau passara na Europa arregimentando colonos e batalhando por verbas junto ao imperador brasileiro, havia abandonado o empreendimento. Seus negócios no Desterro tinham prosperado e ele voltara para lá, deixando o Dr. Blumenau e seus colonos em situação difícil. Os colonos imigrantes que já estavam instalados na região do Belchior e Gaspar tinham tentado ajudar, mas Hackradt era um homem difícil, mesquinho e interesseiro, e logo todos deixaram de enviar esforços e recursos para ele. O resultado é que os imigrantes encontraram, ao chegar, apenas algumas choupanas mal feitas e já meio despencadas, uma serraria semi-desabada devido a uma enchente que atingira o local e alguns pobres bois magros e famintos; não havia roças e nem os engenhos originalmente projetados para receber os novos moradores. Mas Blumenau já tinha se mobilizado, e a boa gente moradora das regiões tinha preparado uma substancial recepção para todos: uma refeição quente e forte esperava fumegante sobre a mesa, as camas estavam arrumadas sobre esteiras de palha e vários tachos de água fresquinha e límpida esperavam os viajantes para uma higiene improvisada. Quando Karl Julius saltou da canoa e esticou as pernas, doloridas pelo acúmulo de horas em que ficara na mesma posição, acercou-se dele um jovem muito louro que a ação do sol deixara amorenado, com uma teimosa franja caindo sobre os olhos de um intenso azul e um ar brincalhão, que lhe estendeu uma espécie de moringa de barro e disse:

- Toma, experimenta um pouco deste líquido precioso que é fabricado aqui; já, já vais te animar e recuperar da viagem cansativa...

Karl Julius tomou um grande gole e se engasgou como um frangote, cuspiendo em seguida quase tudo o que havia tomado: o líquido era forte, acre e rascante como um velho conhaque, mas cheirava agradavelmente e tinha uma bela coloração ambarina...

- O que é isto camarada? – Perguntou ele assim que se recuperou da tosse causada pela forte beberagem.

- *Ach!* Isto é cachaça, meu camarada! É “*chnaps*” do bom, feito da cana-de-açúcar que nós cultivamos aqui. Logo vais te acostumar... E dizendo isto, bateu-lhe nas costas de forma amigável, apresentando-se:

- Eu sou Gustav Pauls, e estou aqui já há alguns anos. Acho que vamos ser bons amigos!

Karl Julius saiu caminhando pela picada traçada a grosso modo no meio da vegetação rasteira que cobria as margens do imenso rio, para esticar as pernas e observar aquela que seria, dali em diante, a sua nova pátria e de onde, mal sabia ele, nunca mais sairia. Observou com prazer que as árvores eram de um verde luxuriante, apesar de ser inverno, e muitas traziam inclusive flores de um vermelho vivo que pareciam ser muito melíferas. Caetés de diversos tons ladeavam a passagem, fazendo contraponto para muitas bromélias com suas inflorescências exóticas em várias tonalidades de roxo. Pequenas moitas de *Impatiens variegata*, que viriam a ser chamadas de “*maria-sem-vergonha*”, pela sua facilidade de reprodução e florescimento de intenso colorido, pontuavam a paisagem com seus tons quentes.

Karl Julius não era *expert* em botânica, mas tinha conhecimento suficiente para saber que estava em meio a uma exuberância invejável, que devia ser preservada. Sibipirunas, cássias e eritrinas ostentavam suas flores de tons fortes e emanavam aromas embriagadores, que logo enlevaram o imigrante, dando-lhe uma sensação de paz. Na copa das árvores mais altas ele divisou flores exóticas, diferentes de tudo o que conhecia, que ostentavam tons lilases, amarelos e marrons e emanavam um doce perfume: eram as orquídeas, que tanto encantavam os europeus que por ali passavam.

Já refeito da longa e exaustiva viagem, encaminhou-se para o barracão que servia de posto de recepção para os recém-chegados. Os colonos imigrantes cercavam Blumenau, querendo saber mais sobre as suas terras, recursos, providências, etc. Ele respondia a todos com paciência e atenção, procurando sanar suas dúvidas e infundir-lhes confiança. Alguns esbravejavam, dizendo estarem se sentindo enganados, mas o homem ia esclarecendo com calma, falando e argumentando, até que todos se acalmaram. Karl Julius tinha lavado o rosto e as mãos e estava comendo quando o Dr. Blumenau acercou-se dele e disse:

- Olha, Karl Julius, eu já acertei tudo para ti. Podes comprar as terras de Paul Kellner, ele está disposto a vender. Ele tinha comprado esta propriedade dos Sallenthien, mas agora pretende desenvolver outras atividades lá no Desterro, e pedi que ele esperasse por ti. Estas terras, que ficam na margem esquerda do rio, são das melhores que há por aqui, estão situadas num melhor ponto que as demais propriedades, pois são bem próximas à colônia, mas estão a 30 pés acima do nível rio, o que representa uma grande vantagem contra as enchentes e enxurradas. As terras são férteis e próprias para o cultivo de cana-de-açúcar, café e banana.

Karl Julius ficou admirado com a deferência usada pelo doutor, e disse isto de maneira franca e direta, ao que ele respondeu:

- Baumgarten, tu és um dos meus colonos mais promissores, tenho certeza de que tu e toda a tua descendência sereis muito importantes para a nossa futura cidade!

Em seguida, continuou explicando, com muita animação:

- Olha, a propriedade já tem uma bela moradia feita de troncos de palmito e lama, bem protegida contra o vento e a chuva com um bom telhado de folhas de palmito.

Karl Julius começou a sonhar com sua nova propriedade e a noite custou muito a passar, dada a sua ansiedade em conhecer o local.

No dia seguinte, logo cedo, após o café, o Dr. Blumenau chamou Karl Julius e juntos tomaram a canoa dele, seguindo rio abaixo até onde morava Paul Kellner. Assim que chegaram perto, Karl Julius sentiu um arrepio de prazer correr pela sua espinha: o local era ainda mais aprazível do que ele tinha imaginado, e a casa ficava no meio de um gramado muito verde, pontilhado por moitas de arbustos, flores, alguns canteiros de verduras e pilhas de lenha. Uma anarquia reinava no local, mas a mente organizada de Karl Julius já divisava tudo organizado e limpo. A mata, verde e exuberante, chegava até quase perto do alpendre que fazia a retaguarda do casebre. Eles bateram palmas e chamaram, e sem demora vieram do interior dois jovens com muita simplicidade, mas muito simpáticos. De longe se notava que eram irmãos, pois tinham o mesmo rosto avermelhado e de grandes bochechas, o que lhes dava um ar bonachão e alegre. Ambos eram muito altos e fortes, quase gordos, com pernas robustas que se destacavam nas calças surradas de trabalho.

- Olá, *Herr* Blumenau. Seja bem-vindo! Então nos trouxe uma visita?

Depois das apresentações, Paul e seu irmão Adolph entraram na casa com os recém-chegados e, depois de tomarem um trago de *chnaps*, mostraram a casa e explicaram como era a propriedade. Enquanto Paul e Karl Julius davam uma boa olhada em tudo, Adolph ficou conversando com o Dr. Blumenau e preparando uma refeição. Naqueles tempos os colonos imigrantes que não tinham esposa tinham que se virarem sozinhos, preparando suas refeições e cuidando das roupas.

- Talvez isto explique a sujeira e a anarquia que estou vendo aqui... Pensou Karl Julius, prometendo a si mesmo que, embora sozinho, seria mais limpo e organizado!

Ao final da tarde o negócio estava efetivado, e os irmãos concordaram em permanecer ainda um mês juntamente com Karl Julius na propriedade, para lhe dar uma mão no preparo da terra e nas primeiras plantações. Karl Julius então partiu, prometendo voltar no dia seguinte, já em definitivo.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Mal amanhecera e o sol ainda lutava para dissipar as brumas que se evolavam do leito modorrento do Itajaí-Açu, quando Karl Julius embarcou na canoa, partindo com todos os seus pertences. Parado na margem arenosa que formava uma pequena praia e dava acesso ao promontório onde ficava a sua nova propriedade, Karl Julius fez aquilo que aprendera desde a mais tenra infância: agradeceu comovido e emocionado ao bom Deus que lhe permitia estar ali, e fazer aquela primeira conquista. Enquanto caminhava para a casa, foi observando-a detalhadamente: as paredes, de toras de palmito bem cortadas e unidas com lama do rio, formavam uma placa firme e maciça, que protegia do vento e da chuva. O telhado, feito de palha de palmito, logo teria que ser refeito, pois inúmeras palhas tinham voado, deslocando-se e causando claros que seriam facilmente remediados. As portas e janelas eram feitas de madeira maciça, toscamente cortada, mas dando muita segurança.

- É, para começar está mais do que bom, mas quando eu quiser me casar tenho que fazer uma casa melhor, antes de aqui trazer uma dama alemã de estirpe!

Os dias que se seguiram foram de trabalho até a exaustão. Karl Julius começou arrumando e reformando a casa, deixando-a habitável, limpa e arejada. No fim desta arrumação, sobraram inúmeras tralhas e Karl Julius percebeu que tinha imediata necessidade de construir um rancho bem espaçoso próximo à casa, que serviria também para a moagem de cana e fabrico de açúcar.

- É, preciso construir um rancho aqui do lado da casa. Vou ter que arrumar um empréstimo para comprar este material e também sementes, ferramentas e muitas outras coisas que estão faltando... Karl Julius praticamente pensava alto, quando foi interpelado pelo amigo Paul Kellner:

- Karl, eu posso te emprestar o dinheiro, se precisas. Afinal, estou torcendo para que a propriedade prospere e te dê bem...

- Eu ficaria muito grato, e com certeza terei bons lucros na próxima colheita e já poderei te pagar, Paul! Aceitou entusiasmado Karl Julius.

Os trinta dias em que os irmãos Kellner ficariam por ali transcorreram celeremente, entre a construção do grande rancho anexo a casa, a preparação da terra e o primeiro plantio. No dia em que terminaram a maior parte da plantação de cana, fizeram uma pequena festa por conta própria, tomando uns tragos de cachaça e dançando para a lua fria ao calor de uma fogueira. Tudo terminou com muitas risadas e alegria. Mas o tempo passou rápido, e logo os irmãos partiram, deixando Karl Julius sozinho com sua terra.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A meia hora de canoa rio acima ficava a propriedade mais próxima, que era da família Pauls, segundo Julius tinha sido informado. Naquele final de tarde, enquanto terminava de rachar um pouco de lenha, ele observou a chegada de uma canoa. Seu ocupante saltou com vivacidade e, depois de cumprimentá-lo lá de longe com altos brados, veio chegando com uma moringa de barro entre as mãos e um sorriso aberto no rosto.

- Então camarada, lembra-se de mim? E estendeu a moringa com aguardente de cana, o “*chnaps*”, para Karl Julius. De imediato ele lembrou-se do jovem alegre que o recebera no dia de sua chegada com um trago daquele líquido doce e forte. Com muito cuidado tomou um gole, depois outro, deixando a “água ardente”, como o nome bem dizia, deslizar pela garganta ressequida pelo esforço que estivera fazendo. A sensação desta vez foi bem agradável, e Karl sentiu um torpor leve e doce se espalhar pelo corpo.

- Vamos entrando camarada! Que bons ventos te trazem aqui? É muito bom receber uma visita, agora que Paul e Adolph se foram. Estou me sentindo muito só...

- Foi por isso mesmo que eu vim. Imaginei que estava muito só, eu sei como é isso. Eu tratei de me casar logo, e já tenho uma penca de gente em casa, assim espantei de vez a solidão, mas no começo penei um bocado!

- A coisa que eu mais quero é pagar logo todas as minhas dívidas e ficar em boa situação. Daí, pretendo ir para a Alemanha, buscar uma boa esposa para repartir tudo comigo e aquecer minhas noites...

- Não sei não, Karl Julius. As mulheres alemãs sofrem muito aqui nesta terra. O calor é intenso, a mosquitada não tem dó e o trabalho, como tens sentido, é pesado. Acho que fazes melhor negócio se encontrares uma moça por aqui, pois já estão acostumadas com a lida diária e aclimatadas!

- Não, não, elas aqui são muito rudes, nem sabem falar e escrever direito. Não sabem bordar, fazer tricô, crochê ou tocar algum instrumento musical... Eu quero uma mulher fina!

- E de que adianta tanta finura? O que nós precisamos aqui é de uma companheira forte para a lida diária e fogosa à noite na cama, e não de uma dama cheia de dengos que só te aceita uma vez por mês... – E caiu numa gargalhada estrondosa, batendo nas costas do amigo e piscando maliciosamente para ele.

Um pouco constrangido, Karl Julius sorriu meio a contragosto com a liberdade do amigo, mas logo percebeu que na situação em que estavam, não era o caso de só manter conversas “apropriadas”, como mandava a boa educação. Entrou no clima e caiu na brincadeira com Gustav Pauls, até que a noite caiu completamente. Depois de uma janta feita a duas mãos, em que comeram entre risadas e brincadeiras, Karl Julius acompanhou Gustav até a ribanceira do rio com uma lamparina de óleo de baleia, iluminando-lhe o caminho e abanando em despedida, não sem antes prometer a retribuição da visita para breve. Enquanto voltava para casa, já imerso na escuridão da fria noite de julho de 1853, novamente voltou o pensamento a Deus e agradeceu por tudo:

- Meu Deus, és tão bom que até um amigo já me arrumaste. Por tudo eu te agradeço mil vezes.

Depois de arrumar toda a cozinha e a desordem que os dois haviam feito, sentou-se à mesa sob a luz trêmula da lamparina e escreveu a sua primeira carta para a família, na Alemanha. À medida que escrevia, ia sentindo a saudade e a emoção de tudo o que ia narrando, e quando terminou, seus olhos estavam marejados de lágrimas sentidas de saudade da pátria e da família distante, e de emoção por tudo o que já acontecera naquele curto espaço de tempo.

Colônia de Blumenau, 28 de junho de 1853.

Querido Pai,

Depois de 58 dias de uma viagem relativamente agradável, chegamos ao porto de São Francisco, felizes e com saúde.

Um dos passos mais importantes de minha vida foi comprar as terras de Paul Kellner, que as comprou de Sallenthien. Agora são minhas, e se situam na margem esquerda do grande rio Itajaí-Açu. Meu vizinho mais próximo é Gustav Pauls e sua família, gente muito boa que está me apoiando aqui na colônia.

Minha propriedade está situada num dos melhores pontos da colônia, pois fica a uns 30 pés acima do nível do rio, o que me protege das frequentes enchentes e enxurradas, e garante uma boa colheita de cana-de-açúcar, café e banana, que já estou plantando.

A propriedade já possuía uma grande moradia, construída com troncos de palmito e lama e protegida contra o vento e a chuva com um bom telhado de folhas de palmito. As portas e janelas são de madeira e têm boa fechadura. Ao lado construí um rancho bem espaçoso, que servirá para moer cana e fabricar açúcar. Paul me ajudou nesta empreitada, emprestando-me a soma de mil réis. Ele e o irmão, Adolph, ficaram comigo por quatro semanas para me ajudar a limpar os terrenos e plantar milho, batata, feijão e cana.

Para o próximo ano já espero ter um bom lucro.

Portanto, o senhor pode concluir que fiz um bom negócio, num lugar maravilhoso, graças aos bons conselhos de Herr Blumenau. Ele é uma pessoa verdadeiramente extraordinária, está sempre perto de nós, seus colonos, incentivando-nos com palavras de carinho e orientando-nos com bons conselhos, é um verdadeiro pai para todos! Eu nem consigo descrever a garra e a vontade de vencer deste homem, que vive num pequeno casebre como os nossos, de uma janela só. Ele não

busca influências partidárias e nem protege os ricos, ajuda a todos indistintamente com seu senso de justiça admirável. Imagine só, ele procura melhorar a nossa vida fazendo ele mesmo compras dos artigos de que necessitamos, para conseguir melhores descontos, e nos repassa por preços mínimos. Chega a ter perdas enormes, tudo para ajudar os colonos, pois ele quer ver a colônia prosperar a qualquer custo.

Dá gosto vê-lo no meio dos colonos, servindo-se na mesma tigela do seu feijão mal cozido, tomando da mesma moringa... Em compensação, todos nós o adoramos e rezamos pelo seu sucesso, saúde e felicidade!

Estou contente em saber que as terras daqui são realmente muito férteis; meus vizinhos já estão na quinta colheita de cana-de-açúcar e a terra continua produzindo bem; eu só estou na primeira colheita, que vai acontecer em breve, mas já estou me preparando: no mês de dezembro derrubarei mais 6 ou 8 mil metros de mata e ampliarei as plantações de feijão, cana, batata e milho. Assim que estiver com maior sobra de caixa, iniciarei o cultivo de café, tabaco, cravo e canela, pois existe muito mercado para estas especiarias. No momento minha maior preocupação é construir um celeiro para abrigar minha colheita. Estou economizando para juntar 400 mil réis e poder fazer isto tudo, bem como contratar um empregado para me ajudar por aqui. Já estou procurando, mas quero um homem de meia idade e de origem germânica, que fique morando aqui comigo, assim também terei um pouco de companhia. Pretendo pagar 10 mil réis mensais e arcar com sua alimentação. Estou preocupado com todos estes gastos, e o mais importante é que preciso comprar um tacho de cobre para cozinhar a cana, acho que custará em torno de 120 mil réis.

Pai, comentem com as pessoas de nossa região que serão muito bem vindas por aqui se quiserem tentar a sorte, há uma falta muito grande de profissionais específicos como sapateiros, ferramenteiros, marceneiros e mestres de obras, entre outros. E falem para Nahwold que eu continuo esperando por ele; quando ele quiser vir, não precisa se preocupar com o dinheiro para a compra de terras; eu reparto as minhas com ele e depois compraremos mais!

Como podem ver, está tudo indo muito bem com este seu filho, só o que incomoda um pouco é a solidão e principalmente a falta de uma companheira. Infelizmente já percebi que as mulheres aqui são preguiçosas e relaxadas, apesar de serem bonitas. Para casar terei que buscar uma boa mulher aí na terra natal, espero que procurem uma boa candidata para mim!

Não se preocupe comigo, pois tenho no Dr. Blumenau um verdadeiro pai que zela por mim como se fosse você, papai!

Que Deus nos abençoe e proteja em sua misericórdia.

Por favor, me escrevam logo, estou esperando ansiosamente!

Mil beijos de vosso filho,

Julius Baumgarten

Quando terminou a carta, Julius deu-se conta de seu cansaço e do avançado da hora, e foi logo preparar-se para dormir. Adormeceu enquanto orava agradecendo mais uma vez ao Pai por tudo o que estava lhe acontecendo de bom e novo!

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A rotina de Julius era estafante, pois sozinho ele tinha que dar conta de inúmeras tarefas, tanto as domésticas quanto as relativas à propriedade, que precisava começar a render logo, para que ele pudesse investir mais e progredir. Levantava-se ao primeiro canto do galo, por volta das 5h 30min, todos os dias, e preparava o seu café na organizada cozinha, onde pontificava um escovado e brilhante fogão a lenha. Julius aprendera cedo, com sua mãe, a esfregar o fogão até que brilhasse como uma joia, e ele não esquecera uma só das lições de sua meninice. Procurava viver de acordo com os preceitos aprendidos enquanto vivia com seus pais, na distante Alemanha. A Casa quase não tinha divisórias, apenas o quarto de dormir era isolado do restante do interior, e possuía um belíssimo assoalho de madeira, feito pelas mãos caprichosas de Julius. O fogão era quase a peça central da casa, e acima dele estavam organizadamente penduradas as armas do proprietário, que

não raro as usava em caçadas nas quais capturava cachorros e gatos do mato, gansos selvagens e também cotias, pacas, veados e gambás. Uma caçada era motivo de festa, e acabava virando uma verdadeira comemoração entre vizinhos. Ao lado do fogão, Julius construía uma ampla prateleira de madeira, com cavilhas de engate, trabalho que lhe tomara um enorme tempo, mas o capricho mandava que ele fizesse algo que, além de prático, embelezasse um pouco o casebre. Na prateleira estavam rigorosamente organizadas ferramentas, louças e utensílios domésticos.

Na sala, ampla e arejada, Julius instalara uma grande mesa de madeira maciça, com dois bancos e inúmeras prateleiras onde guardava seus papéis, cartas recebidas, anotações e as preciosas fotos de sua família, amigos e da amada terra natal.

Depois de feita a primeira refeição e arrumada a casa, ele ia para o campo, trabalhando com concentração total na lida da terra, capinando, semeando, arando, executando enfim todas as tarefas necessárias ao sucesso de suas colheitas. Naquela manhã, parara alguns instantes para recobrar o ânimo e enxugar o suor que descia copioso pelo rosto, aproveitando a brisa fresca que aliviava o calor do dia ensolarado, quando ouviu alguns ruídos atrás de si. Virando-se para o mato, que era fronteiro ao local onde estava preparando um pedaço de terra para uma bela horta com verduras e ervas aromáticas, percebeu um vulto em meio à densa ramagem verde do matagal. Sem pestanejar, saiu correndo para a casa e apanhou, sobre o fogão, a sua espingarda, voltando de imediato para o local onde deixara abandonadas as ferramentas de trabalho. Qual não foi sua surpresa ao perceber que a enxada, o arado, as pás, a serra para cortar madeira que levava sempre consigo e todas as demais ferramentas que ali estavam, haviam sumido... Foi entrando no mato, com um aperto no coração, mas disposto a recuperar o que era seu e tinha sido adquirido com tanto esforço e sacrifício. Em meio a terra escura e úmida do chão, percebeu pegadas fresquinhas de muitos pés e logo entendeu que o roubo fora obra dos bugres, como eram chamados os nativos daquela região. Eles eram homenzinhos baixos e muito feios, de pele escura e olhos amendoados, escuros e brilhantes como jabuticabas. Logo Julius foi encontrando pedaços das ferramentas, e os cabos dos machados e pás. O que interessava aos bugres não eram as ferramentas em si, mas sim o ferro que elas continham, e que eles usavam do fabrico de lanças... Julius caminhou durante mais alguns minutos dentro da mata fresca, olhando atentamente para todos os lados, mas logo as marcas sumiram e com elas qualquer vestígio dos ladrões. Furioso com o roubo, Julius nem percebera o perigo que correra, entrando sozinho na mata. Voltou para casa resmungando contra os malfadados selvagens, pois agora teria que ir até o centro da colônia, buscar novas ferramentas para a continuação de seu trabalho.

Depois do almoço com feijão preto cozido, toucinho e mandioca, que eram a base de quase todas as refeições dos colonos daquela região, Julius trocou as surradas roupas de trabalho por algo melhor e tomou a sua canoa, em direção ao centro da colônia. Lá chegando, encontrou inúmeros amigos e foram até a casa do Dr. Blumenau, fazer uma rápida visita.

- Karl Julius, que bons ventos te trazem? – Recebeu-o o chefe da colônia com muita alegria, batendo-lhe amistosamente nas costas. – Que bom que vieste, pois tenho uma ótima coisa para ti, veja! – E esticou um pequeno maço de cartas para o jovem imigrante.

Julius ficou emocionado ao perceber que eram as primeiras de sua família, e recebeu com ansiedade o maço de cartas: tinha carta de seus pais, de Marie, de Emilie e também de seu querido irmão Hermann. Junto estavam também missivas de inúmeros amigos, inclusive de seu grande amigo Nahrwold. Foi sentar-se sob uma jabuticabeira que estava em flor e exalava um delicioso perfume, lendo com sofreguidão carta após carta. Sentiu-se transportado para a distante Alemanha, lembrando-se dos prados verdes e floridos batidos de sol, ou dos cumes eternamente gelados que divisava da janela do seu quarto, na alegre morada da família no distrito de Lehre. Lembrou-se das risadas e brincadeiras dos amigos e da beleza das moças que eles ficavam admirando ao passar, cada qual troçando sobre quem seria sua esposa, deixando-as vermelhas e alegres com suas brincadeiras. Uma saudade funda apertou seu peito e lágrimas teimosas afloraram-lhe aos olhos, lembrando a doçura de sua mãe, mão firme e meiga a conduzir a casa com rigor e perfeição absoluta... As risadas alegres das irmãs, as belas Marie e Emilie, trançando os longos cabelos louros em tardes ensolaradas... As longas conversas com Hermann, o irmão querido e intelectual que

planejava estudar na Universidade de Strassburg, e tornar-se professor. As lembranças se desvaneceram rapidamente com o som da voz de Blumenau, que chamava Julius para uma refrescante caneca de cerveja. Ficaram conversando ainda sobre alguns assuntos, e Karl Julius contou-lhe do roubo dos bugres, que o trouxera até ali para providenciar mais ferramentas e prosseguir o trabalho.

- Sabe, caro doutor, preciso contratar alguém para me ajudar. Sozinho está difícil de tocar a propriedade e cuidar também da casa. Se o senhor puder me ajudar...

- Mas é claro, Julius... Fica tranquilo que eu vou procurar um casal bem responsável para trabalhar e morar contigo. Qualquer novidade que surgir eu te informo!

Despediram-se amigavelmente e Julius tomou o rumo de casa, pois planejava retribuir a visita de Gustav Pauls, conhecendo a sua propriedade e sua família. Karl Julius chegou à propriedade de Gustav com os últimos raios de sol, e subiu o barranco batendo palmas e chamando alegremente pelo amigo.

Gustav veio correndo ao seu encontro e demonstrou muita alegria em revê-lo:

- Olá, amigo Julius! Que bom que resolveste retribuir a minha visita. Vem, quero te apresentar a minha família! Agnes, vem depressa conhecer nosso vizinho!

Julius observou quando a bela moça, de pouca idade, mas já com aparência de matrona devido à gravidez, se aproximou deles. Não teria mais de vinte anos e tinha cabelos ruivos muito brilhantes. Seu rosto largo não era belo, porém exalava simpatia e bondade. Veio sorrindo e estendeu a mão para Julius, cumprimentando-o com vigor. Julius sentiu que suas mãos eram ásperas e calejadas do trabalho, mas o aperto era firme e sincero. Conheceu também as crianças, que eram uma divertida mistura de lourice de Gustav e da mãe ruiva.

A casa era muito bem instalada e tinha dois andares. Os quartos de dormir, todos separados, ficavam no andar de cima e havia uma bela varanda junto a eles, onde ficaram sentados em agradável conversa vendo a noite cair. Julius fez menção de ir embora, mas o casal foi irredutível: ele teria que ficar para a janta, de qualquer jeito. Enquanto Agnes preparava a refeição, Julius comentou com o amigo:

- Como é bom ter uma esposa, *hein*, companheiro! Queria estar em teu lugar! Mas assim que for possível vou para a Alemanha buscar uma bela jovem para casar comigo!

- Eu já te disse que esta estratégia não é boa, Julius. Agnes é daqui mesmo, nasceu na colônia de Itajaí Grande, filha de imigrantes alemães. Está habituada ao trabalho duro e é uma grande companheira. E ela tem amigas muito bonitas e tão trabalhadeiras como ela, que são daqui também. Acho que devias pensar em casar aqui mesmo...

Julius nada disse, mas continuava pensando da mesma forma. Admirava as mulheres brasileiras, achava-as lindas com seus grandes olhos escuros e seus traços finos, mas observava que eram relaxadas e mal vestidas. Achava-as também muito preguiçosas, dependendo dos escravos para quase todas as tarefas, embora elas adorassem os alemães e olhassem com cobiça e desejo quando eles passavam. Ele já tinha tido oportunidade de visitar algumas propriedades de brasileiros em Itajaí Grande e percebera os olhares indiscretos e fogosos que muitas jovens lhe haviam dado. Apesar de ficar perturbado, ignorava esta atenção, pois não queria se envolver com elas. E ele acreditava que as filhas de imigrantes também se contaminavam com este jeito das moças locais.

- Tu és um sortudo, tiraste a sorte grande com tua boa Agnes! Mas nem todas são assim, Gustav!

- Se pensas assim, precisavas conhecer a Gretchen, amiga da Agnes. Ela é filha do Peter Wagner, o pioneiro. É um primor de moça, Julius! Como a mãe é doente, cuida da casa toda e dos irmãos menores e traz tudo numa limpeza e capricho que nem imaginas. E tem um par de olhos brilhantes que cativa qualquer um!

- Vamos deixar este assunto para outra hora, meu amigo! – Desconversou Julius. – Eu queria te falar de uma ideia que tive. Hoje fui ao centro da colônia, comprar ferramentas, como já te disse. E sabe do que eu senti muita falta? De uma hospedaria, como tínhamos em Lehre, para encontrar os outros colonos e tomar uma caneca de chope. Acho que já existe espaço para um negócio deste tipo lá na sede... Se eu tivesse um sócio corajoso, era capaz de arriscar algo assim!

Gustav e Julius conversaram longamente sobre o assunto, trocando ideias e fazendo planos que iriam resultar numa longa amizade e numa sociedade profícua. Depois do gostoso jantar, Julius partiu a contragosto, pensando na casa fria, escura e vazia que o esperava.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Os dias passaram, numa sucessão de trabalho, esforços e emoções para o jovem imigrante, que muitas vezes voltava os olhos sonhadores para o céu estrelado, pensando na pátria e na família distantes, mas sempre com muita esperança e fé no coração. Julius amava a sua nova terra, e se encantava com sua flora e fauna ricas e diversificadas. Sentia um calor no coração, cada vez que via uma revoada de papagaios, tucanos e caturritas, com seu colorido vivo e seu alarido estridente. Às vezes caçava algum papagaio, cuja carne era adocicada e de um sabor inigualável, mas preferia mesmo vê-los voar livres, com seu colorido alegre contra o azul profundo do céu da colônia.

Junto às cartas que chegavam regularmente da família, e que ele respondia assim que podia, vieram sementes de flores colhidas e secas ao sol europeu pelas mãos amorosas de sua mãe. Julius plantou-as com carinho e cercou-as de todos os cuidados, e logo seu jardim era uma festa de cores e aromas. Rosas, goivos, anêmonas, delicadas angélicas, petúnias de colorido forte e gardêneas de um aroma estonteante se misturavam, resultando num todo de cor e beleza incomparáveis. Ao lado do jardim, uma horta onde se destacavam canteiros impecáveis que ofereciam pepinos, repolhos, alfaces, cenouras, ruibarbos e muitas outras verduras saborosas que eram aproveitadas na cozinha da casa. O destaque no pomar eram 14 videiras que Julius cultivara com especial atenção. Muitos pés de abacaxi ofereciam ao sol sua folhagem pontiaguda e a promessa de frutos suculentos e saborosos. Quando Julius admirava o fruto de seu trabalho, duas coisas lhe ocorriam: como seria maravilhoso ter uma esposa para dividir tudo isto, e que alegria teria em visitar sua família na Alemanha, levando tudo isto para que eles conhecessem estes exóticos e deliciosos frutos de terras tão distantes. Ele continuava sonhando com uma esposa e com um sócio alemão, mais especialmente seu dileto amigo Nahrwold, que ele continuava esperando. Apesar disso, sua amizade e seus planos com Gustav continuavam prosperando, e eles esperavam no ano seguinte poder instalar a hospedaria no *stadplatz* da colônia.

Naquela noite, depois de uma bela refeição em que comera pepinos, uma enorme salada de alface temperada com limão e açúcar e algumas colheradas de nata fresquinha, acompanhando a carne seca cozida com farinha de mandioca e bebera duas grandes canecas de leite fresco e cremoso, sentou-se à mesa da sala, depois de tudo arrumado, para escrever mais uma carta para o seu pai:

Itajaí Grande, 24 de setembro de 1853.

Amado e caríssimo pai,

Espero que você esteja recebendo sempre as minhas cartas, contando de tudo o que me acontece, para que fique menos preocupado comigo.

Já estou há meio ano no Brasil e, mesmo que ainda não tenha me entrosado completamente com os costumes desta estranha terra, cheguei à conclusão de que viver aqui é uma maravilha, principalmente para pequenos agricultores com pouco dinheiro, como eu! Com humildade e trabalho, qualquer pessoa pode economizar e adquirir alguns lotes nesta região. Estou feliz comigo mesmo e me sinto realizado! Alcancei a felicidade que tanto me fazia falta. As únicas coisas que ainda me faltam são uma esposa e o meu amigo Nahrwold, que eu ainda espero que venha para junto de mim, me ajudar com meus empreendimentos.

Em novembro começo o trabalho pesado, o de preparar o solo para o novo plantio em fevereiro. No próximo ano pretendo cultivar, além de cana, café, milho, batata e feijão, também trigo e centeio. Quero também comprar algumas cabeças de gado.

Gostaria de lhe falar sobre as despesas e lucros que obtive neste semestre:

Ao Paul Kellner preciso pagar 300 mil réis pelo empréstimo que me fez. Minhas outras despesas até agora são: aproximadamente 200 mil réis com despesa de mão de obra, 200 mil com despesas de alimentação e 20 mil réis para construção do meu rancho. Meu lucro total com a venda do que plantei foi de 780 mil réis, mas deste total gastei 720 mil. Tenho portanto uma sobra de 60 mil réis, que preciso empregar para os seguintes gastos: um cachorro, por 5 mil réis, 6 galinhas e 6 gansos por 6 mil réis e 2 porcos por 20 mil réis. Ainda me sobrarão 29 mil réis que reservarei para comprar as sementes do novo plantio e cigarros. No entanto, tenho um problema e por isto estou recorrendo a sua ajuda, querido pai: para fabricar o açúcar vou precisar de um tacho de cobre, cujo preço é 120 mil réis; uma prensa de 80 mil e dois bois, por 100 mil réis. Eu não tenho este dinheiro e não tenho certeza de que o meu amigo Nahrwold venha para repartir a sociedade comigo. Nós temos falado muito sobre isto em nossas cartas, mas ainda nada é certo, portanto recorro ao senhor. Aqui também há alguns colonos que fazem empréstimos, mas os juros são muito altos, eu não queria cair nesta. Eu também poderia vender uma parte das minhas terras, para fazer frente a estas despesas. De alguma forma, darei um jeito!

Despeço-me desejando-lhes toda a felicidade do mundo. Acredite, pai: sou um homem feliz e realizado, não fique preocupado comigo, pois estou bem confiante em um futuro promissor.

Mande minhas lembranças aos nossos conhecidos de Lichtenberg e também ao Mestre Gudeck.

Que Deus os conserve sempre em saúde e tranquilidade.

Mil beijos e abraços do seu filho,

Julius Baumgarten

Nos primeiros dias de outubro, Julius que estava na cozinha preparando o *Früstig*, ouviu muitas vozes animadas e um chamado alegre e insistente:

- Ó de casa, Sr. Prefeito... Venha receber suas visitas!

Saindo para o sol ofuscante da manhã, Julius deparou-se com o Dr. Blumenau, acompanhado de quatro pessoas que esperavam. Ele tinha desenvolvido o hábito de chamar Julius de Sr. Prefeito de forma brincalhona, mas sempre repetia que Julius e sua descendência seriam muito importantes para a sua amada colônia.

As apresentações logo revelaram os desconhecidos que estavam com Blumenau. O casal Schack com sua filha tinha vindo da colônia Dona Francisca e se dispunham a trabalhar para Julius. August Schack era um jovem de 28 anos, forte como um touro, de cabelos louros e pele fina eternamente avermelhada pelo efeito do sol. Era daqueles, cuja pele jamais ficaria bronzeada, por mais que se expusesse ao sol. Mas era simpático e sorridente, e se revelaria um excelente trabalhador. Sua mulher, Riecke, era bem mais velha do que ele, estando próxima dos 40 anos. Era ruiva e grandalhona, algo desajeitada e muito circunspecta. Seu rosto parecia não ter aprendido a sorrir, mas era valorosa e fiel como um cachorro perdigueiro e tinha mãos de fada na cozinha. Suas geleias, doces e conservas logo ficariam famosos em toda região, e sua comida era saborosa e criativa. Junto a eles estava a pequena filha Siegrid, com enormes tranças ruivas caindo pelas costas largas. Ela se escondia parcialmente atrás das largas saias de sarja grosseira da mãe, e só seus imensos olhos azuis se destacavam no rostinho sardento e pequeno.

O acerto foi feito ali mesmo, sob o sol escaldante daquela manhã de outubro de 1853, e mal eles sabiam que seria para o resto de suas vidas. Ambos estavam ansiosos para que desse certo: Julius precisava desesperadamente de companhia e ajuda no trabalho, e a família precisava de casa, comida e abrigo!

Blumenau não apresentou o quarto personagem que viera naquela manhã. Era Draeger Sewald, que viera no mesmo navio com Julius. Eles tinham simpatizado um com o outro já durante a viagem, e Julius lamentara quando ele comentou que iria ficar em Itajaí Grande, para trabalhar como torneiro mecânico, que era sua profissão, em um engenho daquela região. Pois agora ele estava lá, e tinha acertado com o Dr. Blumenau para ficar com as terras limítrofes à propriedade de Julius, o que o deixara muito feliz. Agora teria um amigo por perto, e com a vizinhança de outra propriedade suas terras iriam valorizar ainda mais. Foi um dia de muita alegria e conversas, em que Karl Julius compensou os muitos dias em que não via ninguém e pôde comemorar o fato de sentar-se à mesa

sem ter que preparar o jantar. Riecke esmerou-se, procurando mostrar o que sabia e todos apreciaram a lauta refeição: bolinhos de farinha cozidos e depois refogados com pedaços de toucinho, um enorme pedaço de carne ensopado no tacho de ferro, com um rico molho escuro que escorria entre as batatas cozidas e fumegantes e legumes quentes, temperados com manteiga e ervas aromáticas. Aquela noite foi animada e iniciou um longo período de alegrias para Julius, que ficou conversando até tarde com Draeger. Este ficaria hospedado em sua casa até que eles construíssem a dele.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O mês de dezembro trouxe para os imigrantes um fato que até então desconheciam, e que iriam amargar muito até se acostumarem: o tremendo calor que fazia na região. A umidade emanada do imenso rio Itajaí-Açu parecia grudar nas roupas e na pele, causando uma sensação de amolecimento, que era difícil de combater sob o sol de mais de 40 graus. A enxada pesava como se tivesse uma tonelada, e se tornava quase desumano persistir no trabalho nas horas mais quentes do dia. Mas os firmes colonos alemães queriam vencer e enfrentavam o trabalho com vigor e disciplina. Naqueles dias nem o calor poderia desanimar Julius, pois recebera a notícia mais esperada: seu grande amigo Nahrwold viria enfim para morar e trabalhar com ele. Escreveu uma carta esperançosa para a família, mandando dizer que se alguma moça forte e de boa família quisesse vir junto para casar-se com ele, seria bem aceita. Ele tinha esperanças principalmente com Eugênia e Sophie, duas belíssimas garotas de Lehre que ele sempre admirara e, intimamente, desejara para si. Mas o sonho se desvaneceu com a chegada de notícias da Alemanha, informando que ambas já estavam noivas e até de casamento marcado. Julius ainda sonhava ir para a Alemanha buscar uma noiva, mas o sonho ia ficando cada vez mais remoto e impossível. O que Julius não podia entender era a dedicação de Herr Blumenau, já com mais de 30 anos e ainda sem esposa, tendo ele condições de ir para a Alemanha buscar uma se assim desejasse. - Se eu estivesse no lugar dele, não titubearia em buscar logo uma companheira! – Refletia Julius para si mesmo.

Naqueles dias quentes, Julius trabalhava com vigor redobrado, apesar do calor que amolentava o corpo. Além de fazer todas as suas tarefas ao lado do fiel August, seu empregado, estava auxiliando Draeger na construção de uma choupana e na abertura das primeiras roças. E seu ânimo não diminuía, pois esperava ansioso a vinda do querido amigo Nahrwold, para enfim repartir com ele seus sonhos e ilusões. Seus pés estavam cheios de chagas provocadas pelo intenso trabalho sob o sol causticante, e seu único alívio vinha à noite quando Riecke colocava unguento feito em casa sobre as feridas, proporcionando-lhe um refrigério nas dores e ardor.

Nestes momentos observava a empregada, sempre muito séria e circunspecta. Ela era grande, feia e muito teimosa. Às vezes ele assistia calado a algumas discussões entre o casal de empregados, e percebia que ela era uma mulher muito difícil. Sofria com a aclimatação e negava-se a colocar tamancos, andando dia e noite com os pés descalços, dentro e fora de casa. Isto a deixava constantemente gripada e com alergia nos olhos, que estavam quase sempre injetados e com secreções amareladas, o que prejudicava ainda mais a sua já duvidosa plástica. – Este é o problema – pensava nestas horas, Julius. Às vezes cortejamos uma donzela bonitinha e acabamos com um dragão dentro de casa! E ria para si mesmo, sem levar estes pensamentos muito a sério, afinal de contas, Riecke era dedicada e muito trabalhadeira.

Era tempo de natal, festa por demais importante para Julius. Procurou afastar a tristeza pela ausência da família e procurou planejar a melhor festa possível nas suas terras. Logo, porém, chegou o convite do Dr. Blumenau para que fosse participar da comemoração em sua propriedade, onde além do natal, festejariam, no dia seguinte, (26 de dezembro) o seu aniversário. Na oportunidade seria também rezado o culto, o primeiro a que Julius assistiria em terras brasileiras. Sendo filho de pastor, sentia muita falta dos ofícios religiosos em sua vida, e esta perspectiva o deixou animado.

Para a festa de natal, cada colono doou galinhas e gansos que foram assados pelas mulheres no grande forno de lenha que havia atrás da casa do Dr. Blumenau. Como acompanhamento, batatas

assadas e cobertas com manteiga fresquinha, pepinos, cenouras, couve-flor e vagens cozidas e douradas na manteiga e servidas com creme de leite fresco, enormes potes de chucrute adocicado, frutas em calda e muitos peixes, pescados no rio Itajaí-Açu pelos colonos e assados dentro de folhas de bananeira com muitas ervas aromáticas.

Harzberg e Friedenreif trouxeram suas gaitas e a música foi até tarde, com todos dançando no pátio de terra varrida e seca que ficava diante da casa do Dr. Blumenau. Todos os colonos estavam presentes, mesmo aqueles que criavam encrenca o ano todo e viviam reclamando da vida, sentindo-se enganados pela sorte. Julius estava radiante, pois se considerava um felizardo por estar ali, ter sua propriedade, seus animais e plantações e com quase todas as dívidas pagas. Era benquistado por todos e, principalmente, tinha o apreço do Dr. Blumenau, que vivia batendo em seu ombro e chamando-o de “Sr. Prefeito”! Dormiram todos ao relento, pois o clima ameno permitia isto, em esteiras de palha enfileiradas no pátio e, no dia seguinte, seguiram radiantes para a igreja da cidade, onde aconteceu o culto. O professor Ostermann fizera uma bonita prédica, e deixara todos emocionados. Ao final, conversavam em pequenos grupos diante da igreja quando o Dr. Blumenau veio ter com Julius, trazendo ao lado o professor Ostermann. Julius foi logo dizendo:

- Professor, quero lhe agradecer pela bonita prédica. Como deve saber, eu sou filho de pastor e posso lhe afirmar que o senhor esteve à altura das melhores tradições da nossa igreja!

- Isto é algo que me preocupa, Julius. Como professor licenciado para o estado, a lei brasileira me permite rezar cultos, mas não tenho licença da nossa igreja para pregar e só fiz isto por deferência especial ao meu querido Dr. Blumenau, que não queria deixar os seus colonos sem a bênção de Natal, mas...

- Não se preocupe mais com isto! Vou escrever já para o meu pai e pedir que autorize o senhor a realizar cultos dominicais, batizados e casamentos. Pela sua posição na hierarquia da igreja, ele pode dar esta autorização, e eu vou contar a ele como o senhor falou bonito!

Dizendo isto, sorriu jovialmente, feliz em poder ajudar seu grande amigo Dr. Blumenau, de quem era admirador.

- Está vendo só, é por isto que chamo este rapaz de “Sr. Prefeito”, brincou Blumenau.

No dia seguinte todos festejaram o aniversário de Herr Blumenau, que completava 33 anos e depois tudo voltou à rotina normal, sob o rigoroso calor do verão brasileiro. Julius pensava em sua família, que devia estar enfrentando o gelado inverno europeu, e em como ficaria feliz em mandar peles de animais nativos que ele caçava aqui com tanta frequência, para que eles aquecessem seus pés... Mas infelizmente não era possível!

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

No início de fevereiro, Julius resolveu fazer uma rápida viagem. Iria até Itajaí Grande comprar novos porcos para a sua propriedade e já aproveitaria para recepcionar Nahrwold, que finalmente viria da Alemanha para fazer sociedade com ele. Apesar de sua impaciência e ansiedade, o barco trouxe um belo grupo de novos imigrantes, mas não trouxe Nahrwold. Na última hora ele teve problemas e não pôde vir, retardando a sua partida para o próximo navio que a companhia de navegação de Christ e Math Schoder, de Hamburgo, mantinha. Assim sendo, ele só chegaria dali a um mês. Julius recepcionou os novos imigrantes, que somavam 20 pessoas de três diferentes famílias. Duas destas famílias eram suas conhecidas, os Starken e os Fischer, e ainda em viagem acertou ceder parte de suas terras para que eles se estabelecessem por perto. Cada vez mais seus interesses no centro da colônia aumentavam, e ele falava constantemente com Gustav Pauls para que eles montassem uma hospedaria na stadplatz, o que acabaria acontecendo ainda naquele ano de 1854. Junto aos novos imigrantes veio também um farmacêutico, que foi recebido com imensa alegria pelos colonos, pois significava uma segurança a mais, principalmente naqueles tempos de constantes epidemias de gripe. Com eles veio também o esperado dinheiro que o pai lhe mandara, e desta forma Julius pôde acertar todas as suas dívidas e dormir mais tranquilo.

Finalmente chegou o dia em que recepcionaria seu grande amigo Nahrwold na colônia. Desde cedo estava impaciente, andando para dentro e para fora de casa, arrancando pequenas ervas daninhas

dos canteiros na sua passagem, apenas para que o tempo passasse mais ligeiro. Finalmente divisou ao longe a longa barca que trazia os colonos de Itajaí Grande. Quando ela se aproximou da margem arenosa do rio que circundava a sua propriedade, viu saltar a figura alta e empedernida do seu grande amigo. Depois de tantos meses, a saudade viera à tona e seus olhos se encheram de lágrimas enquanto via o amigo se aproximar. Ele usava botas de cano alto e roupas de cidade, que agora pareciam algo anacrônico e irreal para Julius, que passara os últimos meses metido em calças surradas e camisas de meia. Abraçaram-se com imenso carinho e Nahrwold despenteou os cabelos de Julius, num gesto que era muito seu. As horas passaram céleres enquanto eles conversavam e colocavam em dia todas as notícias. Quando a noite chegou, Riecke serviu-lhes um lauto jantar, preparado com duas galinhas que Julius mandara matar especialmente para recepcioná-lo. Com elas, Riecke preparara um caldo grosso e aromático, com muitos ovos cozidos e legumes boiando. Comeram até fartar-se e depois foram para a rua, sentar sob a luz das estrelas para acender e fumar seu cachimbo. Conversando com Nahrwold na quente noite veranil, Julius comentava sonhador e algo melancólico:

- Agora percebo que me iludi no começo, achando que logo iria para a Alemanha visitar minha família e buscar uma esposa. É quase impossível abandonar a propriedade e fazer frente a este gasto, acho que não irei nunca mais para casa...

- Você já está em casa, meu querido amigo. Agora esta aqui é sua casa – completou Nahrwold, apontando o imenso e estrelado céu noturno e a mata sussurrante que se avizinhava deles.

Julius, emocionado, agradeceu a Deus por tantas bênçãos recebidas no ano que passara, completadas agora com a inestimável presença do amigo.

Os próximos dias foram de trabalho exaustivo. Julius e Nahrwold estavam preparando tudo para ampliar os negócios, agora que estavam em dupla. Seus planos eram construir uma serraria, que Nahrwold pretendia tocar, pois entendia deste ofício e era o seu grande sonho. Juntos, saíam antes de o sol raiar e trabalhavam como mouros, felizes pelo simples fato de estarem juntos e de seus planos, finalmente, estarem começando a dar certo.

Aproximava-se a Páscoa, e o Dr. Blumenau veio visitá-los e fazer um convite:

- Então, Sr. Prefeito, vejo que estás bem mais feliz agora que o teu amigo está aqui! Eu vim te convidar para dar as graças no culto especial que realizaremos no domingo de Páscoa! Que me dizes, aceitas?

- Eu nem sei o que dizer, *Herr* Blumenau. É uma grande honra para mim e um sinal ainda maior de sua confiança. Prometo ser merecedor dela!

Assim ficou combinado, e os próximos dias foram de extrema apreensão para Julius, preocupado com o seu papel no culto pascal. Se tivesse tempo, pensou, seria tão bom recorrer ao pai... Mas, não! Não seria justo com seus amigos, ele tinha que ser ele mesmo e falar com suas próprias palavras. Gastou muita pestana à luz da lamparina, nas noites que antecederam o domingo pascal, mas no dia estava preparado!

Quando Julius saiu ao sol daquele domingo, Nahrwold deu um assobio brincalhão, comentando:

- Mas como estás garboso, meu amigo! Hoje acho que vais conquistar o coração de alguma donzela para o resto de tua vida!

- Não zombe de mim, pois estou bastante nervoso, Nahrwold!

Julius estava vestindo sua melhor roupa, e seu porte elegante destacava-se de maneira especial. Os cabelos, que estavam um pouco longos demais, ele havia amarrado atrás, à moda dos cavaleiros antigos e a barba, com alguns fios prateados, ele havia aparado de forma impecável. O laço que arrematava a camisa imaculadamente branca era brilhante e dava-lhe um charme cosmopolita, diferente do traje comum de trabalho que estava acostumado a vestir.

Ao chegarem à pequena e tosca igreja da colônia, Julius pôde conferir que realmente estava fazendo bela figura, pelos olhares que despertou.

Colocou-se à frente no púlpito, e começou a falar de maneira pausada e impostada, como sempre vira seu pai fazer. A emoção daquele momento tomou conta dele, levando-o a um estado de semi-êxtase, num encontro muito pessoal com Deus e sua própria fé.

Súbito, seus olhos encontraram-se com outro par de olhos meigos e castanhos, que o fitaram fixa e admiravelmente. Julius sentiu um estremecimento causado pela força e pela meiguice daquele olhar. Os olhos especiais pertenciam a uma garota que era toda graça e beleza. Longos cabelos também castanhos, que à luz do sol tiravam reflexos dourados, emolduravam um rosto de pele muito alva, quase rosada, como louça de Sévres. Os lábios vermelhos diminuía um pouco a aura angelical e lhe davam um toque de pecado e malícia, pois eram polpudos, prometendo beijos e sussurros. O porte era elegante e magro e parecia muito firme, apesar de bem menina ainda.

Sentava-se empertigada e altiva ao lado de um homem muito alto, de cabelos já prateados e longos e barba pontuda, que lhe lançava de quando em vez olhares severos, porém amorosos. Pelo porte, percebia-se claramente que era seu pai. Ela devia ter uns 14 ou 15 anos, mas já tinha seios bem formados, cujo formato arredondado e opulento se percebia através da renda branca da blusa. Também os quadris eram arredondados, demonstrando uma feminilidade já bem definida. Julius estava hipnotizado pelo olhar forte e firme que ela lhe dirigia, e quase não pôde tirar mais os olhos dela, até o final do serviço. Os olhares não passaram despercebidos ao seu pai, que os olhou com severidade e reprovação muda. Nahrwold dava risadinhas galhofeiras e olhava de lado para o amigo, que estava com ar embasbacado.

Ao final do culto, na praça iluminada de sol, todos se acercaram de Julius, cumprimentando-o pelas belas palavras e pela maneira formal com que tinha conduzido o serviço e lembrado a todos a comemoração pascal. Julius sorria, agradecia e conversava, mas seus olhos procuravam incessantemente a bela jovem cujos olhos o tinham hipnotizado durante o culto. Súbito, viu-a conversando alegremente com um grupo de pessoas. Gustav Pauls, sua esposa Agnes e seus filhos estavam parados perto de um grupo de toscos bancos de troncos e a jovem e seu pai conversavam animadamente com eles. Julius fez menção de se encaminhar para lá, mas Nahrwold, que observara tudo, segurou-o discretamente pela manga da camisa e disse, entre dentes:

- Julius, não vai fazer besteira... O pai da mocinha já te deu algumas fuziladas pelos olhares indiscretos que vocês trocaram durante o culto. Fica aqui e depois nós vamos conversar com Gustav e saber mais detalhes.

A pequena comunidade foi se dispersando, uns tomando canoas e voltando aos seus sítios, outros caminhando ou ainda montando em seus cavalos, e para quem morava mais distante, a solução eram as charretes toscamente construídas e puxadas por belos cavalos escovados e bem tratados.

Julius já estava possuído de uma inquietude e o dia, ensolarado e manso, não lhe deu sossego. Queria a todo custo saber mais alguma coisa sobre a misteriosa mocinha que o tinha olhado com tanta firmeza. Ao cair da tarde, finalmente convenceu Nahrwold a ir até a propriedade de Gustav Pauls, para conversarem.

Assim que Gustav os viu chegar, veio ao seu encontro com um certo ar de riso e foi logo dizendo:

- Eu bem que disse para a minha Agnes... Podes ter certeza de que hoje ainda aquele alemãozinho Baumgarten vai aparecer por aqui. E acertei! – Disse às gargalhadas e batendo amigavelmente nas costas de Julius e do amigo. – Vamos entrando que ainda tem café e cuca na mesa. Eu já sei o que tu queres, Julius... Eu bem que te falei que aqui tem muita moça bonita e boa para casar, mas não querias nem me ouvir falar... E caiu novamente na risada, divertindo-se com a aflição de seu amigo. Sentados à mesa, saboreavam uma gostosa cuca de bananas com café fresquinho e aromático, enquanto conversavam. Para disfarçar a sua ansiedade, Julius falou ao amigo:

- Gustav, hoje eu tive a certeza de que aquele negócio na cidade vai dar certo. Se tivéssemos uma hospedaria no *stadplatz*, teríamos faturado após o serviço. Isto está fazendo falta lá na colônia. Se tu concordares, esta semana eu vou para Itajaí Grande e faço as compras, enquanto Nahrwold vai tirar e aplinar a madeira para construirmos o barracão. Tu ficas encarregado da construção, e já podemos funcionar dentro de algumas semanas. Eu já conversei com o Dr. Blumenau e ele concordou e até se animou com esta perspectiva. Assim todos nós teremos mais alguma renda para acrescentar ao nosso pé-de-meia...

- Eu concordo, pois também acho que já é hora de termos uma casa de comércio aqui na colônia. Mas agora que estamos acertados, puedes falar do real assunto que te trouxe aqui! – Gustav não deixava por menos, e estava saboreando a agonia do amigo, que tantas vezes tinha discutido com

ele sobre a questão do casamento, afirmando que as boas esposas vinham mesmo da Alemanha. – Ficaste encantado com a nossa boa Gretchen, não é mesmo?

Ao ver que Julius olhava para ele com ar embasbacado, completou:

- Pois é, esta é a garota da qual tantas vezes te falei, filha do pioneiro Peter Wagner e amiga de Agnes. Ela nasceu aqui no Brasil, é uma moça simples, mas vale tanto quanto qualquer dama alemã de estirpe...

- Acho que ela vale muito mais, mas pode ir desistindo da ideia, Julius... Acrescentou Agnes, saboreando ela também a sua vingança pessoal. – A Gretchen é muito nova e o pai dela não quer nem ouvir falar de ela casar. Além do mais, quem executa e coordena todos os serviços domésticos na casa deles é a Gretchen, pois sua mãe é muito doente, quase não pode fazer nada. Como ela é a mais velha...

- E quantos irmãos ela tem? – Perguntou Julius ansioso e ignorando a advertência da amiga.

- Bom, são oito, mas apenas Eugênio, Dorotéia, Catarina e Gertrudes podem ajudá-la de alguma forma. Os outros quatro são pequenos e ela praticamente os está criando... Gretchen é meiga e obediente, jamais vai contrariar os seus pais. Além disso, ela acabou de fazer a confirmação. Nós fomos juntos para a colônia Dona Francisca, onde ela foi confirmada há dois meses. Para o pai é apenas uma criança ainda!

Julius calou-se, pensando naquele par de olhos castanhos. Eles não conhecem esta moça a fundo – pensou ele, de si para si – ela tem a firmeza de um carvalho, e se ela decidir algo, ninguém vai dissuadi-la!

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

As próximas semanas foram de intenso trabalho, pois além de cuidar dos afazeres normais da propriedade, Julius e Nahrwold, juntamente com o sócio Gustav, estavam tomando todas as providências para a inauguração da pequena venda e hospedaria no centro da colônia. Ela havia sido erguida próximo ao pátio onde ficavam a tosca igreja da comunidade e o barracão de recepção e triagem de novos colonos, que continuavam chegando a cada mês. O Dr. Blumenau também estava construindo uma pequena casa, que serviria de escritório, para estar no centro de onde tudo acontecia, pois a sua propriedade distava dali alguns quilômetros. Nahrwold havia caprichado, e as belas tábuas de madeira dourada recendiam ao sol, prometendo uma construção sólida e bonita. Agnes preparou belas floreiras dentro de troncos de aroeiras e plantou flocos coloridos, bocas-de-leão, papoulas e margaridas, dando um toque alegre à entrada do estabelecimento. Julius usou seus dotes como marceneiro e fez um comprido balcão de canela, que atravessava todo o estabelecimento, servindo de base para todo o trabalho.

Tudo estava pronto, e a hospedaria seria inaugurada naquele domingo, dando chance a todos os colonos de vir provar uma bela caneca de chope. Naquela noite, Julius estava sentado sobre um tronco, fumando seu cachimbo e olhando para a miríade de estrelas que luziam em diferentes intensidades no imenso céu negro, envolto na escuridão noturna como quem se envolve numa cobertura de penas de ganso. O clima ameno favorecia a vigília noturna, e seus pensamentos voavam. Reviu mentalmente a bela Margarethe, suspirando ao pensar no seu doce nome. Um estremecimento tomou conta do seu corpo ao lembrar sua figura esbelta, o rosto de louça, os seios redondos... É, Julius, está mais do que na hora de casar... – pensou intimamente. – É só passar a inauguração e eu vou tratar de me aproximar dela!

O domingo amanheceu radioso, o que muito auxiliou nas vendas daquele primeiro dia. Todos os colonos queriam encostar-se no comprido balcão de canela e saborear uma caneca de chope ou um trago de *chnaps*, relembando desta forma a velha terra natal. Alguém trouxe o bandoneon e houve muita cantoria, os homens com sua voz grave evocando sempre a “Heimatland” com velhas canções alemãs; a alegria reinou durante todo aquele dia. As mulheres vinham junto de seus maridos, para aproveitar e comprar algum gênero mais necessário que a casa oferecia, e acabaram formando grupos álares e coloridos no lado de fora da pequena venda, esperando seus maridos que conversavam encostados no balcão.

Julius estava tão ocupado que nem percebeu quando Peter Wagner entrou no estabelecimento. Gustav lhe deu um cutucão e em seguida cumprimentou com alegria:

- Então, também veio conhecer nosso negócio, *Herr* Wagner. Obrigado pela honra!

- Minha filha estava precisando de algumas coisas, e vim com ela para ver se encontramos aqui – disse com voz algo ameaçadora, fazendo com que Julius levantasse a cabeça e desse com os olhos de Margarethe, que olhava diretamente para ele. A emoção fez disparar o seu coração e deixou-o visivelmente rubro. Constrangido, tentou falar com voz normal, mas só conseguiu emitir um sussurro, provocando um sorriso em seu rosto delicado. Ao sorrir, mostrou uma fileira de dentes branquinhos e regulares, o que deixou Julius ainda mais encantado. Ele tentou acercar-se deles junto ao balcão, mas tropeçou num enorme saco de linhaça que estava no chão e estatelou-se sobre alguns barris, provocando risadas gerais e descontraindo o ambiente. Gustav veio em seu socorro e atendeu Gretchen, enquanto ele servia as bebidas, sempre olhando de lado para ela, que sorria de forma doce, demonstrando que percebera sua atenção. Seu pai conversava com os outros colonos e parecia um pouco alheio ao que estava acontecendo com a filha. Julius aproveitou e acercou-se dela, falando com suavidade:

- Gostaria de conversar melhor contigo, vamos dar uma volta até a igreja?

Gretchen olhou de lado para o pai, que parecia bastante entretido na conversa com os outros colonos e assentiu com a cabeça. Foi saindo de fininho, e Julius seguiu-a da maneira mais ocasional possível. Quando se encontraram ao sol, Julius pode perceber como era bela, e apenas uma menina. Seu rosto era de uma brancura leitosa, e a pele parecia muito macia. Julius sentiu ímpetos de passar a mão naquela maciez, mas se conteve para não assustá-la.

Enquanto caminhavam, Julius foi contando de sua vida, de suas experiências na Alemanha e da sua vinda para o Brasil. Terminou enfatizando que se sentia muito só e precisava de alguém para dividir tudo o que estava construindo. A alusão foi clara e Gretchen sorriu enrubescida. Contou por sua vez um pouco de sua vida e de sua família, comentando que sua mãe era doente e era ela quem cuidava de tudo, como filha mais velha da casa.

- Então serás uma boa esposa, pois já tens uma prática e tanto, não é mesmo?

Margarethe não respondeu, e saiu caminhando para longe dele, com ar de expectativa. Julius foi ao seu encalço e disse, de forma atrevida:

- Gretchen, posso te chamar assim? Gostei tanto de ti, desde a primeira vez que te vi na igreja, no ofício da Páscoa. Será que podemos ser amigos?

- Eu acho que o meu pai não vai gostar muito desta ideia, Julius. Ele vive dizendo que sou muito jovem e que eu tenho que ajudar a minha mãe... Ela deixou a frase suspensa no ar, com seus significados ocultos. – E eu acho melhor voltar, senão posso levar uma bronca...

Julius tomou furtivamente a sua mão e depositou um beijo roubado; saiu correndo em seguida, sem olhar para trás.

Estava admirado com sua própria ousadia, porém não arrependido. Seus lábios ainda queimavam pelo contato com a pele dela, e esta lembrança acompanhou-o por todo o dia, causando-lhe periódicos frêmitos de alegria.

- Gostaria de saber o que deu neste rapaz, Nahrwold? – Perguntou Gustav com ar de riso ao final do dia, quando faziam as contas do movimento. – Parece que viu um duende na floresta ou algo assim...

- Eu acho que o nosso amigo está irremediavelmente apaixonado, Gustav!

- É, mas pode ir acabando com as esperanças. Eu vi muito bem a “bronca” que *Herr* Wagner deu na Gretchen pelo “sumiço” dela! – Acrescentou Agnes que entrava naquele momento.

Julius voltou-se para ela e perguntou ansioso:

- O que foi que tu viste Agnes? Conte-me, por favor!

- Ela levou uma bela chamada por ter se afastado da venda sem a permissão dele. Acho que no fundo ele desconfiou de alguma coisa. Aliás, acho que ele está desconfiado desde o domingo de Páscoa. Acho melhor tirares a Gretchen da cabeça, Julius. Ela tem apenas 14 anos, e seu pai nunca vai permitir que ela namore, ou case, tão cedo!

- Quer dizer então que já te encontraste a sós com ela? Nosso “franguinho” é apressado e ligeiro! – Completou Gustav de forma brincalhona. – Nem eu fui tão ligeiro para conquistar minha Agnes! – Dizendo isto caiu na gargalhada, provocando risadas gerais.

A semana passou célere, entre tantos trabalhos que se acumulavam para Julius e seus sócios e amigos. Na cabeça e em silêncio, ele arquitetava um plano secreto, que realizaria no próximo domingo. Quando saiu, na tarde ensolarada de domingo, Nahrwold conversava no pátio com August e Riecke e todos olharam admirados. Julius trajava a sua melhor roupa, tinha tomado banho e lavado os cabelos, que recendiam a lavanda. Nahrwold assobiou longamente, dizendo:

- Nem precisas me dizer aonde vais, pois isto é óbvio. Olhem August e Riecke, vão se preparando, pois logo, logo, vocês vão ter uma patroa por aqui...

Julius fuzilou o amigo com um olhar azedo e se despediu de todos de maneira seca.

Nahrwold alcançou-o a meio caminho para a canoa e disse, batendo-lhe nas costas:

- Calma amigo, vai dar tudo certo. Ela também está interessada em ti, dá para perceber isto de longe!

- Eu estou tão nervoso, Nahrwold! Vou lá enfrentar o pai dela de uma vez, para que ele não pense que tenho más intenções!

- É das tuas boas intenções que ele tem medo, meu camarada! Mas vai em frente, que vai dar tudo certo. Tu estás precisando de uma mulher, dá para notar isto de longe!

Julius remou com fúria, numa vã tentativa de desvanecer o nervosismo que sentia. Mas quando aportou próximo à propriedade dos Wagner, seu coração batia de maneira descompassada e lhe dava a nítida impressão de que ia sair pela boca. Limpou as botas na ramagem ribeirinha e se encaminhou empertigando-se todo, para a casa de Peter Wagner. A propriedade estava muito desenvolvida, e era das mais bonitas da região. A casa era construída de tijolos, um verdadeiro luxo naquela região. Tinha dois andares, com os quartos de dormir na parte de cima, e uma bela varanda, onde a família tomava a fresca tarde, que dava para o rio. Portanto, todos avistaram quando Julius despontou na porteira da propriedade, nervoso como um potro jovem em dia de rodeio.

Ele avistou a família reunida, o pai sentado numa ampla cadeira com encosto, tendo ao lado um divã, onde repousava uma mulher corpulenta, de aspecto abatido. Alguns jovens e crianças sentavam-se em bancos de madeira e dava para ouvir, ao longe, suas risadas e seu alarido. De lá, Julius reconheceu a silhueta elegante de Margarethe, que estava justamente de pé, servindo limonada para as crianças. A brisa balouçava seus cabelos, que estavam soltos, caindo em ondas pelas costas e destacando-se contra o vestido verde-claro que ela usava. Julius veio se aproximando, e ao chegar bem perto, disse no seu melhor tom:

- Herr Wagner, vim lhes fazer uma visita de cortesia. Posso entrar?

Peter Wagner se levantou e olhou de forma séria e algo ameaçadora para Julius, dizendo em seguida:

- Sim, por favor, aproxime-se e seja bem-vindo a nossa casa. Como vão os negócios na colônia?

Julius entrou e cumprimentou a todos, dando-lhes a mão num aperto firme e cordial, procurando passar toda sua honestidade e verdade. Ao apertar a mão de Margarethe, percebeu que ela estava totalmente enrubescida, e também bastante nervosa. Procurou infundir-lhe calor e calma através daquele aperto, dizendo mentalmente para ela: - Calma, tudo vai dar certo!

A conversa fluiu solta e fácil, ao contrário do que ele temia. Logo começaram a falar da terra natal, e Julius pôde contar de sua família, procurando deixar bem claras suas origens e sua formação. Ele percebeu claramente que Peter Wagner ficara impressionado favoravelmente por ele ser descendente de uma longa linhagem de pastores, que vinha desde o seu tataravô, culminando com o pai, que além de pastor era o superintendente da cidade de Lehre, onde moravam. Só quando a conversa caiu no Dr. Blumenau, e Julius começou a elogiá-lo efusivamente, como sempre fazia, surgiu um certo gelo. Ele logo percebeu que Wagner não morria de amores pelo Dr. Blumenau e tratou de dar outro rumo à conversa.

Quando as crianças saíram para brincar e correr no pasto e os jovens foram cuidar das tarefas do entardecer, Julius sentiu que chegara o momento crucial. Margarethe tinha ido até a cozinha levar

os copos e o bule de esmalte onde servira limonada, e Julius estava a sós com os pais dela. Pigarreando numa vã tentativa de acalmar o furioso coração, ele disse:

- Herr Wagner, na verdade o que me trouxe aqui foi um pedido que desejo lhe fazer. Eu gostaria de ter a permissão para namorar sua filha Margarethe. Eu tenho as melhores intenções com ela, desejo casar-me e já tenho minha propriedade para oferecer segurança e futuro a ela.

Peter Wagner ficou muito sério. Por alguns momentos Julius temeu que ele tivesse uma explosão de raiva, mas quando finalmente falou, sua voz saiu pausada e revelando alguma emoção:

- Você é um bom rapaz, Baumgarten. E também muito corajoso e sincero e eu gosto disso. Mas a minha filha é muito jovem. Eu não quero que ela case assim cedo, por isto acho tudo muito prematuro. Mas, se ela quiser, vou dar permissão para que você frequente a nossa casa, como amigo – e frisou bem esta palavra – apenas como amigo. Se as suas intenções não mudarem, daqui a três ou quatro anos vocês podem namorar. Gretchen, venha cá! – Chamou de forma preempatória.

A julgar pelo rubor no rosto dela, Julius deduziu que ela tinha ouvido alguma coisa do diálogo entre eles.

- Gretchen, o Julius veio pedir para frequentar a nossa casa e ser teu amigo, e se quiseres eu vou dar a minha permissão, mas será apenas uma amizade!

- Sim pai, eu gostaria de fazer amizade com o Julius. – Disse ela com um fio de voz, onde Julius identificou uma ponta de alegria.

Peter Wagner olhou para a filha de maneira intensa, e por alguns momentos Julius achou que ele avançaria sobre ela furioso, mas ele acabou sorrindo meio a contragosto e disse:

- Então vai cuidar da janta que o teu “amigo” vai ficar para cear conosco.

O anoitecer veio célere, e o coração de Julius cantava por dentro. Era difícil para ele disfarçar a alegria que sentia, pensando na primeira vitória que alcançara naquele dia.

Durante o jantar, pôde avaliar o domínio que Gretchen tinha das tarefas domésticas, pois em poucos instantes tinha ajeitado tudo, aproveitando as sobras do almoço e servindo também um delicioso pão feito com farinha de milho e servido com grossas camadas de manteiga e fatias generosas de “*sielze*”, tudo acompanhado com chá de mate, perfumado com flores de laranjeira.

Após a refeição, despediu-se de todos agradecendo a hospitalidade e dirigiu-se para a porta de saída. Gretchen recebeu permissão para acompanhá-lo e, quando saíram, a escuridão envolveu-os como um abraço. Julius não se conteve e tomou-a nos braços, apertando-a contra o peito. Aproximou seus lábios dos dela, lembrando-se do quanto eram carnudos e vermelhos. Ela não esboçou qualquer reação contrária, antes, entregou-se à volúpia do abraço. Julius beijou-a, primeiro de forma suave e depois com mais e mais paixão, até sentir que seus corpos ferviam de desejo. Finalmente controlou-se e soltou-a, com um suspiro resignado. Sussurrou-lhe algumas palavras carinhosas em alemão a partiu para a escuridão, quase com pressa e medo de assustá-la com seu ímpeto. Mas Gretchen não era mulher de se assustar, e já tinha entregado seu coração, de forma definitiva, ao galante colono alemão.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Julius andava com uma ideia fixa: queria construir uma casa de tijolos, como a de Peter Wagner. Apesar das inúmeras advertências do pioneiro, ele sabia que mais dia menos dia, ele e Gretchen iam casar-se, e que isto não ia demorar tanto quanto o futuro sogro gostaria. As tardes de domingo pareciam intermináveis, quando eles ficavam conversando na varanda ou na sala da casa dos Wagner, esperando o momento da partida, quando no escuro se beijavam e abraçavam longamente, casa vez com mais paixão e ardor. Seus corpos pareciam querer se fundir, e era cada vez mais difícil controlar-se. Julius desejava que a futura mulher tivesse com ele pelo menos o conforto que tinha em casa, e por isto acalentava a ideia de construir uma nova casa.

- Sabe, Nahrwold, eu preciso oferecer uma bela morada a Gretchen. Vai ser mais uma maneira de vencer a resistência do velho.

- É muito bom mesmo, Julius. Gretchen é uma boa mulher, merece o melhor. Vai amanhã à olaria tratar da compra dos tijolos e telhas, e eu vou falar com o Gustav para nos ajudar a partir de quarta-

feira que vem. Podemos mandar Friedrich, aquele vizinho do Gustav que é muito disposto e esforçado, cuidar alguns dias da venda na colônia e tocar isto aqui bem rápido. Eu entendo a tua pressa... – Completou com ar de troça e riso.

Se o velho Peter Wagner imaginava o que estava acontecendo nas noites de domingo, nunca deixou transparecer, mas a cada dia que passava, gostava mais de Julius. Não podia ignorar que o jovem era de boa família, tinha excelente índole e estava bem encaminhado. Era culto e bem formado, e sua Gretchen só tinha a ganhar casando-se com alguém assim. Mas tinha muito ciúme da sua primogênita, sua querida Gretchen, que além de tudo era imprescindível para o trabalho doméstico. Sua esposa Agnes era doente e muito pouco podia fazer. Era ela quem carregava nas costas todo o trabalho, responsabilizando-se pela cozinha, pelos animais domésticos, pela horta e pomar e ainda por algumas plantações mais próximas da casa, sem falar nos irmãos menores que ela estava praticamente criando. Trabalhava muito, com valentia e sem reclamar de nada, mesmo quando tinha que trabalhar sob a chuva ou o sol escaldante. Tempos atrás havia ficado doente dos pulmões de tanto trabalhar durante uma temporada de chuva que se abatera sobre a colônia. As reflexões de Peter Wagner também se dirigiam para a vida das mulheres dos imigrantes: casavam-se muito meninas, tinham numerosos filhos e acumulavam funções na casa e na propriedade; o resultado é que morriam muito cedo, não raro de parto e outras doenças. Ele não queria que isto acontecesse com sua estimada filha, e protelava a ideia do casamento.

Julius e a própria Gretchen, em compensação, ardiam em vontade e desejo de ficar juntos, embora não externassem isto um para o outro. Eram ainda muito tímidos e seus abraços roubados na escuridão dos domingos eram quase silenciosos, acompanhados apenas de suspiros entrecortados pela respiração ofegante que o desejo ocasionava. Quando voltava para casa, Gretchen ficava alguns minutos encostada à parede da casa, esperando que o coração voltasse ao seu ritmo normal e o rubor de suas faces se desvanecesse antes de entrar. Muitas vezes se censurava, por ter sido tão ousada e jurava não repetir tal façanha. Mas à medida que a semana passava, ficava tão ansiosa para rever Julius que esquecia os seus propósitos. No domingo, ficava presa de inquietude e seus olhos se alongavam a todo instante para a linha do rio, esperando ver despontar a conhecida canoa azul de Julius. Quando ele chegava, seu coração cantava e ela aguardava, presa da maior ansiedade, o final do dia para poder estar em seus braços novamente. Como não tinha com quem conversar, guardava bem dentro do peito as dúvidas sobre o seu comportamento. Embora tivesse sido extremamente reprimida pela educação conservadora da família, sentia no mais íntimo do seu ser que não estava fazendo nada errado. Seus pais também se amavam muito e ela tinha observado, ao longo de sua meninice, que eles namoravam às escondidas dos filhos, nos tempos em que a mãe ainda tinha saúde. Então o que ela fazia e sentia, não podia ser errado, pensava e refletia.

- Da próxima vez que eu for visitar Agnes, preciso perguntar para ela se estou agindo de forma correta...

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Julius, vem cá que nós temos que ter uma conversinha de homem para homem! – Chamou Gustav para Julius, que estava cortando lenha no pátio da hospedaria para abastecer o grande fogão a lenha. Julius aproximou-se do extenso balcão, cuja madeira já estava brilhante de tanto ser esfregada pelos cotovelos dos seus frequentadores. Gustav trouxe duas canecas de chope e um trago de cachaça, que tomou de um só gole e disse, meio constrangido:

- Julius, a minha Agnes está preocupada! Parece que a Gretchen chegou lá em casa com uma conversa um pouco estranha, querendo saber se era honesto ter algum contato físico com um homem enquanto solteira... Tu andaste fazendo besteira, rapaz? Olha, a Gretchen é apenas uma menina e nós gostamos muito dela. Além disso, *Herr* Peter é uma fera quando se trata de sua querida filha primogênita...

- Gustav, pelo amor de Deus, homem! O que estás pensando de mim? Eu respeito muito a minha futura mulher... Sim, futura mulher, pois eu quero me casar com ela! Achas que eu ia tratar como

“puta” uma mulher que vai ser a mãe dos meus filhos? Mas o sangue ferve e nós somos jovens... Além do mais, nunca passamos de uns beijos, coisa normal de namorados!

- Ah! Bom, agora estou mais tranquilo. Eu bem que disse para a minha Agnes que eras um bom rapaz e estavas bem intencionado com a Gretchen. Eu não te falei que as moças daqui davam excelentes mulheres? Agora vêes que eu tinha razão, não é mesmo? Eu sei bem como são estas coisas. A Agnes e eu também, antes de casar, ficávamos em brasas cada vez que tínhamos oportunidade de dar uma namorada... Achas que terias isto na Alemanha? Pode esquecer, meu camarada! As mulheres alemãs são umas verdadeiras geladeiras. Foi por isto que eu te aconselhei tanto... – E caiu numa gargalhada aberta, não sem antes cutucar maliciosamente o amigo.- Então, um brinde às nossas mulheres que não são geladeiras! – Gustav falava e ria abertamente, divertido com a situação e com o constrangimento de Julius. Este, por sua vez, bendizia a sua condição de imigrante no belo país americano, onde podia falar e agir com tanta liberdade, sem estar atado a uma sociedade cheia de preconceitos e limites.

- Sabe Gustav, precisamos dar um jeito de vencer a resistência do velho Wagner! Eu quero me casar logo, não aguento mais a solidão e tenho certeza de que a Gretchen pensa igual a mim. Se não fosse o meu amigo Nahrwold, não sei o que seria de mim nestas longas noites escuras que tenho enfrentado ao longo de todo este ano!

Enquanto conversavam, a noite ia caindo sobre a colônia e suas poucas ruelas toscas, de terra batida, ladeadas pela intensa vegetação e pela mata sussurrante. Já noite feita, foram para as suas casas de canoa, e se despediram com grande amizade:

- Fique tranquilo, amigo... Eu vou cuidar bem da nossa Gretchen, pois também quero muito bem a ela – dizia Julius.

- Case logo, para podermos ser compadres, Julius!

À noite, na mesa do jantar, Julius confidenciou com Nahrwold o ocorrido e abriu seu coração:

- Imagina, Nahrwold, pobre menina deve estar preocupada, pensando que está fazendo algo errado! E o Gustav, como riu da minha cara! No final, disse-me para casar logo, assim poderemos ser compadres. Mas o meu primeiro compadre serás tu, isto nem se discute!

Conversaram e riram até altas horas, trocando confidências como só dois bons e íntimos amigos podem fazer. Antes de dormir, combinaram de levantar bem cedo no dia seguinte para continuar a obra da casa, que já estava na fase do telhado.

- Logo, logo, teremos que fazer a “festa da cumeeira”, como chamam aqui os açorianos... – Brincou Nahrwold. Mas Julius gostou da ideia e já foi planejando:

- Vamos fazer uma fogueira e assar algumas linguças. Convidamos o Gustav, o Friedrich, os Starken, Fischer e Kellner e também o Dr. Blumenau. Faz tanto tempo que não recebo visita do meu dileto amigo... Sabes que nos primeiros meses, quando estava aqui sozinho, ele vinha me visitar com muita frequência. Este homem é admirável, Nahrwold! Ele nos dava uma força que nem podes acreditar. Não deixou ninguém sozinho no começo, para que não desesperássemos... A força que ele nos deu foi inestimável! Mas eu ia te contar... Certa feita ele apareceu aqui com o superintendente da colônia Dona Francisca e mais um tenente da Guarda Nacional, dois figurões, tinhas que ver! E eles vieram para o almoço, eu ainda não tinha aqui os Schack, fiquei tão preocupado com a refeição que ia servir... A sorte é que eu tinha abatido duas galinhas no dia anterior, não tive nem dúvidas de sacrificar as bichinhas e resolvi fazer um cozido... Coloquei tanta pimenta, eles começaram a comer, as lágrimas rolavam pelas suas faces, ficaram meio brancos e não falaram nada, foi aquele vexame... – Julius e Nahrwold puseram-se a rir até não poder mais. Julius lembrando-se do incidente e Nahrwold imaginando a cena e o seu educado amigo em situação tão vexatória.

Naquele domingo, Julius estava em dúvida. A vontade, a paixão e a juventude brigavam com a sua razão, depois de tudo o que tinha acontecido. Achava que devia se controlar mais e não encostar em Gretchen, mas à noite, quando se despediram, ela tomou a iniciativa e se jogou nos braços dele, dizendo com voz abafada:

- Julius, espero a semana inteira por estes momentos; me abraça forte!

- *Meine liebe* Gretchen, minha querida! – Julius abraçou-a emocionado com sua franqueza e doçura, pensando com seus botões: - Que esposa eu terei, tão corajosa e sincera!

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Chegara mais um Natal na colônia do Dr. Blumenau, o segundo que Julius passava em terras brasileiras. Quanta diferença do ano anterior! Na festa do Natal passado estava triste, mordido pela saudade da família e dos amigos e sofrendo de solidão. Agora tinha Nahrwold ao seu lado dividindo com ele o trabalho e as responsabilidades, sua propriedade estava bem desenvolvida e tinha até uma namorada, sonho tão acalentado no ano anterior. Tinha muitos amigos, uma pequena casa de comércio na colônia e sua casa nova estava pronta! Ficara muito bonita, com suas paredes de alvenaria caiadas de branco e os dois imponentes andares. A varanda da frente, onde ele sonhava sentar com a esposa, dava vista para o rio e recebia a brisa fresca da tarde. Já imaginava o lindo jardim que ela iria plantar nos canteiros caprichosamente demarcados em volta da construção e detalhados com cacos de tijolos que haviam sobrado da obra. Os três quartos, no andar de cima, tinham um assoalho cheiroso e brilhante, que ele fizera com especial capricho. Um era para o casal, outro para Nahrwold e o terceiro estava sendo ocupado pela família Schack. Em breve eles teriam a sua morada junto ao paiol, para que eles pudessem estar separados da família e ter também a sua privacidade. O quarto que eles ocupavam seria, no futuro, das crianças. O andar térreo tinha uma grande e sombreada sala, onde ficaram os móveis de madeira escura que ele mesmo fizera, uma cozinha e um alpendre que dava para o pátio atrás da casa, onde ficavam os galinheiros, a pocilga e as estrebarias, tudo muito limpo e organizado. Disto Julius não podia reclamar. Riecke, sua empregada era mal-humorada e muito calada, porém limpa e organizada ao extremo. Não deixava nada jogado ou desarrumado e a casa, o pátio, o jardim, a horta e o pomar eram um verdadeiro primor! Este natal prometia ser muito melhor do que o anterior, e Julius estava animado! No ano anterior, a pequena comunidade organizara uma festinha improvisada na propriedade do Dr. Blumenau, mas este ano tanto ele, quanto Nahrwold e o Pauls estavam convidados para o Natal na casa do pioneiro Peter Wagner. Julius tinha comprado, de um mascate que passara de canoa por ali vendendo gêneros em geral, um belo corte de linho verde-escuro e algumas rendas brancas e pretendia presentear Gretchen com o belo mimo, certo de que ela ficaria muito feliz! Tinha também comprado cachimbos para Herr Wagner, Nahrwold e Gustav Pauls, e muitos caramelos branquinhos com listras verdes para dar à criançada. Este Natal tinha tudo para ser uma festa e tanto!

Quando chegou da cidade, na tarde antecedente à véspera do Natal, vinha satisfeito e com grandes planos. Tinha tomado um caneco de chope com o Dr. Blumenau, em comemoração ao Natal, e ouvira muitos elogios do bom homem:

- Então, Sr. Prefeito, eu sempre tive certeza de que ias te dar bem por aqui! Tua propriedade vai muito bem, já tens este estabelecimento aqui na colônia e ainda estou ouvindo sinos de casamento no ar... Fico muito feliz por ti!

Ambos brindaram felizes e desejaram mutuamente “*Frolische Weihnachten*” lembrando a *Heimatland*, que teria sempre um lugar especial em seus corações.

Depois dos banhos e uma vez que todos estavam arrumados para a festa, embarcaram nas canoas e foram para a propriedade de Peter Wagner. Riecke preparara um belíssimo ganso selvagem que o próprio Julius caçara e também um pernil de porco bem curado e assado com ervas aromáticas. Eles estavam levando ainda um belo vidro de compota de abacaxi com creme holandês, que ela preparava como ninguém naquela região.

Chegaram à propriedade dos Wagner ao cair de uma belíssima tarde de verão, tendo às costas o mais belo pôr do sol, que derramava uma luz avermelhada sobre a paisagem. As crianças vieram recebê-lo alegremente, correndo e cantando canções de natal em alemão. Traziam fitas vermelhas de cetim nos cabelos e usavam suas melhores roupas, conforme rezava a melhor tradição germânica.

O encanto de Julius foi imenso ao ver, na sala de visita dos Wagner, um belíssimo pinheiro enfeitado com cordõezinhos prateados, figuras desbotadas de anjos e velas brancas dentro de pequenos castiçais prateados, todos os enfeites que a mãe de Dona Agnes, avó da sua Gretchen, trouxera da Alemanha e dera para a filha. Isto lhe recordou a distante terra natal e sua família, que

levava muito a sério a comemoração do Natal. Entrou no clima de alegria que reinava na casa, pensando: - É, quando a família é grande, a alegria é sempre maior. Preciso providenciar uma família bem grande! – Ao pensar nisto, ruborizou-se e sorriu para disfarçar seu constrangimento.

Gretchen estava linda, com o frescor de sua juventude acentuada pelo vestido cor de areia e a fita vermelha prendendo os longos cabelos castanhos. Trocaram um olhar cúmplice, enquanto ela passava com uma bandeja cheia de doces, nozes, passas e faias de *weinachtstollen* feita com antecedência de semanas, para apresentar o seu melhor sabor.

A noite caiu e a festa ficou cada vez mais animada, depois de alguns momentos de reflexão e oração. O pioneiro, com sua seriedade imponente, leu um trecho da Bíblia e conduziu uma canção natalina, que todos entoaram com fervor no coração. Depois, para sua surpresa e alegria, Julius foi convidado a dizer algumas palavras sobre o aspecto religioso do Natal. Falou com muita emotividade, evocando os natais da pátria natal e na nova pátria, ali na colônia. Sua voz grave ressoava pela sala e naqueles corações pioneiros, trazendo a lembrança saudosa de um tempo passado, que repousava na memória de cada um, como o maior dos tesouros. Gretchen olhava com ares de adoração para Julius, admirando seu porte altivo, sua presença carismática e a fluidez com que tão belas palavras jorravam de sua boca.

Este fato demonstrou que, no fundo, Peter Wagner aceitara Julius em seu coração como genro, o que multiplicou sua alegria. Depois da ceia, servida na grande mesa da sala de jantar, houve a troca de presentes e a alegria completou uma inesquecível noite na vida atribulada daqueles pioneiros.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

No início de janeiro de 1855, Nahrwold e Julius resolveram construir enfim a tão sonhada serraria. Numa quente noite de janeiro, conversavam sobre o assunto sentados ao luar:

- Julius, não podemos perder mais tempo! A riqueza da madeira da propriedade pode muito bem garantir um futuro melhor para todos nós... – Dizia o amigo, defendendo com ardor a ideia que era também, o seu grande sonho.

- Está bem, meu amigo. Estou tão feliz, quero muito que também te sintas assim... Se sonhas tanto com esta serraria, vamos fazê-la logo!

Os dois permaneceram planejando o trabalho para instalação da serraria até bem tarde, dividindo tarefas e calculando os custos que teriam, bem como o retorno do investimento. Tudo planejado, foram dormir, cada qual com seu sonho pessoal. Julius sonhava com a namorada, ansiando por desposá-la e tê-la nos braços nas longas noites... Nahrwold queria muito ver a serraria instalada, funcionando a pleno vapor, uma bela roda d'água girando, rangendo e movendo as engrenagens que serrariam os grossos troncos de madeira extraídos do local. Ele já podia sentir nas narinas o cheiro oloroso da madeira sendo cortada e o grito estridente da serra partindo os troncos... Eu sei exatamente onde instalar esta serraria... – pensava ele com seus botões, deitado na cama dentro da noite escura. Nahrwold lembrava-se de um local que encontrara em uma de suas caminhadas, quando se embrenhava no mato, coisa que ele adorava fazer. – Julius vai adorar este local e concordar comigo! – Concluiu ele, deixando que este pensamento acalentasse o seu sono.

Na manhã seguinte, assim que os primeiros albos do sol se desenharam no horizonte, Julius e Nahrwold embrenharam-se no mato, levando seus facões na cinta e um farnel na sacola que Riecke preparara com cuidado e capricho.

A mata conservava o frescor da noite, e uma bruma leve se adelgacava por entre a ramagem fria e escura. Pássaros de todos os matizes pipilavam para seus filhotes sobre os galhos das árvores, e uma miríade de pequenos animais acusavam a sua passagem com uma sinfonia de ruídos diversos. A vegetação, de mil tons diferentes, ia encantando e surpreendendo os excursionistas a cada passo. Flores de tons exóticos e aromas penetrantes encantavam Julius, que não cansava de se admirar da riqueza deste novo mundo. Depois de quase uma hora de caminhada, começaram a ouvir o ruído espumante da água, que acusava a proximidade do ribeirão do qual Nahrwold falara. Quando, porém, o divisaram por entre o verde da floresta, Julius não pôde conter uma exclamação de surpresa e admiração. O local era quase encantado! O riacho corria cor de prata, no meio da densa

vegetação, murmurando por entre as pedras cobertas de musgos e limo. Muitos galhos verdes se debruçavam sobre a corrente, parecendo oferecer a folhagem dependurada à água fresquinha e cantante. Uma profusa sinfonia de sons diversos transformava a visão em algo inusitado, acentuado pelo frescor que aliviava o calor, já forte àquela hora da manhã. Uma clareira se formara naturalmente, próximo à corrente, onde os dois imigrantes sentaram-se para descansar do rigor da caminhada.

Fizeram o “*früstig*”, saboreando o que Riecke mandara para eles: fatias grossas de pão de milho com manteiga e pedaços de carne de porco curada, socas de milho verde cozido, goiabas amarelinhas e suculentas e um bom trago de chnaps, para recuperar as forças. Inspeccionaram de tudo, demarcando o local para a construção da serraria e a instalação da roda d’água. A tarde já ia avançada quando voltaram, refrescados por um bom banho no regato que lhes devolvera as forças.

Nahrwold não contou tempo. Já no dia seguinte, reuniu alguns trabalhadores, as ferramentas necessárias e foram abrir a picada que levaria ao local da serraria. Julius muito pouco o via naqueles dias. Ele voltava tarde, depois de ter escurecido, e caía na cama morto de cansaço. Estava feliz como nunca e assobiava quase o dia todo, comemorando o início de sua grande realização.

Finalmente comunicou a Julius que ficaria alguns dias dormindo no barracão já erguido, para poder tocar melhor a obra.

- Assim poderei começar o trabalho por volta das 4 horas da manhã, pois já estarei lá no local! – Explicara ele animado. Julius sabia que sentiria imensa falta do amigo, de sua companhia serena nos finais de tardes e as conversas à noite, ao pé da velha laranjeira, trocando confidências em total camaradagem, mas admirava o empenho e ardor com que abraçara aquela obra. Concordou, dizendo em tom de brincadeira:

- Isto mesmo, dá bastante “duro”, pois daqui a alguns dias vou visitá-los e quero ver a coisa bem adiantada!

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Naquela noite, Julius sentia uma inexplicável agitação. Pensou em escrever para a família, coisa que, aliás, já não fazia havia algum tempo. Sentia-se em débito com todos os seus parentes e amigos, mas a vida na colônia era de tal modo atarefada, que pouco tempo lhe sobrava para isto. Sentou-se sob a laranjeira para fumar o seu cachimbo, procurou rezar, refletindo no tanto que tinha a agradecer... Depois foi dormir, sem conseguir tirar do coração um certo peso inexplicável.

- *Herr Baumgarten, Herr Baumgarten*, acorde, por favor, venha depressa!

Os gritos, em tom quase desesperado, acordaram Julius de maneira ab-rupta e aceleraram o seu coração de maneira incontrolável. Desceu as escadas, enquanto iam se acendendo as lamparinas da casa pelas mãos de Riecke, que também ouvira o chamado e já estava de pé. Julius abriu a porta do alpendre e dirigiu-se ao jovem de apenas 16 anos, um dos que estavam ajudando Nahrwold em seu trabalho na serraria:

- O que houve, rapaz? Fale, pelo amor de Deus...

- Foi Herr Nahrwold... Ele levantou-se muito cedo, acho que eram umas quatro da madrugada... Ele até nos repreendeu, pois não quisemos levantar tão cedo. Eu fiquei deitado ouvindo ele reclamar e chamar a gente de malandros... De repente, foi um estrondo só, eu não sei exatamente o que aconteceu, mas ele desapareceu no meio da terra, lá no buraco que estávamos cavando para instalar a roda d’água. Nós já tínhamos retirado uns 200 carrinhos de terra, e acho que tudo aquilo caiu em cima dele... Os outros ficaram lá cavando e me mandaram aqui para chamar o senhor! O rapaz parou e caiu num choro compulsivo, assustando ainda mais Julius.

- Não vai acontecer nada, pelo amor de Deus! Vamos já para lá ajudar os outros!

Julius mandou que August fosse até a vila chamar o doutor, um farmacêutico que fazia as vezes de médico, e partiu de forma desabalada para o local. Lá chegando, viu todos os trabalhadores agrupados sobre o corpo inerte de Nahrwold, que estava completamente sujo de barro e terra. Só seu rosto muito branco destacava-se contra a grama verde onde jazia, com os olhos azuis

imensamente abertos, esgaçados para o infinito... Julius praticamente saltou sobre ele, afastando os demais e sacudindo o amigo, enquanto chamava desesperado:

- Nahrwold, Nahrwold, acorde... Vamos, acorde, isso já vai passar!

Logo Julius percebeu que seus esforços eram inúteis, e que nada traria o bom amigo de volta. Ele morrera asfixiado pelo barro que o soterrara, e este fato era irremediável...

O médico chegou acompanhado de muito outros colonos, e todos lamentavam o fato de perder um amigo tão bom como Nahrwold. Carregaram o corpo para a casa e tomaram todas as providências, pois Julius estava em choque, só chorava e sacudia a cabeça, como que negando a triste realidade que se abatera sobre ele. Decidiu que Nahrwold seria enterrado ali mesmo, pois a colônia ainda não tinha cemitério oficial, e Nahrwold amava aquele pedaço de chão, aquele jardim que ele ajudara a cultivar, cuidando com amor dos canteiros que agora ofereciam o seu festival alegre de cores, indiferentes à sua partida. Todos os colonos compareceram e ofereciam sua sofrida solidariedade a Julius, entendendo a dor que havia em seu coração. O Dr. Blumenau permaneceu ao lado dele por muitas horas, dando-lhe apoio e insistindo na sua recuperação. Na hora do enterro, falou algumas belas palavras exaltando o companheirismo e a integridade de Nahrwold, arrancando sentidas lágrimas de Julius.

No final da tarde, Julius ainda um pouco apático pela dor, assistiu a chegada de uma canoa diferente. Era Peter Wagner que chegava, acompanhado de sua amada Gretchen. O pioneiro se aproximou e, depois de apertar fortemente a sua mão, disse-lhe com voz compungida:

- Eu lamento muito este trágico acidente, Baumgarten. Avalio o quanto estás sentindo dor... Só não viemos antes, pois só agora há pouco soubemos do ocorrido pelo Straenner, que passou lá e nos contou... Viemos assim que soubemos...

Mas Julius só tinha olhos para a sua Gretchen. Que vontade de mergulhar em seus braços, chorar em seus ombros, ser consolado pela sua doçura... E foi o que fizeram, encostados na parede da casa, assim que a noite caiu. Gretchen abraçou-o forte e disse-lhe infindáveis palavras carinhosas, consolando-o e acalmando-o, enquanto o grupo de amigos mais fiéis e chegados permanecia por ali, conversando e saboreando a refeição que Riecke preparara para todos. Julius ficou sempre perto de Gretchen, chegando a abraçá-la diante do pai. Wagner não disse nada, apesar de ter dirigido um olhar intenso para o casal. Mas Julius estava como que anestesiado pela dor, e não percebeu a reprovação nos olhos do velho. Finalmente o cansaço o venceu e ele foi dormir, depois de se despedir da última visita. Procurou rezar, e adormeceu com a prece entre os lábios, resvalando para um sono reparador e que o levaria para o temporário esquecimento da dor.

Os próximos dias foram de muita tristeza e solidão. Julius finalmente escreveu para a sua família e para a de Nahrwold, contando o ocorrido com um peso no coração. Tomou todas as providências necessárias à regularização da situação, respeitando a sociedade que haviam feito.

No domingo seguinte, foi à propriedade dos Wagner com um firme propósito: queria oficializar a sua situação com Margarethe. Falou de maneira firme e resoluta com Peter Wagner, pedindo a filha em noivado, e não titubeou diante da atitude do ciumento pai, alegando muita solidão e a necessidade de uma companheira.

- Não foi isso que combinamos, Baumgarten! Mas eu entendo a tua situação... Vou permitir que vocês oficializem o noivado, mas é muito cedo para pensar em casamento. Isto eu não vou permitir! O casal comemorou na solitude da noite dominical, abraçando-se com ardor e esperança!

- Uma barreira, já vencemos, querida Gretchen. Para vencer a outra é só mais um passo!

- Não sei não, Julius! Acho que estás confiante demais. Ceder para o noivado é uma coisa, pois praticamente nada muda... Mas casamento é bem diferente, duvido que ele concorde.

- Confie em mim, Gretchen. Eu vou dar um jeito de convencer o teu pai. Eu quero me casar contigo, e estou cansado de esperar! Agora que Nahrwold se foi, sinto ainda mais solidão... Sabias que ele aprovava nosso namoro? Quando lhe contei, elogiou-te e disse que eu tinha muito bom gosto! Deve estar nos abençoando lá do céu!

Julius e Margarethe se casam – 1855

Julius observava encostado na parede da sua pequena hospedaria, quando a pequena embarcação movida a remo e velas aportou e de lá saltaram algumas pessoas, que pareciam ilustres. De longe identificou, pelo traje, que uma delas era pastor, e foi contente ao encontro do grupo:

- Sejam bem-vindos a nossa colônia! Que bons ventos os trazem por aqui?

Julius recepcionou o grupo e foi os encaminhando para a hospedaria, onde ofereceu uma caneca de chope e um trago de cachaça aos cansados viajantes.

- É sempre bom receber visitas por aqui... Posso saber quem são e o que os traz a nossa colônia?

Um dos viajantes se adiantou e estendeu a mão, apresentando-se:

- Muito prazer, senhor. Meu nome é Louis Schaefer e vim, juntamente com minha esposa e três filhos, conversar com o Dr. Blumenau sobre a possibilidade de nos estabelecermos por aqui. E esta é Gertrudes Schmidt, nossa empregada, e seu filho. Apontou para o grupo e finalmente acrescentou:

- E este é o Pastor Holtzer, da colônia Dona Francisca, de onde estamos vindo. Ele aproveitou a nossa passagem, e resolveu vir junto conhecer a colônia. Julius ficou eufórico com a notícia:

- *Herr* Pastor, que alegria recebê-lo! Todos são bem-vindos, é claro, mas há muito esperávamos a visita de um pastor em nossa colônia. Tenho certeza de que a sua presença trará um grande consolo espiritual a todos... Uma sombra em seu semblante revelou as dolorosas lembranças que lhe tinham passado na mente naquele momento. Logo se sacudiu e completou:

- Infelizmente nosso bom Dr. Blumenau não está na colônia. Ele foi ao Rio de Janeiro, pleitear melhoramentos para a nossa região. Entre os seus pedidos, um dos mais importantes é justamente a permissão para que possamos construir uma igreja, com sino e tudo, direito este que é negado a todos os luteranos, como vocês bem sabem. Além disso, ele foi pleitear verbas para a construção de estradas e pontes, pois a situação aqui é bastante precária e a nossa colônia não para de crescer... Ele me disse que, se fosse preciso, traria os ministros até aqui para verificarem pessoalmente os nossos progressos e necessidades! Mas chega de conversa, vamos instalá-los da melhor maneira possível para que possam descansar da viagem!

Julius tomou todas as providências para a efetiva instalação dos visitantes, mas uma ideia começava a tomar forma em sua cabeça: aproveitar a presença do pastor Holtzer e casar de uma vez por todas com Margarethe. Todas as vezes que tinha pensado e planejado a ideia do casamento, sempre calculava que teriam que se deslocar até a colônia Dona Francisca, pois não tinham um pastor que pudesse officiar a cerimônia. O Professor Ostermann, por vezes, rezava algum culto, mas negava-se, por absoluto escrúpulo, a realizar qualquer tipo de cerimônia sacramental e assim ninguém ainda casara ou batizara filhos na colônia. Isto, é claro, dificultava em muito o casamento, pois exigia uma viagem longa e cansativa até a colônia Dona Francisca, e muito tempo com as propriedades à mercê da falta de cuidados. Além do que a mãe de Gretchen jamais poderia enfrentar uma viagem deste porte e ela, sentimental como era, não haveria de querer casar sem a presença de sua mãe. Estes argumentos tornaram muito mais fortes as resistências de Peter Wagner.

Julius acercou-se do pastor Holtzer e comentou sobre as muitas crianças que tinham nascido e eram pagãs, e de como seria bom aproveitar a sua passagem por ali. Logo começou a organizar as coisas para um grande culto no próximo domingo, quando todos teriam oportunidade de falar com o pastor, batizar filhos e combinar outras coisas que achassem necessárias. Julius planejou incansavelmente e trabalhou mais ainda para que o próximo domingo fosse uma verdadeira festa na colônia. Avisou a todos e combinou com os colonos mais abastados que trouxessem galinhas, patos e marrecos assados, pernis de porco e carnes de caça, além de inúmeras saladas, batatas assadas, mandioca cozida, chucrute e outras verduras fresquinhas provenientes das hortas das caprichosas colonas, além de doces, cucas e compotas de frutas para fazer uma grande festa ao ar livre. Foi pessoalmente avisar a família Wagner sobre a presença do pastor e a festa do domingo no *stadtplatz*, próximo ao humilde barracão que servia de igreja para a colônia.

Na saída, encontrou Gretchen capinando as cenouras, junto à imensa e cuidadosa horta que ela mantinha ao lado de casa. Julius ficou admirando-a, a pele clara avermelhada pelo calor e os cabelos formando uma massa luminosa no pescoço, onde os trazia trançados e presos para não incomodarem. Ela trabalhava ligeira e concentrada, e cantarolava suavemente em alemão uma cantiga velha e doce. Julius aproximou-se e ela percebeu a sua silhueta contra o sol abrasador, virando-se surpresa. Imediatamente avermelhou e ficou envergonhada, pois pensava exatamente nele...

- *Meine liebe* Gretchen, nem imaginas o que eu vim fazer aqui... Imagina que o pastor lá da colônia Dona Francisca veio nos visitar e no domingo faremos uma grande festa depois do culto, lá na colônia. Vim convidar toda a tua família, mas... Julius deixou a frase suspensa no ar e ficou olhando para ela.

- Mas, mas... O quê, Julius, fala logo!

- Tive uma ideia! – Julius chegou bem perto dela e quase sussurrou no seu ouvido – Vamos aproveitar a vinda do pastor e nos casar?

- Julius, você enlouqueceu? Meu pai jamais vai deixar!

- Pensa bem, *meine liebe*. É uma questão de aproveitar a ocasião. Sabe lá quando um pastor virá aqui de novo... Eu vou convencer o teu pai, vai ver só!

E dizendo isto saiu assobiando alegremente. Gretchen saiu correndo ao seu encalço e disse num ímpeto, segurando-lhe o braço:

- Eu aceito, Julius! Se convenceres meu pai, eu me caso contigo logo!

Não foi nada fácil convencer Peter Wagner. Ele relutou e argumentou como pôde, mas acabou perdendo a batalha. Até o pastor Holtzer falou a favor de Julius, argumentando que ele tinha razão. Era necessário aproveitar a oportunidade e, afinal de contas, sua jovem filha estava bem na idade de casar! Não deveria recusar um partido tão bom! As palavras do pastor e o olhar implorante de sua amada primogênita acabaram de convencer o velho pioneiro, que deu o seu consentimento. A fim de dar a última palavra, comentou:

- Mas a consumação do casamento vai esperar mais um pouco. Só vamos realizar a cerimônia para aproveitar a presença do pastor!

Nem ele acreditava de verdade nisto, e Julius nem se preocupou em argumentar. Tinha conseguido, e isto era o mais importante.

Aqueles foram dias febris, de expectativa e muito trabalho. Julius queria que tudo fosse perfeito no seu casamento e trabalhou com afinco para que a festa fosse das mais bonitas. Afinal de contas, seria o primeiro casamento da colônia, e tinha que ser especial. Apenas uma sombra pairava sobre a sua alegria: era a lembrança do querido amigo precocemente morto e que não estaria presente no dia mais importante de sua vida. Julius também lamentava a ausência do Dr. Blumenau, ainda no Rio de Janeiro e, é claro, de sua família... Quanto gostaria que seus pais estivessem ali agora, apreciando as suas conquistas e usufruindo com ele esta felicidade. Escreveu uma carta emocionada, contando sobre a sua noiva e justificando-se, pois sempre fora muito orgulhoso afirmando que só se casaria com uma boa mulher alemã. Falou na carta das grandes qualidades de Gretchen, de sua doçura, seu esforço e sua vontade de aprender, despedindo-se com uma promessa de que um dia iria visitá-los, se Deus quisesse!

O domingo amanheceu radioso naquele 20 de março de 1855, enquanto em suas casas os colonos se preparavam para aquele dia, que seria um marco na vida da colônia. Julius estava agitadíssimo, e verificara exaustivamente todos os detalhes no dia anterior. Quase não dormira, presa de muita agitação e ansiedade, e estava feliz que aquela manhã enfim chegara. Tomou um prolongado banho na enorme banheira instalada no alpendre e abastecida com muita água quente que Riecke aquecera no grande tacho de ferro e colocou sua melhor roupa, a qual quase não tinha tido mais oportunidade de usar nestes tempos de tanto trabalho duro. Quando terminou de se arrumar, lembrava o mesmo jovem elegante e culto que viera da Alemanha há quase dois anos. Estava metido no traje preto de tecido levemente adamascado, e a camisa era impecavelmente branca, arrematada por um laço de cetim. As longas botas estavam bem escovadas e reluziram ao sol. Chegou bem cedo à sede da colônia e ficou por lá, recebendo as pessoas e conversando muito, para disfarçar a sua agitação.

Quando Gretchen chegou com a família, ficou maravilhado: seu vestido era singelo, mas de uma beleza diáfana. Estava usando o vestido de casamento da mãe, é claro, e embora as rendas estivessem levemente amareladas pela ação do tempo, parecia uma ninfa dos bosques envolta nas rendas e no tecido macio. No cabelo trançara algumas flores e sobre elas colocara um véu fininho, levemente azulado, que lhe dava um ar de fada. Acima de tudo brilhava de alegria e expectativa pelo casamento com seu adorado Julius. Considerava-se uma feliz, pois ainda naqueles tempos muitos casamentos aconteciam para comodidade dos pais, e os noivos não tinham chance de se apaixonar. Julius e ela não! Eram totalmente apaixonados e seriam muito felizes, ela tinha certeza! O casamento foi uma linda cerimônia, a emoção da liturgia tomou conta de todos e ao final, os vivos foram muitos e entusiasmados. A festa se prolongou até o meio da tarde, quando todos, já cansados, tiveram que ir para as suas casas. O final do dia demandava uma série de trabalhos rotineiros que precisavam ser executados. Peter Wagner nem discutiu, colocou toda a sua família, incluída aí a filha recém-casada, na canoa e partiu para a sua propriedade, deixando Julius estupefato.

- Velho danado, ele pensa que Gretchen e eu vamos ficar esperando mais um ano mesmo até consumir nosso casamento, como ele sugeriu! Não quero nem saber, amanhã vou lá e busco a minha mulher nem que seja pelas vias de fato! – Pensava Julius, indignado com a esperteza do sogro.

- Ele te avisou, meu velho! – Ria Gustav, que havia sido padrinho do casamento juntamente com sua esposa Agnes, cuja barriga saliente revelava alguns meses de gravidez.

- Eu não quero nem saber, Gustav! Não me casei para ficar mofando sozinho em minha propriedade. Amanhã vou lá buscar a Gretchen e ela vem comigo de qualquer jeito!

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A chegada de Julius e Gretchen à propriedade foi uma divertida festa de fogos, brincadeiras e chistes. Gustav organizara tudo à sua maneira brincalhona e prometera, algumas horas antes:

- Vai lá e banca o macho, meu camarada! Se conseguires trazer a tua mulher nós vamos te receber com foguetório!

Julius fora disposto até a enfrentar o velho pioneiro, mas isto não tinha sido necessário. Quando lá chegara, Gretchen já estava com suas malas prontas e, resoluta, foi se despedindo da família com muito carinho. Herr Wagner parecia contrafeito, mas também abraçou a filha e lhe desejou felicidades, entendendo que o processo era inexorável. Prometeu que todos iriam visitá-los dali a alguns dias e acompanhou-os, algo pesaroso, até a canoa de Julius. Durante a curta viagem, não trocaram palavra. Julius admirava a fibra de Gretchen, sua firme suavidade resolvendo tudo sem qualquer reação e pensava, de si para si: - Nahrwold é que tinha razão... Ela é uma grande mulher!

À noite, quando chegou a hora de irem dormir juntos pela primeira vez, estavam ambos muito constrangidos, mas a juventude e a paixão que sentiam foi mais forte, e logo venceram suas inibições e se amaram de forma intensa e avassaladora, consumando afinal um desejo que lhes fervia nas veias há muitos meses.

Julius e Gretchen foram completamente felizes e se entendiam maravilhosamente bem em todos os sentidos, o que não era tão comum naquela época. Esta sintonia fina se refletia em tudo o que faziam e acabou resultando em muita prosperidade. Em breve espaço de tempo sua propriedade cresceu, sendo uma das mais bonitas da região. Tinham muitos animais como galinhas, patos, marrecos, porcos, vacas e cabras, além de gatos e cachorros domésticos. As suas plantações de milho, mandioca e cana-de-açúcar prosperavam e aumentavam cada vez mais. Ambos trabalhavam com afino e disposição, e se amavam intensamente à noite, completando-se com muita felicidade. Deram à sua propriedade o nome de “Lichtenburg”, em homenagem à terra natal de Julius, e cultivavam com amor e esperança o sonho de visitá-la juntos, para que Margarethe conhecesse a família do marido.

A obra da serraria foi retomada, apesar da dor sentida por Julius na primeira vez em que retornara àquele local. Agora já estava funcionando e fornecendo madeira para toda a vizinhança. O casal foi

convidado a batizar o novo filho de Gustav e Agnes Pauls, o que os deixou muito felizes e orgulhosos. Encontravam-se com bastante frequência e eram grandes amigos, além de sócios. Julius não se cansava de admirar as novas iniciativas de Gretchen. Outro dia a surpreendera escrevendo uma carta para a sua família. Com toda a dificuldade de uma mão calejada pelo trabalho duro e a pouca prática, esforçara-se durante horas desenhando uma letra caprichada e escrevera uma missiva carinhosa, falando de sua vida e de sua felicidade ao lado do filho deles. De outra feita, pedira a Julius que conseguisse uma revista com receitas de crochê e se dedicara com afinco, até aprender e dominar a técnica do delicado artesanato. Agora fazia toalhas, cortinas e outras peças, decorando-as mimosamente com o crochê tão arduamente aprendido. Julius nem precisara lhe dizer nada, instintivamente ia procurando fazer tudo o que ele apreciava nas finas moças alemãs das quais tanto falara no início de sua estada na colônia. No entanto agora ele não trocava um navio cheio delas pela sua preciosa Gretchen.

Ele e um grupo de casais com mais afinidade da colônia haviam montado um coral e um grupo de teatro, e quando as árduas tarefas permitiam, encontravam-se representando e cantando, sempre lembrando e exaltando a velha terra natal. Quase nove meses se passaram até que o Dr. Blumenau, que estava no Rio de Janeiro, retornasse à colônia. Mas quando ele voltou, fizeram uma belíssima festa de recepção e se apresentaram com o seu coral, arrancando lágrimas ao bom homem, que voltava com muito boas notícias e verbas para a colônia.

Quando estavam casados há cinco meses, no mês de julho daquele ano de 1855, Gretchen contou, com as faces ruborizadas e um sorriso de felicidade, que estava esperando um filho dele. Julius sentiu uma imensa felicidade, com a promessa de sua perpetuação em terras da colônia Blumenau, como já tinham se habituado a chamá-la. Ele teria um filho brasileiro, mas o criaria dentro da educação e da tradição alemã, na qual acreditava. Tomou Gretchen nos braços e rodopiou pela sala, feliz como poucas vezes e cada vez mais apaixonado e orgulhoso da mulher que tinha.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

O calor veio com força naquele verão de 1855 e com ele as chuvas intensas típicas dos trópicos. Todas as tardes, violentas tempestades se abatiam sobre a região, assustando os colonos e encharcando a terra. O nível do rio Itajaí-Açu foi subindo gradativamente, até ficar assustadoramente perto das casas e plantações na maioria das propriedades da colônia. Naquela tarde, Gretchen estava especialmente inquieta e olhava pela janela, a chuva que caía intensa e ininterruptamente. Sentia-se apreensiva e nem as brincadeiras de Julius, que chegara do serviço na roça encharcado e a abraçara, molhando as suas roupas e faces, tinha tido o dom de animá-la. A semana fora difícil, pois tinha passado vários dias na propriedade do pai, devido ao agravamento da doença de sua mãe. Mas a gravidez já estava pesando e não tinha tanta disposição para o serviço. Quando Julius foi buscá-la e a encontrou abatida, jurou que ela não iria mais ajudá-los até ter o bebê e se recuperar completamente.

- Eles que se virem, Gretchen! Teu pai pode arrumar mais alguém para ajudar em casa, mas tu precisas te cuidar, *meine liebe!*

Lembrando aquilo, vieram-lhe lágrimas à face, que procurou esconder com um movimento furtivo. Estava muito emotiva nos últimos dias, talvez devido à gravidez. O abdome já se avolumava sob o vestido surrado de trabalho, e estava ficando cada vez mais difícil executar as suas tarefas com a rapidez e eficiência de sempre.

Enquanto preparava o jantar, continuou olhando pela janela a chuva que caía sem parar, encharcando ainda mais a terra já saturada de água. O matagal atrás de casa estava escuro e calado, e os galhos das árvores mais velhas pendiam, pesados de gotas, sobre a relva encharcada do chão. Os riachos rugiam com sua corrente aumentada pela água barrenta que vinha das encostas dos morros. Uma bruma escura e pegajosa cobria tudo, como manto fúnebre. Quando finalmente foi dormir, aconchegada aos braços do marido, Gretchen resvalou para um sono sem sonhos e sobressaltado. Acordou de madrugada com gritos embaixo da sua janela. Julius levantou-se com

rapidez e já foi perguntando, enquanto vestia apressado as calças sobre a própria ceroula que usava para dormir:

- Quem está aí? Qual é o problema? – Abriu a janela e uma lufada de vento e chuva invadiu o quarto, trazendo a intensa umidade do ar para dentro de casa, os brados lá de fora não demoraram a se fazer ouvir:

- Julius, ligeiro! A água está subindo cada vez mais! Vai haver uma enchente, você precisa correr se quer salvar as suas coisas.

Os momentos seguintes foram de intensa correria e atordoamento para aqueles colonos que ainda não estavam acostumados a esta triste rotina. No afã de salvar tudo o que fosse possível, ficaram à mercê das águas, procurando salvar ferramentas, colheitas, objetos, móveis e tudo o que lhes caía nas mãos, ou passava boiando, levado pela força inexorável das águas. Depois de muitas horas de luta quase infrutífera, desistiram e entregaram os pontos, cansados e com um gosto amargo de fracasso na boca.

Julius colocou Gretchen, que tremia enrolada em um xale de lã, na canoa e foi remando para a casa do sogro, com uma fúria que, de certa forma, extravasava a raiva que sentia naquele momento. O silêncio pesava como uma bigorna entre eles. Nenhum dos dois se atrevia a falar, tentando apagar, ainda que por alguns instantes, a real proporção da desgraça que se abatera sobre eles.

Quando chegaram à propriedade do sogro, salva do impacto maior da catástrofe devido à localização, Julius abraçou o velho e desabafou toda a sua ira e frustração, com lágrimas nos olhos:

- Herr Wagner, isto não é justo! Estava tudo tão bonito, minhas roças verdejantes e prometendo a melhor colheita desde que estou aqui... A nossa horta e pomar, além do jardim, que deram tanto trabalho à pobre Gretchen... Tudo destruído, perdido! A água levou nosso esforço de meses em alguns minutos... Ah! Meu Deus, por que isto foi acontecer assim?

A sua perplexidade não tinha fim, e ele esbravejava, revoltado com toda a situação. Peter Wagner não sabia o que fazer para consolar o genro, pelo qual já nutria uma grande estima. Também tinha sido afetado, mas em proporção muito menor. Depois de alguns anos na região, calejados pelas perdas, os colonos mais velhos, e que já conheciam as “*manhas*” do Itajaí-Açu transferiram muitas de suas roças para locais mais altos e com isto aprenderam a salvar uma parte de sua produção em caso de enchente. Julius deixou Gretchen na casa dos pais e voltou para a colônia, para avaliar o estrago geral e também fazer uma verificação da situação da casa de comércio no *stadtplatz*. Quando voltou, estava ainda mais desolado. Contou das perdas enormes de todos os colonos, das roças arrasadas pela passagem da água, dos jardins e hortas destruídos em todas as casas, das perdas inestimáveis e muitas vezes irreparáveis que a enchente deixara no seu rastro. Era desgraça demais para uma comunidade só!

Somando os prejuízos da propriedade e da casa de comércio, a perda de Julius, avaliava ele, chegava perto de 3 contos de réis, (equivalente a três milhões de réis) o que era muito para um casal principiante, como era o caso dos Baumgarten. A recuperação seria lenta e dolorosa para eles, exigindo ainda mais sacrifícios do que habitualmente já faziam em suas duras vidas. Ao receber a notícia da exata proporção das perdas sofridas, Gretchen não se deixou abater. Resolveu que o seu dever era consolar e reerguer o marido, e fez isto com sua habitual doçura e suavidade. Alisou suas faces e, olhando-o intensamente nos olhos fundos de cansaço e desânimo, disse com uma voz suave e doce:

- Julius, não desanima! Olha só os Kellner, que perderam muito mais do que nós. Quantos de nossos amigos ficaram sem casa, nem rancho, nem nada... E o pior é aquela família da colônia de Itajaí Grande... Meu pai recebeu a notícia de que eles perderam um filho! Imagina só, um filho, na enchente... E o nosso está aqui dentro, bem guardado e a salvo! – Dizendo isso, alisou o volumoso ventre e olhou para ele com um ar maroto. - Nós somos jovens, num instante vamos reerguer tudo o que perdemos. Trabalharemos em dobro, de sol a sol, mas num instante tudo estará como era antes desta catástrofe!

- Gretchen, tu és um tesouro de mulher! – Respondeu Julius emocionado.

Abraçaram-se e seguiram para a sua propriedade, já cheios de vitalidade e ânimo para reconstruir tudo o que a chuva e a enchente tinham levado.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Julius estava capinando a roça de feijão, cujas pequenas plantas ondulavam suavemente ao vento, renovando a vida na propriedade dos Baumgarten, como a fazer coro com a renovação que brotava em todo o lugar, quando ouviu um longo assobio e um chamado:

- Ei! Vizinho Julius! Estou chegando! – Gritou seu vizinho Paul Kellner, aproximando-se com o chapéu de palha que usava para se defender do sol abrasador entre as mãos e um sorriso aberto no rosto.

- Seja bem-vindo, Paul! Que bons ventos o trazem aqui?

- Julius, vim te pedir um favor. Preciso cavar uma vala lá na minha serraria e acho que só com os meus homens não vai dar. Tu, que tens bastante experiência, pois também tens a tua serraria, não podias ir junto e dar uma ajuda?

- Mas é claro, é pra já. Só vou ali dentro avisar a Gretchen e já podemos partir. Venha junto para beber um gole de água fresca, pois o calor está de matar...

Ambos entraram pelo alpendre, que estava numa gostosa penumbra em comparação com o sol abrasador daquele final de ano. Refrescaram-se no tacho de madeira e entraram na espaçosa cozinha. Gretchen movia-se com certa dificuldade devido ao adiantado de sua gravidez, mas abria na mesa uma massa dourada e fofoa com a qual pretendia fazer doces confeitados para o Natal que se aproximava. O aroma das especiarias recendia na cozinha, lembrando velhos natais na Europa. Julius aproximou-se da esposa e disse:

- Vou ajudar o Kellner lá na serraria. Até o fim do dia estaremos de volta, está bem? Cuide-se e se precisar de alguma coisa, mande um moleque me chamar!

Com um beijo na testa e um gesto carinhoso em sua cabeça, despenteando-lhe levemente os cabelos, Julius saiu para o calor da tarde.

Os dois caminharam com afincado aproveitando o frescor da mata, embrenhando-se cada vez mais mato adentro, onde ficava a serraria. Julius nunca se cansava de admirar a beleza nativa daquele país: os tons multifacetados das ramagens e a ampla diversidade de espécies eram assombrosas e sempre surpreendentes. Quando ele achava que já conhecia tudo, esbarrava com um novo espécime desconhecido.

Chegando ao local onde já tinha sido erguido o barracão da serraria, Paul e Julius puseram-se a auxiliar os trabalhadores que cavavam uma vala. Adolph, que trabalhava logo ao lado de Kellner, caiu ao chão gritando de dor, transpassado por uma flecha... Eram os bugres! Os colonos custaram a reagir, um pouco estupefatos com a ousadia e agressividade dos silvícolas, que até então só tinham cometido roubos e sempre de maneira furtiva e assustadiça. Mas agora estavam atacando para valer e a chuva de flechas continuava caindo em volta dos atônitos alemães. Seguiu-se uma gritaria e uma correria; todos, um pouco atordoados e sem saber o que fazer, corriam tentando se proteger das flechadas.

- Paul, onde está a tua espingarda? – Gritou Julius desesperado.

- Está lá dentro, no barracão da serraria!- Respondeu Paul, enquanto apanhava uma pá e investia violentamente contra os selvagens, na esperança de intimidá-los. As agressões de Paul só fizeram piorar a situação e acirrar a agressividade dos bugres, que grunhiam de forma assustadora, emitindo sons totalmente desconhecidos dos homens. Suas caras estavam completamente pintadas de urucum vermelho e os corpos, totalmente nus, eram escuros e rijos, demonstrando muita força e vitalidade. Eram guerreiros jovens, e deviam ter sido escolhidos a dedo para aquela temerária missão. Apesar da baixa estatura, demonstravam força, coragem e grande resistência.

Julius voltou correndo do rancho e disparou alguns tiros, fazendo com que eles buscassem a proteção dos grossos troncos de árvores, mas não desistiram. Paul olhou em volta e percebeu que, à exceção de Julius e dele próprio, todos os demais trabalhadores tinham sido flechados, e é claro que os bugres que deviam somar uns nove indivíduos, estavam em franca supremacia. Esgueirou-se tentando chegar até Adolph, que sangrava e se debatia no chão, enquanto Julius lhe dava cobertura, atirando contra os selvagens. Nisto sentiu uma dor ardente no braço direito e percebeu ter levado

uma flechada. A ira subiu à sua cabeça e, tomado da mais absoluta fúria, arrancou a espingarda das mãos de Julius e saiu atirando frontalmente contra eles. A sua reação acabou por fazer o que nada até então tinha feito: assustou-os e eles desapareceram no meio das árvores, não sem antes acertar mais uma flechada na perna esquerda do valente colono. Paul desabou no chão, gemendo e sangrando em profusão através das feridas abertas pelas duas flechas. Julius contemplou o cenário dantesco: todos feridos e alguns, pelo que ele podia avaliar, de morte. Correu a ajudar Paul e, sem nem saber como, transpôs o trecho de matagal que levava até a propriedade na beira do rio. Chegou gritando e pedindo que fossem socorrer os demais trabalhadores, e logo todo o pequeno e combalido grupo estava embarcado em canoas, em busca de ajuda e socorro na sede da colônia. Paul ficara, e assim que as canoas partiram, chamou Julius e disse:

- Meu amigo, sei muito bem que a minha única chance é tirar estas flechas do meu corpo. Estes bugres miseráveis envenenam as pontas, a fim de matar mais rapidamente seus inimigos, e se eu não tirar logo este veneno do meu corpo, sei que vou morrer. Chama dois homens bem fortes que, juntamente contigo, vão arrancar estas “coisas” de mim.

Julius sentiu, instintivamente, que era melhor não discutir. Paul era um homem de convicções firmes e, de mais a mais, Julius concordava com a opinião dele. Para um homem de fibra, que tinha a coragem de enfrentar uma dor extrema, não havia nada melhor do que extrair as flechas o mais rapidamente possível. Mas os três homens lutaram por quase duas horas para extrair as flechas, que possuíam pontas curvas como anzóis, feitas exatamente para se entranhar na carne causando uma ferida mortal. Depois de muita força, enquanto a mulher de Paul secava o suor febril que lhe aflorava ao rosto e depunha algumas gotas de cachaça em seus lábios descorados, lograram sucesso e as flechas saíram, por inteiro, dos membros exaustos de Kellner. Os homens o levaram para dentro e a mulher o instalou confortavelmente na cama.

- Agora é só deixar a natureza agir e a saúde de Paul falar mais alto. Ele vai sair desta! – Enfatizou Julius.

Ao chegar a casa foi que Julius se deu conta do que enfrentara, e do perigo que corra a sua amada esposa, praticamente sozinha em casa durante todo aquele tempo. Abraçou-a forte e intempestivamente, escondendo o rosto sofrido nos seus cabelos perfumados.

O episódio deixou fundas marcas na colônia. Todos os homens de Paul Kellner morreram em decorrência das flechadas recebidas, algumas horas depois do ocorrido. O único a escapar foi ele, e isto devido a sua valentia na retirada das flechas, fato que o salvou. Mesmo assim, penou durante alguns meses em tratamento na sede da colônia, até obter recuperação total. O acontecido se espalhou por toda a colônia e redondezas, e todos passaram a cultivar um medo azedo e sobressaltado, que se interpunha em muitos momentos da vida daqueles habitantes. As caminhadas prazerosas no mato passaram a ser motivo constante de sobressalto, e as casas, que não tinham sido construídas pensando em defesa, não garantiam a segurança de seus moradores e lhe tiravam a tranquilidade nos momentos de descanso. Os colonos começaram a andar em grupos, e armados, temendo sempre pela própria vida e de suas famílias.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Meu Deus, já é tão tarde! – Pensou Julius, dando-se conta do longo tempo em que permanecera mergulhado no passado, revendo toda a sua vida na colônia Blumenau. Esfregou as pernas duras e doloridas pela vigília forçada. – Está mais do que na hora de ir dormir! Amanhã começa outro dia e agora eu tenho mais uma boca para alimentar, e mais responsabilidades a cumprir!

Tudo voltou ao normal com muita rapidez. Ao calor daquele início de 1856 sucedeu-se o frio e a temporada de chuvas típica daquela época. Gretchen voltou a sua saúde e disposição normais e abraçou com ânsia todos os trabalhos na propriedade, além dos amorosos cuidados com o pequeno filho. Julius se enternecia ao vê-los, sentados ao pôr do sol que dourava seus cabelos, o menino gordo e rosado no colo amoroso da belíssima jovem que a cada dia mais desabrochava em elegância. Ao contrário de muitas outras mulheres, Gretchen não conservara a corpulência da

gravidez, e seu corpo gracioso voltara ao normal, cheio de graça e curvas redondas que encantavam o esposo.

Certa noite, quando estavam se preparando para dormir, Julius acercou-se de Gretchen e lhe pediu, com doces palavras em alemão:

- *Meine liebe*, queria te ver por inteiro, sem camisola nem nada... Poder ver o teu corpo todo!

Gretchen enrubescou e negou, mas a ideia a seduzia e excitava. Quando voltava do quarto de Hermann, onde fora conferir o sono do pequenino filho, estacou no corredor escurecido pela noite e, lentamente tirou a camisola, a calçola e o corpete, ficando completamente nua. O coração disparou e ela pensou que não teria coragem de entrar assim no quarto... Presa entre a dúvida e a excitação, hesitou ainda alguns momentos e depois, num impulso, entrou e parou na porta, olhando expectante para Julius. Ele, que trazia algumas roupas na mão para guardar, deixou-as cair e ficou olhando estupefato. Não sabia avaliar se a admiração era maior pela ousadia da esposa ou a sua beleza estonteante. O corpo desenhava-se contra a velada luz da lamparina, suavizando os contornos redondos e sensuais. Os seios rijos, arredondados e opulentos devido à amamentação, projetavam-se atrevidos para frente, lançando sombra sobre a barriga lisa e chata e os quadris curvos e bem desenhados. As pernas eram longilíneas e bem torneadas, muito brancas e lisinhas. Os cabelos haviam caído em cascata sobre as costas nuas, conferindo-lhe um quê de deusa grega, como Julius vira em algumas esculturas de um museu, na sua terra natal. Naquele momento amou ainda mais a sua mulher e desejou-a intensamente, consumando o desejo com sofreguidão.

Gretchen amamentou seu filho Hermann por dois anos, e era uma festa vê-lo abocanhar gulosamente o seio branco da mãe com afã de bezerrinho, e de lá extrair o alimento que o transformaria num belo e saudável garoto, que passava o dia correndo de fora para dentro de casa, executando pequenas tarefas e fazendo pequenas travessuras com a mesma intensidade e vontade. Adorava a mãe e era muito apegado ao pai, com quem saía todas as manhãs, dizendo no seu palavreado enrolado de garotinho que ia trabalhar. Poucos instantes depois, já tinha desistido e estava de volta, grudado à saia da mãe ou aprontando alguma nova travessura no quintal. Sua fiel companheira era Siegrid, que agora já era uma mocinha de dezesseis anos. Crescera muito e estava alta e espigada, mas as tranças ruivas e as sardas em profusão eram ainda as mesmas, e mantinham o seu ar de garotinha desprotegida. Tinha verdadeira adoração pelo pequeno Hermann e fazia todas as suas vontades, para desespero de Gretchen, que era muito severa, apesar do amor e carinho que nutria pelo filho.

Quando Hermann estava com quase dois anos, Gretchen engravidou novamente, para grande alegria de Julius, que sempre se lembrava das vantagens de uma família numerosa.

Todas as famílias estavam crescendo, e os garotos de Gustav e Agnes Pauls vinham muitas vezes brincar com o pequeno Hermann. Naquele domingo não foi diferente. A família Pauls, ainda sócios e cada vez mais amigos dos Baumgarten, tinha vindo passar o domingo com eles. Enquanto as crianças brincavam no gramado e corriam num sem número de direções diferentes, enlouquecendo os cachorros da casa, os dois casais conversavam tomando café na varanda.

- Estou muito preocupado com o nosso bondoso Blumenau... – Ponderava Julius. – Ele voltou muito abatido do Rio de Janeiro, depois do seu último encontro com o Marquês de Olinda! Também pudera! O velho ranzinza não quis nem saber de ajudar a colônia... E com esta queda na safra da cana-de-açúcar a situação da colonada está difícil. Isto tudo abala o nosso bom diretor, tanto é que ele ainda nem se recuperou bem da última gripe, e já está adoentado outra vez! Sua vista também enfraqueceu e ele tem dificuldades até para escrever as constantes cartas que manda para meio mundo. É impressionante como ele se incomoda com as críticas que fazem ao seu trabalho... Quem tem dúvida, que venha aqui conferir como ele é um homem honesto e esforçado... Bom, ainda bem que estão vindo aí os homens que o Marquês de Olinda afinal enviou, para fazer a verificação em tudo! Assim acaba de uma vez esta confusão e eles liberam as verbas de que a colônia tanto precisa e pelas quais o bom doutor tem lutado tanto!

- Não sei, não, Julius, acho que vamos ter sérios problemas. Nem todos têm esta visão bondosa que tu tens de Blumenau. Tem muita gente aqui descontente com a administração dele e...

- Descontentes porque são ingratos! – Cortou Julius. – O Dr. Blumenau se mata por esta gente e é isto que recebe em troca... Que absurdo!

- E estes homens que vêm aí a mando do Marquês de Olinda... Não sei não! Isto está me cheirando a confusão... Duvido que eles venham realmente verificar a situação e liberar verbas. Para mim acho que eles vêm é para causar problemas para Blumenau.

- Pois se é para isto que eles vêm, podem pegar as malas e voltar! Eu não vou deixar ninguém cometer uma injustiça com Herr Blumenau.

- Julius, tu és ainda um tanto ingênuo... Na política as coisas não se resolvem assim!

- Pois aqui vai ser assim! Isto garanto eu, Karl Julius Baumgarten! Será possível que todos vão voltar as costas a ele, a quem devem tanto? Até a nossa terra natal está deixando a desejar com ele! Sabias que as verbas provenientes de Hamburg este ano foram cortadas pela metade? O bom doutor ficou desesperado, coitado!

- Olha, é bom que tu saibas... Tem gente dizendo baixinho por aí que os homens do Marquês de Olinda vêm aqui apenas para achar fatos que incriminem o Dr. Blumenau, a fim de mandá-lo embora e assumir a colônia! Para ti ninguém conta, pois sabem que és um defensor ferrenho dele...

- Mas isto é o cúmulo! Só vão fazer isto com o Dr. Blumenau sobre o meu cadáver! - Gritou irado Julius.

- Julius, te acalma, olha as crianças... – Disse Gretchen com suavidade, sem deixar o tom severo.

Julius desviou o olhar e percebeu que à medida que ia se inflamando com a discussão, as crianças foram interrompendo suas atividades e agora olhavam de bocas abertas e olhos arregalados para ele.

- É isto mesmo, meu filho! – Disse dirigindo-se a Hermann. – Aprenda com seu pai e defenda sempre as causas justas e as pessoas injustiçadas. A justiça, meu filho, não tem preço!

Julius nem de longe avaliava o quanto estas palavras, que expressavam o estofamento de todas as gerações Baumgarten, calariam fundo e iriam nortear a vida do seu primogênito. Embora os rumos tomados viessem a ser muito divergentes dos do pai, a defesa intransigente do seu conceito pessoal de justiça estaria sempre presente na vida de Hermann.

O domingo esmoreceu por trás dos morros das cercanias, deixando uma agonia vermelha no ar, e a noite trouxe as preocupações diuturnas corriqueiras.

Julius estava inquieto com as informações recebidas de Pauls, e agoniado para ir até a colônia na manhã seguinte, e conversar com Blumenau sobre estas questões todas que lhe tiravam o sono.

Gretchen estava em adiantado estado de gravidez, por isto apenas abraçou-a com suavidade e procurou dormir, aconchegando-se aos seus cabelos, sempre perfumados.

Mal o dia amanheceu, Julius saiu remando vigorosamente na sua “bateira”, em demanda da sede da colônia. Foi direto ao escritório do Dr. Blumenau, e lá chegando encontrou-o algo acabrunhado, debruçado sobre um calhamaço de papéis amarelados. A alegria que demonstrou ao ver Julius foi verdadeira, e levantou-se para cumprimentá-lo e bater-lhe amistosamente nas costas.

- Julius, que bom te ver por aqui! Acabo de escrever uma carta para o teu irmão Hermann, pois agora que ele assumiu uma cadeira de professor na Universidade de Strassburg, acho que pode me ajudar. E já que, desde o teu saudoso pai, tem sido uma tradição da tua família me apoiar, quero contar com ele mais uma vez...

- Mas é claro que o Hermann vai apoiá-lo, *Herr* Blumenau! Imagine se ele vai faltar a um homem tão bom e esforçado quanto o senhor... Ele sabe muito bem o quanto o nosso saudoso pai o apoiava. (O pai de Julius falecera em 1855, alguns meses antes do nascimento de Hermann, mas Julius só recebera a notícia quase seis meses depois). Mas para que o senhor pede o apoio dele? Algum problema em especial?

- É, Julius, não é fácil o meu trabalho... Desde que cheguei aqui, só tenho tido revezes de todo o tipo... Sem falar na resistência que tenho enfrentado de todos os lados! Até minhas mudas de roseira, que mandei buscar pela quarta vez, e mais uma vez foram “extraviadas”, são um sinal de quantos inimigos eu fiz apenas por querer construir uma colônia próspera e decente... Recebi a notícia de que os enviados do Marquês de Olinda, os Srs. Acellemant e Burckhart, que estão chegando aí, vêm com o objetivo específico de me prender... Querem achar, ou quem sabe forjar,

provas de que minha administração é inepta e incompetente, para poderem me mandar de volta para a Alemanha e assumir a colônia...

- Mas *Herr* Blumenau, o senhor acha que os nossos colonos vão deixar isto acontecer?

- Não se iluda, meu bom Julius... Você é valente e trabalhador, está se saindo muito bem apesar de todos os revezes. Mas tem muita gente por aqui que não tem a sua fibra e coragem, que está perdendo tudo devido a sua preguiça e desânimo. E estes são os primeiros a querer cair nas graças daquele Marquês cretino e venal, que senta em cima das verbas das colônias e só as libera para os seus apaniguados... É com estes que eu devo me preocupar!

- Mas a Alemanha não vai aceitar passivamente que um homem seu seja descartado assim, ainda mais para ser substituído por alguém da confiança deste Marquês. O imperador vai receber severos protestos de lá... Mas me diga doutor, quando é que estes homens vão chegar aqui na nossa colônia?

- Por estes dias, talvez até hoje mesmo, Julius... Eu vou ter que hospedá-los aqui em minha casa mesmo, assim manda a boa educação, mas vai ser muito difícil conviver sob o mesmo teto com este Judas... – Blumenau deixou a frase no ar, e tristeza e desânimo perpassaram sua expressão, como se estivesse muito fraco para carregar o fardo que lhe cabia.

Julius despediu-se do administrador e saiu, entre apressado e excitado com a ideia que lhe ocorrera.

– Vou preparar todos os colonos para receber esta gente como eles merecem... Eles vão ver só o que significa nos provocar!

Julius passou o restante daquele dia visitando os colonos, falando sobre a situação da colônia e a necessidade de defender o Dr. Blumenau de ataques injustos. Muitos colonos concordavam com ele e se dispuseram a afrontar os perigosos visitantes, mas havia aqueles que estavam descontentes com tudo e descontavam esta frustração no próprio administrador da colônia. Julius argumentou e falou exaustivamente, sobre as chuvas, enchentes e colheitas, dificuldades que não podiam ser colocadas na conta de Blumenau e que eram, em grande parte, responsáveis pela maioria dos problemas da colônia. Alguns foram sensíveis aos seus argumentos, mas havia um bloco de descontentes que foi inflexível a todas as palavras de Julius, fazendo com que ele partisse de suas casas intempestiva e furiosamente, deixando-os um pouco assustados com sua firmeza.

A recepção, no entanto, estava orquestrada, e quando os enviados do Marquês chegaram provenientes do Desterro, encontraram uma surda resistência e uma hostilidade velada da maior parte da colônia. Sua arrogância inicial foi sendo substituída por uma admiração verdadeira, ao perceberem o quanto os colonos eram fiéis ao seu administrador. Aqueles poucos que não faziam coro com esta admiração foram sufocados pela firmeza do grupo que apoiava Blumenau. Uma vitória na papelada da colônia revelou que a contabilidade e as providências do Dr. Blumenau estavam dentro dos conformes, e aparentemente não havia nada que desabonasse a conduta dele. – Pena – pensou Acellemant, que havia simpatizado com a causa blumenauense – que este doutor é tão resmungão... De político não tem nada! Escreve cartas e mais cartas para o Imperador, o Marquês e quem mais ele acha que poderão ajudá-lo, desafiando o seu rameirão de reclamações... Assim ele não vai cair nas boas graças do governo nunca!

Acellemant tentou conversar com Blumenau, explicando que os escusos meandros da política no Brasil eram muito sofisticados e não podiam ser tratados de maneira direta como ele vinha fazendo, mas Blumenau foi inflexível aos seus argumentos.

Burckhart, muito menos favorável ao administrador, teve infinitas discussões com ele sobre questões muito mais dialéticas do que práticas. Blumenau insistia em que ele fosse visitar os colonos, sem a sua presença, para verificar pessoalmente o quanto eles estavam satisfeitos com seu trabalho, mas o homem estava mais interessado em polemizar.

Certa manhã, encostado no balcão da hospedaria de Julius, começou a fazer críticas, disparando diretamente contra os métodos de Blumenau. Julius, inflamado, pegou-o pelo colarinho e colocou-o para fora da hospedaria, avisando com o dedo em riste:

- Aqui na nossa colônia não admitimos que um “estrangeiro” venha criticar o que não conhece e falar mal de nosso administrador.

Com raiva, investiu contra ele, e teria lhe dado a maior surra, se o próprio Dr. Blumenau não tivesse interferido, impedindo a briga. Depois disto, os dois visitantes foram embora e a conversa da

expulsão de Blumenau morreu completamente. Somente ficaram sabendo que Acellemant havia defendido com veemência o administrador e sua colônia, afirmando que era a mais promissora da região e que, se alguma desse certo, com certeza seria a colônia Blumenau. Todos estes fatos solidificaram ainda mais a amizade entre Blumenau e Julius Baumgarten, assim como o respeito e admiração de toda a colônia para com “aquele alemão”, que defendia com tanto ardor as suas convicções. Hermann, apenas uma criança, acompanhava de perto toda a movimentação política do pai, e os seus arroubos algo violentos em defesa de seus pontos de vista.

Gretchen estivera meio alheia a todo o processo, cuidando de seus afazeres e de uma gravidez que vinha se revelando difícil, muito diferente da primeira, quando ela se sentia gloriosa.

Maria Louise Agnes, ou simplesmente Agnes, como viria a ser chamada, nasceu na fria madrugada de 15 de junho de 1858, entre gritos e extremo sofrimento de sua mãe. Gretchen queria muito uma menininha, e a alegria do seu nascimento a fez superar rapidamente o parto difícil e traumatizante que havia tido. Agnes era mirradinha, mas muito gulosa e valente, e logo cresceu como um pequeno pepino, deixando de preocupar sua mãe. Hermann estava um pouco ressabiado, sentindo ciúme por ter perdido o lugar exclusivo no afeto e atenção de sua mãe, e voltou-se mais para o pai, passando a ir com ele diariamente para a sede da colônia. Tornaram-se quase inseparáveis, mas a paixão de Hermann ainda era a doce Gretchen, que ele abraçava com euforia depois de um dia inteiro fora de casa. Hermann era um menino garboso, apesar de muito pequeno, e seus cabelos rebeldes, que insistiam em cair sobre os olhos azuis iluminados como dois botões, destacavam-se na face ainda rosada de bebê. No semblante já aparecia, apesar da tenra idade, a obstinação de um caráter que se revelaria inquebrantável. Hermann era delicado com a irmãzinha e, quando a mãe pedia, colocava-a com todo o cuidado no colo e ficava ao sol, embalando-a e cantarolando para que dormisse. Mas logo sua agitação de criança falava mais alto e pedia, com ar implorante, que a mãe o liberasse da tarefa, para em seguida sair correndo como um bezerrinho novo pelos campos, pulando no milharal com a cachorrada em volta.

Julius voltava-se cada vez mais para os negócios no stadplatz e envolvia-se na política e na administração local, agindo com um verdadeiro braço direito para Blumenau. Os campos e plantações ficavam cada vez mais por conta de Gretchen e dos empregados. Gretchen ia raramente ao centro da colônia, pois estava totalmente envolvida com os afazeres da propriedade, que administrava com mão de ferro e esforço extremo, obtendo sempre bons resultados. Suas verduras e frutas eram as melhores da região, e seu jardim era um festival de cores e perfumes quase indescritíveis. Conhecida pela excelência de sua mão na cozinha, era considerado uma honra ser convidado para almoçar ou cear com a família Baumgarten, e ter a oportunidade de provar as delícias coloniais que ela preparava. Aquele final de década de cinquenta foi próspero e feliz para a família.

A sombra da dor – 1859

Era junho de 1859. Julius chegou a casa apressado e excitado e chamou em altos brados:

- Gretchen, onde estás, mulher? Vem cá ligeiro que tenho uma novidade para te contar...

Gretchen estava costurando na varanda atrás da casa, aproveitando o solzinho fraco daquele mês invernal. O carrinho de madeira onde ficava a pequena Agnes estava perto do canteiro com gerânios vermelhos e ela encantava-se com o colorido intenso delas, tentando pegá-las com as mãozinhas gorduchas. Julius chegou intempestivamente e, tomando Gretchen nos braços, rodopiou com ela dizendo:

- Mulher, temos muito que comemorar! Blumenau foi elevada à categoria de Distrito de Paz, desmembrando-se da colônia de Itajaí. Sabes o que isto significa? Progresso, mulher, progresso! Vamos ter escolas, bancos, intendência própria... E eu já fui eleito por aclamação como o primeiro juiz de paz do nosso distrito... Vês como o pessoal confia em mim?

Julius estava feliz e queria comemorar. Sentiu uma urgência de fazer amor com a esposa, como há muito não sentia, envolvido com as preocupações da colônia e dos negócios. Tomou-a nos braços e levou-a para o quarto, apesar de seus protestos.

- Julius, as crianças... O trabalho... Eu deixei... Suas palavras morreram no abraço feroso do marido, e ela deixou-se envolver pela sua paixão.

Depois de algum tempo, Julius vestiu-se e levantou, fazendo um carinho no rosto da esposa. Gretchen, no entanto, deixou-se ficar na cama, envolta pelos lençóis pensativa. Sua mente divagava, perdida... Tinha certeza de que engravidara naqueles momentos de amor, e uma dor forte apertava seu coração, com um garrote de fogo. Algo parecia errado, mas ela não sabia o que era. Foi ficando na cama, depressiva e triste, contrariando sua índole e seus hábitos quase espartanos em relação ao trabalho.

O pressentimento foi se diluindo com o passar dos dias, mas voltou com força quando ela constatou que realmente estava grávida. Foi um período difícil para ela, presa de dúvidas e angústias que não dividia com ninguém. A gravidez revelou-se complicada, demonstrando que ela não era, afinal, boa parideira. Isto a deixara depressiva e sentia-se culpada, por decepcionar o marido. Não que ele dissesse qualquer coisa, mas Gretchen sabia que todos os colonos tinham expectativas de uma grande prole, e Julius não era exceção. Ele era carinhoso com ela, poupava-a ao máximo, mas estava a cada dia mais ausente, envolvido nos negócios da colônia. Gretchen sabia que seu marido era culto, tinha tido uma formação muito mais esmerada do que ela jamais poderia ter, e isto criava nela um recalque profundo, que tentava superar esmerando-se como podia nas lides e prendas domésticas. Aquele verão foi torturante para Gretchen, o calor fazendo com que ficasse inchada e indisposta quase o tempo todo. Era um sacrifício fazer o serviço normal, e Gretchen recorria a toda sua fibra, forçando-se a executar as suas tarefas, mesmo quando se sentia morrer por dentro.

Naquela tarde, Riecke atravessou o pátio pisando fundo, demonstrando estar preocupada, e Hermann voltou-se para olhá-la, algo amedrontado. Ele adorava Riecke, que era quase uma segunda mãe, mas também tinha muito medo de seus ataques de mau humor, que eram notórios. Ele era alto para os seus quatro anos e a rigidez da estrutura revelava uma criança criada com fartura de mimos. Olhou de lado para Riecke, que passou roçando suas amplas saias no pequeno quase sem vê-lo. Ele abraçou o cachorro com o qual estava brincando, e continuou olhando para Riecke enquanto ela se afastava, com aquele ar carregado. Viu quando ela falou com August, seu marido, e lhe deu ordens peremptórias que ele, de longe, não conseguiu entender. Não vira a mãe o dia todo, e desconfiava de que algo estava acontecendo, mas não imaginava o que poderia ser. A expressão carregada de Riecke não o encorajava a perguntar nada, e decidiu esperar. Entrou em casa e percorreu os cômodos, procurando a mãe. Logo começou a ouvir seus gemidos fracos e doloridos, e foi desesperado procurá-la no quarto, de onde vinham os sons. A porta estava entreaberta e Hermann espiou, cauteloso. Viu sua mãe na cama, contorcendo-se de dor, com a frente velada por um suor frio e cadavérico. A barriga, enorme e redonda, projetava-se para cima, com um formato estranho.

Os lençóis tinham vestígios sanguinolentos e Hermann sentiu uma angústia apertar seu peito. Fez menção de entrar, mas neste momento Riecke chegou com Siegrid e ralhou com ele, mandando que fosse brincar na rua. Siegrid piscou para ele e prometeu que logo iria encontrá-lo, assim que pudesse. Hermann afastou-se cabisbaixo, e sentou na varanda, esperando sem saber exatamente o quê. Logo viu seu pai chegar acompanhado do médico da colônia e de August, que fora chamá-los. Os dois homens entraram imediatamente no quarto e, depois de alguns instantes, os gemidos de sua mãe tornaram-se mais intensos, fazendo com que Hermann chorasse desconsoladamente. Siegrid chegou neste momento e abraçou-o forte, dizendo com carinho:

- Não fica assim, Hermann! Isto já vai passar... A tua mãe sempre tem dificuldade para ganhar bebês, mas depois ela fica boa logo, logo... E tu vais ganhar mais um irmãozinho... Ou irmãzinha!

- Eu não quero irmão nenhum! Quero a minha mamãe...

Foi uma longa noite de horrores, e quando a criança nasceu, todos estavam extenuados. A menina, que foi chamada de Hedwig, era fraca, pálida e pequenina, e quase não conseguia se alimentar, pois faltava-lhe força para sugar o leite da mãe. Gretchen, por sua vez, estava arrasada e fraca, devido à perda de sangue.

O médico tomou uma xícara de café forte e aromático preparado por Riecke e disse, com voz severa:

- Julius, acho melhor não arriscares mais a vida de tua mulher. Ela tem muita dificuldade para parir, e a cada parto a situação dela fica pior. O seu útero já está muito fragilizado, e uma nova gravidez pode significar risco de vida. É melhor vocês interromperem a prole por aqui... Três filhos já está mais do que bom, você não acha?

- Mas eu queria mais um filho, doutor! De homem só tenho Hermann, e preciso ter para quem deixar tudo o que estamos construindo... Gretchen também não vai concordar com isto, ela vai querer mais filhos...

- Não se trata de querer, mas de poder, Julius! Queres ficar viúvo?

- Credo, doutor, não fale assim... Gretchen é jovem, forte, vai superar isto tudo. As mulheres, coitadas, têm que passar por este calvário, faz parte da sua vida...

Gretchen custou muito a se recuperar desta vez. Sua saúde oscilou por muitos meses entre a vida e a morte, o que prejudicou o desenvolvimento da pequena e mirrada Hedwig. Ela continuou pálida, pequena e fraquinha, e tinha ainda muita dificuldade para se alimentar. Muitas e muitas noites Gretchen chorava com ela no colo, e Hermann ouviu o choro de sua mãe e da pequena irmã com o coração garroteado pela dor, sem poder fazer nada. Quando estava com seis meses a menina morreu, sem ter chegado a saber direito o que era a vida. Gretchen chorou amargamente, sentindo-se culpada pela morte da filha. Hermann abraçou-a fortemente, procurando infundir-lhe calor e força, mas ela estava presa de seus próprios fantasmas interiores. Passou a se alimentar de maneira obsessiva, procurando de forma exaustiva se recuperar. Sua ideia fixa era engravidar novamente, dando outro filho a Julius e completando, desta forma, a lacuna deixada pela morte da pequena Hedwig. Hermann podia ouvi-los, à noite. Julius tentava demovê-la, repetindo as palavras do médico, mas acabava se deixando levar pela sua sedução, e fazia amor com ela de forma intensa e imprudente. Foram dias e dias de delírio, até Gretchen descobrir que estava novamente grávida. Só então sossegou, passando a se preocupar com outras coisas e com o serviço normal da casa e da propriedade. Mas estava muito fraca, e sua resistência era mínima. Quase nada conseguia fazer e era apenas uma sombra da Gretchen que chegara, há apenas seis anos, cheia de sonhos, naquele pedaço de chão.

Tinha apenas 21 anos e era ainda muito bonita, mas o efeito de muito trabalho e da vida pesada desde a mais tenra idade já deixara suas marcas. Em alguns momentos parecia cansada e gasta como uma velha canastra de couro vazia. Sua vivacidade também tinha desaparecido, em parte, e ela a recuperava apenas em alguns momentos especiais, quando brincava com os filhos ao sol, ou colhia as suas amadas e preciosas flores. Julius merecia sempre seus olhares mais especiais, e era bonito vê-los sentados na varanda, ao pôr do sol avermelhado. Julius acariciava a barriga saliente, maior símbolo de seu amor por ele e de sua garra, e ela olhava com adoração para seu rosto

longilíneo e já envelhecido pelas dificuldades. Eram dois jovens, envelhecidos por todas as dificuldades da vida colonial daquele século.

Os meses passaram céleres e a barriga de Gretchen crescia com força, demonstrando a vontade de nascer do pequeno ser que estava lá dentro. Hermann observava a mãe, quando ela colhia flores ou verduras, caminhando com dificuldade devido ao tamanho da barriga. Seu rosto estava corado e ela sorria com um certo ar de felicidade vaga e alheia à realidade.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O primeiro dia daquele setembro de 1861 amanheceu plúmbeo e cheio de presságios agourentos. O céu estava carregado e cinzento, e a chuva que estivera pendurada nas últimas horas caiu sonolenta sobre o vale, enchando a terra e as matas. As estradas, sempre precárias, tornaram-se intransitáveis e cheias de enormes poças de água lamacenta. O barro fundia-se com as ervas da beira da estrada, formando um lodaçal praticamente intransponível. Hermann acordou com os gritos semi-abafados de sua mãe, presa das dores do parto. Durante todo o dia, Hermann acompanhou a movimentação na casa, muitos soluços abafados e, às vezes, um grito lancinante que rompia a fímbria do silêncio assustador e reverberava maus augúrios no vazio do lugar. Ao longo do dia foram chegando pessoas, sempre com a fisionomia carregada de preocupação. Todas passavam céleres por Hermann, como se ele não estivesse ali, angustiados como um coelho e ansiando por alguma palavra de conforto. O dia foi passando e o alívio não chegava. Hermann sentara-se, encolhido e com as pernas abraçadas, próximo ao quarto de seus pais e acompanhava, ávido de novidades, tudo o que acontecia. Ouvia soluços abafados, exclamações soturnas e alguns arroubos de desespero intermitentes, que só faziam aumentar sua angústia. Riecke e Siegrid passavam de quando em vez com panos ensanguentados e baldes cheios de líquido que ele não conseguia ver, o que aumentava seu desespero. O médico, chamado há algumas horas, dava ordens peremptórias e sua voz ressoava na casa como sino no campanário.

Hermann dava graças a Deus porque sua irmãzinha Agnes tinha sido levada para a casa dos Pauls, e assim ele estava liberado de cuidar dela. Suas costas estavam grudadas na parede do corredor, e ele esperava, ouvindo o ritmo acelerado do seu próprio coração. Um manto negro como noite sem estrelas pesava sobre a sua alma, presa da pior das premonições. No fundo adivinhava que nada seria como antes, e aquela era de paz e folguedos estava definitivamente terminada.

Ao cair da noite os soluços e gemidos de sua mãe cessaram, e ele ouviu um choro vivo e agudo, de criança recém-nascida. Vozes abafadas cruzavam o espaço, e logo Siegrid saiu do quarto como um foguete, dirigindo-se a ele:

- Teu irmão nasceu, Hermann. E a tua mãe disse que vai se chamar Karl Friedrich Julius, como teu pai!

- E como ela está, Siegrid? Posso vê-la?

- Acho que agora não, pequeno. Ela sofreu muito, e também perdeu muito sangue... Precisa de um tempo para se recuperar!

Hermann não desgrudou da porta do quarto, esperando uma chance de entrar. Seu pai saiu, extenuado, juntamente com o médico, em demanda da cozinha, onde Riecke preparava café e algo para comer. Hermann aproveitou a chance e entrou no quarto, que estava na penumbra. Um cheiro de sangue e morte pairava no ar escuro e quente. Hermann quase podia senti-lo, nas entranhas e no coração, que batia acelerado. Sua mãe jazia na cama, tão branca como os lençóis que a cercavam. Sua pele estava macilenta, acinzentada, como se a vida estivesse, pouco a pouco, abandonando o seu corpo. Seus olhos, que se entreabriram com a entrada do pequeno filho, emitiam uma luz mortiça e fraca. Hermann chegou suavemente até a borda da cama e acariciou a mão de sua mãe, que jazia caída sobre as cobertas.

- Mãezinha, fique boa logo para poder brincar comigo e com meus irmãozinhos, tá? – Hermann falava colocando esperança e cor em sua voz, como se encorajasse a mãe a ficar viva e continuar com eles. Gretchen olhou-o com uma intensidade fora do comum e disse, com voz quase inaudível:

- Filho, és tão especial... Sei que serás um grande homem... Sê tu mesmo, em todos os momentos de tua vida, e tudo dará certo!

Seus olhos se fecharam, num suspiro algo dolorido, e Hermann acariciou a fronte leitosa da mãe. Seus dedinhos gorduchos e amorenados pelo sol contrastaram com a tez quase transparente da mãe. A passagem de seus dedos provocou um leve estremecimento, seguido de um suspiro tênue. Gretchen virou o rosto para o lado, e Hermann saiu silenciosamente do quarto, com uma dor profunda alojada no peito.

Sentou na cama, encostando-se na cabeceira e esperou, tremendo com um frio interior que nenhum agasalho poderia diminuir. Depois de algum tempo, começou a ouvir a agitação de vozes, sussurros e soluços, os passos apressados e algo desesperados de todos os ocupantes da casa, o choro intermitente da criança, as exortações desesperadas de seu pai... Tudo se passava como que em câmara lenta para Hermann... No fundo de sua alma ele sabia: sua mãe estava morta, e nada poderia trazê-la de volta para ele! No dia 02 de setembro de 1861, Margarethe Wagner Baumgarten foi enterrada na colônia Blumenau, sob a chuva intermitente que castigava a colônia e retratava o luto dos corações de seus moradores. À beira da sepultura, diante da visão do caixão prestes a levar para sempre a sua Gretchen, Julius chorava como criança, olhando para o céu cinzento sem entender por que tinha que passar por tanta dor. O pequeno Hermann, ao seu lado, era o retrato vivo da desilusão infantil. Seus olhos avermelhados pelo pranto pareciam vidrados de dor e desesperança, como se a vida acabasse ali, naquele momento, e fosse enterrada junto com aquele tosco caixão. Julius balbuciava palavras desconexas, lamentando mais esta perda, desta vez quase irreparável. Lembrava a esposa meiga e doce, trabalhadora incansável, dona de casa responsável, mãe extremosa, amante ardorosa e fiel, jovem alegre que tingira com as cores de sua juventude e mocidade a sua vida algo descolorida pela distância da amada terra natal e dos familiares. Naqueles momentos relembrava os primeiros tempos de solidão e desesperança naquele novo mundo, sentindo-se um estranho e deslocado ser naquelas paragens tão diferentes... Lembrava-se da cor e da vida que entrara em sua vida desde que conhecera a bela Margarethe. Evocava a sua vivacidade e sua risada espontânea, a beleza suave de seus traços, o corpo forte e bem proporcionado... Lembrou sua beleza desnuda à luz mortiça da lamparina, o brilho de sua figura ao sol, amamentando o pequeno Hermann... Com estas imagens gravadas na retina obscura do coração enlutado, Julius escorregou lentamente para um limbo de dor e desesperança.

Uma nova etapa de vida – 1863

- Menino, saia já desta água! Você não tem medo de nada? Onde já se viu tomar banho neste rio traiçoeiro, de água barrenta?

Hermann ouviu o chamado e, relutante, saiu da água fresquinha onde estivera brincando nas últimas horas. O calor abrasante daquele verão parecia ser mais forte do que alguém pudesse se lembrar, e o alívio só vinha das águas frescas do rio, ou quando uma tímida brisa soprava ao entardecer. Hermann obedeceu a contragosto, pois não gostava de Frederike. Ela tinha apenas 16 anos e se casara, há alguns meses, com seu avô Peter Wagner. Era quase uma criança, mas agora achava que tinha que mandar, pois se casara com o velho e respeitado pioneiro. Sua avó, Agnes, morrera apenas alguns meses depois de sua mãe, o que não surpreendera ninguém, pois ela era doente há muitos anos. O avô, Peter Wagner, casou em menos de dois meses com a rapariga que vinha trabalhando em sua casa há vários meses, ajudando nas lides domésticas. Hermann e seu irmão Karl Julius estavam morando com os avós desde a morte de sua mãe, o que deixara o menino muito infeliz. Ele teria preferido ficar na propriedade, com Riecke e Siegrid, mas os avós tinham sido incisivos e seu pai, perdido na tristeza, nem tinha reagido. Mal e mal vira a criança recém-nascida que levava o seu nome, e depois de algum tempo viajou para o Desterro, deixando sua propriedade abandonada e os negócios nas mãos de Gustav Pauls. Sua irmãzinha Agnes ficara morando com os Pauls, que haviam implorado para ficar com ela. Como eles não tinham filhas mulheres, haviam se apegado muito à menina. Os avós relutaram muito em aceitar, mas o casal Pauls havia sido muito firme e acabara vencendo. Agora Hermann quase não via a pequena Agnes, e tinha que suportar Frederike. Seus tios, alguns da mesma idade que ele, eram a única alegria de sua vida. Dorothea, de 19 anos, irmã de sua mãe que era agora a mais velha da casa, simplesmente não suportava Frederike e seus ares de grande dama. Frederike trabalhara com Dona Agnes antes que esta morresse e todos viram o quanto provocava, de forma até mesmo vulgar, o velho pioneiro Peter Wagner. Ele, cuja mulher era doente há muitos anos, não era indiferente aos olhares e trejeitos da adolescente atrevida. Após a morte da mulher, perdido com os oito filhos menores que tinha para acabar de criar, sem mencionar os dois netos, e um pouco excitado com a perspectiva de ter uma jovem em sua cama para aquecer as longas e frias noites da colônia, casou-se com a menina. Desde então as brigas domésticas eram diárias e muitas vezes bastante atribuladas, entre a madrasta e os filhos de Peter Wagner, principalmente os mais velhos.

Hermann entrou em casa e Frederike se dirigiu a ele, em tom atrevido:

- Menino, tu és muito desobediente! Eu já disse que não quero ninguém dentro d'água aqui nesta casa. Já chega de mortes por aqui!

- Frederike, não passa dos limites! – Gritou Dorothea, irritada com a falta de sensibilidade da jovem madrasta. – Não tens o direito de repreender o Hermann... Deixa-o em paz!

Hermann saiu da cozinha de fininho, com uma grossa fatia de pão nas mãos, pois sabia que agora a discussão iria longe. Dorothea e Frederike discutiam por causa de tudo, e disputavam palmo a palmo a autoridade da casa.

Hermann sentou-se no gramado, próximo a um canteiro de cravinas coloridas. O perfume forte das flores sempre lhe lembrava a saudosa mãe, que as adorava e cultivava como ninguém. O pequeno Karl Julius veio correndo ao seu encaço, e depois de tropeçar nas próprias chinelas de palha, caiu estrepitosamente ao chão, começando a chorar. Hermann segurou-o no colo com alguma dificuldade, pois era um meninão de dois anos muito gorducho. Hermann tinha agora sete anos, e sentia-se eternamente responsável por ele. Os dois sentaram-se no gramado e Hermann num instante distraiu o irmão, que logo esqueceu o choro. Hermann viu quando uma canoa se aproximou ao longe, mas só quando ela estava bem próxima e já atracava no trecho de areia da frente da casa do avô foi que percebeu que era seu pai, acompanhado de uma mulher que ele não conhecia. Com eles vinha sua irmãzinha Agnes, que saltou da canoa e veio correndo e abanando em direção ao irmão, que idolatrava. Hermann abraçou a pequena Agnes, olhando aturdido para ela, pois fazia

algum tempo que não a via, e percebeu o quanto ela se tornara parecida com a mãe. Brincou com ela puxando suas tranças alouradas e presas por fitas vermelhas, e apertando seu narizinho arrebitado e coberto por sardas. Julius acercou-se deles e, soltando a mão da mulher que trazia entre as suas, ajoelhou-se e chamou:

- Hermann, meu filho, que saudade! Não vais abraçar o teu pai?

Hermann correu para os seus braços e apertou forte, querendo passar para o seu coração toda a dor que tinha sentido naqueles anos longe dele. Mas logo se afastou um pouco e disse para o pai:

- E o Karl Julius, não vais abraçar?

Julius oscilou entre a vontade e a dúvida. De certa forma ainda não superara a dor da perda de Gretchen, e o filho caçula era a lembrança viva daqueles fatos dolorosos. A mulher que estava com ele, e até então estivera calada, tomou a dianteira e, pegando o pequeno ao colo, disse com voz meiga e terna:

- Mas que criança linda... Como te chamas, pequeno príncipe?

E assim dizendo aconchegou-o ao peito com ternura de mãe. Karl passou os bracinhos gorduchos em torno do seu pescoço e entregou-se a uma ternura tão rara para ele. Ficou imediata e definitivamente conquistado por aquela que seria a sua madrasta, e uma verdadeira mãe para ele.

- Crianças, esta é Auguste, minha nova esposa. Ela vai ser a nova mãe de vocês, e vamos todos morar juntos novamente! – Disse Julius com ar de desafio. Mas nenhum dos filhos iria contestá-lo. Em primeiro lugar porque tinham sido muito bem educados pela mãe, e também porque ansiavam por estarem todos juntos novamente, e principalmente junto ao pai.

Hermann olhou atentamente para Auguste. Ela era uma mulherona grande e vistosa, muito diferente da delicadeza de porcelana de sua mãe. Seus cabelos eram escuros e estavam trançados num complicado penteado que formava um coque de tranças na parte de trás da cabeça e dois tufos de cachos de cada lado, que brilhavam à luz forte do sol, ostentando uma série de pequenos pentes de tartaruga. Os olhos, de um verde muito escuro, densos e profundos, lembravam um poço de águas cristalinas. O que predominava, porém, era uma infinita expressão de bondade e pena com a qual olhava para aquelas crianças. Usava um vestido escuro, apropriado para viagem, que lhe marcava a cintura e formava uma saia rodada, sobreposta por um mantelete de viagem todo contornado por babados pregueados, como se usava na época. Livre e solto como um cabritinho e sem preocupações com a etiqueta vigente, Hermann achou um verdadeiro absurdo aquela roupa pesada e volumosa para o clima da colônia. Mas Dorothea Rosalie Auguste Rischbieter, ou simplesmente Auguste, como Julius gostava de chamá-la, era uma mulher fina, criada dentro da etiqueta da corte imperial, e se vestia sempre de acordo com o que as circunstâncias determinassem, independente do seu conforto pessoal. Era uma verdadeira dama alemã, nascida e criada na Alemanha dentro da mais rigorosa disciplina, e isto fazia dela a pessoa ideal, apesar da aparente contradição, para estar ali naquele momento e assumir a família da saudosa Gretchen. Onde Margarethe talvez fosse falhar, por lhe faltar cultura e conhecimento, Auguste teve total sucesso e soube conduzir a alma irrequieta e talentosa de Hermann para o seu destino. Mas nada disto estava patente naquela ensolarada tarde, quando o que reinava era a alegria do reencontro e a promessa da tão esperada volta para casa. Hermann observou que suas mãos eram macias e delicadas, e as unhas rosadas tinham um leve brilho diamantino, que o encantaram. Ali, na rudeza dos serviços coloniais, ninguém tinha mãos como aquelas. Karl Julius instalara-se confortavelmente no seu colo amplo, deleitado e disposto a receber qualquer carinho que ela quisesse lhe dar.

Aliás, Auguste não teve nenhuma dificuldade em conquistar os filhos de Karl Julius, que ansiavam pela sua antiga vida. O avô, o velho pioneiro Peter Wagner, também ficou um pouco aliviado com a nova situação, pois seus oito filhos já eram uma preocupação suficientemente grande, principalmente agora que a encrenqueira Frederike também estava grávida, esperando um filho seu. Eles ainda viriam a ter 13 filhos, para desgosto de Dorothea, a filha mais velha, que jamais casou e passou a vida disputando a autoridade da casa com a madrasta.

Contrastando com a agitação e o barulho da casa do avô, onde pontificavam oito filhos e os dois netos no caldo azedo das intrigas com Frederike, a casa antiga pareceu um oásis de paz. Surpreendentemente Auguste assumiu, de maneira suave e firme, todas as tarefas antes executadas

pela mãe das crianças, e sem fazer muito esforço colocou todas as complexas engrenagens caseiras em funcionamento, com ajuda da eficiente de Riecke, sua filha Siegrid (agora já uma mocinha casadoura) e de mais alguns empregados que tomou ao seu serviço. Num breve espaço de tempo deu à casa um ar mais cosmopolita, decorando-a com novidades e preciosidades que tinham vindo em vários baús de madeira escura, eu recendiam a especiarias. Auguste era sofisticada e trazia sempre junto aos belos trajes que vestia, alguma renda branca, algum debuxo de pele, ou mesmo um bordado que lhe enriquecia o talhe. À tarde chamava as crianças que, sentadas a sua volta, ouviam leituras surpreendentes de narrativas excitantes falando de um mundo que lhes era totalmente desconhecido. Hermann, em particular, amava profundamente estes momentos e lhes dedicava total atenção, esquecendo os folguedos livres e os banhos de rio aos quais estava tão acostumado. Auguste exercia sobre toda a família uma autoridade inquestionável, aí incluído o próprio Karl Julius, que aceitava com inacreditável passividade as suas decisões. Exatamente por isto nem discutia quando ela decidiu, de forma irrevogável, que Hermann precisava frequentar a escola.

- Nada de discussões, querido Julius. Este menino tem um grande potencial, muita inteligência e imaginação. Isto precisa ser aproveitado da melhor maneira possível, e não quero ver este intelecto perdido nos trabalhos rudes da fazenda. Para isto podemos contratar alguém!- Sua lógica parecia irrefutável e todos se curvaram aos seus desejos. Graças a Auguste, todos os irmãos estudaram e tiveram rudimentos culturais, sendo Hermann o que mais se destacou, desde os primeiros estudos. Auguste marcou-lhe profundamente a personalidade, e era a segunda grande mulher a intervir na forja do seu caráter único.

Naquela manhã, quando Hermann entrou na grande sala de visitas onde Auguste, inclinada sobre a secretária, escrevia uma carta, sentia-se excitado diante da perspectiva nova que se lhe abria: iria para a escola. Quando Auguste o viu, chamou-o com um gesto carinhoso e, enquanto ia ajeitando a gola do seu costume e alisando as meias brancas que iam até o joelho, dizia:

- Hermann, meu menino, te esforça ao máximo, obedece ao professor e procura extrair tudo o que puderes das aulas. Eu tenho certeza de que ainda vais ser um grande homem!

Hermann olhou-a um pouco assustado... Era a segunda mulher importante em sua vida a lhe dizer estas palavras, que calaram fundo em seu coração!

De canoa seguiram ele, Agnes e o pai para o *stadplatz*, onde ficava a escola do Capitão Anton von Hartenthal, que ministrava os rudimentos escolares a todas as crianças da colônia Blumenau. O capitão era um homenzinho miúdo, de cabelos escuros e olhos de um azul penetrante, cujo bigodinho fino e lustroso as crianças costumavam desenhar a carvão em si mesmas para arremedá-lo, quando ele não podia vê-las. Era rigoroso a algo injusto, pois perseguia os filhos daqueles colonos com os quais não simpatizava, e tinha suas claras predileções, entre elas o irrequieto Hermann. Não raro citava-o como exemplo de aluno, embora a disciplina não fosse o seu forte. Mas era inteligente, sagaz, e jamais decepcionava o mestre quando era chamado a “dar o ponto”. Levantava-se empertigado e desembestava a falar, mesmo que não dominasse o assunto, usando a sua incrível imaginação para completar lacunas que as brincadeiras haviam deixado no conhecimento. Não raro, apenas ele e o professor sabiam que a criatividade havia superado a realidade, mas jogavam uma espécie de mudo e secreto jogo, e um não entregava o outro.

Karl Julius, com sua inequívoca vocação cosmopolita revelada desde os primórdios de sua vida no Brasil, e agora já em parte liberado do compromisso de todo o imigrante, que era de iniciar e fazer prosperar uma propriedade rural, devido ao sucesso de sua fazenda na região do Vorstadt, voltava toda a sua atenção para a casa de comércio no *stadplatz*, deixando a administração da propriedade ao encargo de Auguste. Com isto, Hermann passou a ficar dias inteiros no centro nervoso da colônia, pois ao sair da escola, dirigia-se à casa de comércio do pai e ficava por lá até o anoitecer. Depois eles iam da canoa para casa, voltando a uma rotina já vivida quando ele era bem menor e sua mãe, grávida pela segunda vez, precisava de tranquilidade.

Isto fez com que se desenvolvesse, no pequeno, um agudo senso de observação treinado diariamente nas horas em que assistia, silenciosamente, como era exigido às crianças daquela época, às conversas e debates acalorados entre os colonos residentes e os visitantes que por lá passavam.

Para seu pai, tocar e acompanhar de perto o negócio no *stadplatz* tinha se tornado excelente opção, naqueles anos que corriam. Blumenau já contava com 55 engenhos de açúcar e aguardente, 52 moinhos de milho e inúmeras serrarias. Lá estavam funcionando, também, três fábricas de cerveja, duas de vinagre e seis de charutos. Todos estes produtos acabavam convergindo para a casa de comércio de Karl Julius Baumgarten, para encontrar seu consumidor final. Com o incremento dos negócios, ele, que continuava sendo grande amigo do Dr. Blumenau, acabou fazendo inúmeras viagens para intermediar a exportação das sobras de produção da próspera colônia. Estas viagens eram a grande alegria de Auguste que, mulher cosmopolita e acostumada à vida social, podia se reabastecer das mais recentes novidades geradas pela corte imperial.

Já Hermann estava no próprio paraíso, pois pontificava como um pequeno reizinho na casa de comércio. Para ele, estava no lugar do pai e assumia a sua autoridade. O antigo sócio, Gustav Pauls, havia se retirado da sociedade quando a amizade azedara, por ocasião do retorno de Karl Julius. Embora reaver a guarda da filha Agnes fosse um direito legítimo de pai, a família Pauls não reagira bem à novidade. Eles haviam se apegado demais à pequena menina, e a esposa de Gustav, que também se chamava Agnes, achava que, por ter sido a melhor amiga de Gretchen, tinha o direito de ficar com sua filha. Em vão Auguste a visitara levando pela mão a pequena Agnes graciosamente vestida com rendas e sedas, argumentando que ela estava melhor com sua própria família. Agnes Pauls era insensível a qualquer argumento e insistia que a menina era sua, por direito. Depois de algum tempo, Auguste se cansou de ser gentil e simplesmente deixou de visitá-la e de convidá-la para a sua casa. Isto sepultou de vez a amizade e a sociedade e Julius passou a ser o único dono do negócio, depois de indenizar dignamente Gustav Pauls. O fato é que o sócio e vizinho tinha muito mais vocação para vida rural e durante o tempo em que estivera à frente do negócio, este foi à míngua e quase fechou. Agora, sob a administração firme e competente de Julius, o negócio prosperava e tinha se tornado o mais importante ponto de comércio e encontro da colônia.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Siegrid, agora uma bela moça dos seus dezoito anos, encontrou Hermann sentado do lado de fora do alpendre, brincando com os cachorros, mas pela sua cara amuada sabia que o menino estava indignado com alguma coisa. Delicada e sempre amorosa (Hermann ainda continuava a ser a sua grande paixão) perguntou-lhe o motivo do seu aborrecimento.

- Não sei porque Herr Hartenthal tinha que viajar logo agora! Vamos ficar uma semana sem aulas, e eu tenho que ficar aqui... – As palavras foram acompanhadas por um gesto desdenhoso que açambarcava tudo o que se podia ver em volta. Siegrid sentou-se pacientemente ao seu lado e, enquanto alisava seus rebeldes cabelos que teimavam em cair sobre a testa, foi argumentando:

- Hermann, sei que és tão inteligente... Não seria possível encontrares alguma boa ocupação para preencher os dias e fazer uma bela surpresa para o teu professor, quando ele retornar?

A mente privilegiada do menino se pôs em movimento com esta simples admoestação, e uma ideia que vinha germinando em sua cabeça começou a tomar forma. Saiu murmurando absorto em seus pensamentos, e deixou Siegrid sentada sozinha no pátio vazio. Ela, porém, sorriu e nem se importou, pois seu objetivo tinha sido alcançado... E não era fácil ocupar aquela mente irrequieta e criativa!

Hermann, porém, maquinava algo que já estava em seus pensamentos há vários dias, desde que lhe tinha caído nas mãos um exemplar do *Kolonie Zeitung*, jornal editado pela colônia Dona Francisca. Ele ficara absolutamente fascinado com a simplória publicação de quatro páginas, e a tinha devorado de cabo a rabo, sem parar nem para tomar um fôlego. Tinha achado simplesmente sensacional o fato de alguém reunir, num mesmo lugar e por escrito, todos os fatos importantes para a colônia e sua mente conseguira imaginar, num átimo, milhares de outras informações que poderiam estar ali também. Este jornal não lhe saíra mais da cabeça, e estava preparando uma ideia para apresentar ao capitão Hartenthal, quando surgira a indigesta notícia de sua viagem. Ele então achara que a ideia de fazer um jornal reunindo matérias de cada um dos alunos da escola teria que ser adiada, mas agora algo mais tinha lhe ocorrido: e se cada aluno tivesse que escrever, no retorno

do professor, como passara aquela semana, isto já daria o primeiro número do seu jornal... E os pais, que receberiam um exemplar cada, poderiam avaliar o progresso de seus filhos, bem como o professor poderia avaliá-los pela beleza e rigor de suas composições. A sua mente voou para um sem número de outras ideias e ele resolveu dar uma volta no mato que circundava a propriedade, a fim de recolher impressões diferentes para a sua composição. Assim que adentrou a mata escura e fresca, sentiu-se fascinado pela beleza multicolorida e pluriforme do lugar.

- Como é que eu pude achar que seria um tédio passar esta semana aqui? – Conjeturou consigo mesmo, enquanto perseguia um alegre bando de borboletas amarelas. Correndo por entre a densa ramagem como um cabritinho, estacou subitamente diante de um homem de aspecto esquisito, que olhava de forma séria e compenetrada para ele.

Relutante entre o susto e a curiosidade, avaliou a figura à sua frente, antes de tomar uma decisão. O homem era alto e muito magro, e usava uma roupa esquisitíssima e pouco usual naquelas paragens – parecia uma calça cujas pernas foram cortadas e deixavam entrever canelas finas e brancas, manchadas por uma intensa pelugem escura e cobertas por longas meias claras, que desapareciam em botinas pretas surradas e enlameadas. Uma espécie de camisolão enterrado no estranho calção completava o traje hediondo, e o homem usava um chapéu de pano claro, de abas curtas e quase inócuas, de onde despontava um rosto fino e sério, cuja expressão circunspecta era completada por um par de óculos redondos e pequeninos. Absolutamente fascinantes, no entanto, eram os objetos que trazia nas mãos. Na direita, uma espécie de saco feito de filó e preso em uma longa vara e na esquerda, um objeto metálico que lembrava um óculo. Hermann decidiu que a curiosidade falara mais alto do que o medo e, munido da convicção de que estava em suas terras e o estranho é que tinha que se explicar, resolveu abordá-lo, já imaginando que esta conversa poderia dar muita munição para o seu projeto.

- O senhor poderia me dizer quem é e o que faz por aqui, nas terras do meu pai? – Sua voz traía a insegurança e as dúvidas que sentia.

O estranho, no entanto, fazendo menção de cumprimentá-lo, apresentou-se com polidez:

- Meu nome é Fritz Müller, e sou naturalista. Estou coletando material para as minhas pesquisas e o seu pai me deu permissão para vir aqui quantas vezes eu quisesse!

- Então o senhor me desculpe, não quis ser insolente... – Respondeu Hermann educadamente. E depois, sem conter sua natural curiosidade, disparou uma bateria de perguntas:

- Mas o que é um naturalista? E que tipo de pesquisas o senhor está fazendo? Como é a coleta de material? O que o senhor está procurando? E para que serve este óculo...

- Calma, meu jovem, calma! Uma pergunta de cada vez! Gosto muito de jovens curiosos e vou saciar a sua fome de conhecimento, mas cada coisa tem seu tempo! Acompanhe-me que eu vou lhe explicar tudo!

O menino nem titubeou e seguiu o grande doutor mata adentro, enquanto este ia lhe explicando, pacientemente, o trabalho de coleta e classificação de espécies que estava fazendo. Os dois ficaram por horas na mata, Hermann sugando sequiosamente todas as informações que podia. Ele só resolveu retornar quando se lembrou de que podia, com sua prolongada ausência, causar apreensão em casa, mas não sem antes arrancar do doutor um convite para ir até a sua casa, conhecer de perto o trabalho que o mesmo estava fazendo. Depois de agradecer e se despedir de forma polida, saiu em disparada para casa, disposto a anotar tudo aquilo que havia aprendido naquela manhã. Passou a tarde entretido com suas anotações, causando estranheza aos irmãos e à própria madrasta, que previra algumas turbulências com as férias forçadas da escola.

Quando seu pai chegou já era noite feita e as crianças já tinham tomado a ceia, na presença da madrasta. O delicioso *eintopf*, um cozido a base de carne de porco, batatas e repolho preparado por Riecke e acompanhado pelo rico pão caseiro de crosta dourada e cheirosa demonstravam a fartura gerada pela propriedade. As crianças haviam se deliciado e, de barrigas cheias, encaminharam-se para o quarto na preparação para o sono noturno. Hermann, no entanto, havia pedido permissão para a madrasta e aguardava ansiosamente o pai.

Assim que se instalaram na sala, após a refeição noturna do casal, Hermann pediu ao pai as informações pelas quais estivera esperando, apesar do cansaço e do sono:

- Pai, gostaria de saber um pouco mais sobre o Doutor Fritz Müller!

Em resposta ao filho, Karl Julius falou sobre o naturalista, exaltando suas qualidades de pesquisador e a importância de sua eminente presença para a colônia.

- Ele está aqui desde 1852, portanto é um dos nossos mais aguerridos pioneiros. Desde que eu cheguei, aproximadamente um ano depois dele, ouço falar de suas pesquisas e da sua autoridade nas universidades europeias. Parece, no entanto, que brigou com a comunidade científica de toda a Europa para ficar ao lado de um amigo seu, tido como louco pelos cientistas, por defender umas estranhas ideias. Eu não sei exatamente o que pensar a respeito desta divergência, pois não entendo bem destas coisas. Parece que o amigo do Dr. Müller, um tal de Charles Darwin, acredita que nós somos todos parentes dos macacos, ou qualquer maluquice assim. Se estás realmente interessado nestes assuntos, escreve para o seu tio Hermann, que é professor na Universidade de Strassburg, e quem sabe ele poderá te esclarecer melhor!

- Pai, eu conheci o Dr. Müller hoje, e conversei longamente com ele. Achei-o uma pessoa fascinante, e ele me convidou para ir até a sua casa, conhecer melhor as suas pesquisas. Peço permissão para ir até lá amanhã...

- Eu mesma vou te levar até lá para conhecer também este eminente professor e cientista – concluiu Auguste deixando clara a sua aprovação para as atividades do enteado.

Desta forma, não houve mais discussões e Hermann passou praticamente a semana toda se familiarizando com as pesquisas e trabalhos de Fritz Müller. O período foi curto, pois assim como o menino, também o doutor estava em férias e logo teve que retornar para o Desterro, onde lecionava no Liceu. Mas seu coração permanecia sempre em Blumenau, terra que idolatrava. Este foi o início de uma longa e profícua amizade, que só terminaria com a morte do eminente sábio, em 1897.

Quando o capitão Hartenthal voltou e as aulas reiniciaram, encontrou sobre a sua mesa uma extensa composição escrita em letra miúda e redonda:

*Minhas aventuras no mundo das ciências, pela mão do eminente
Dr. Fritz Muller*

Por Hermann Baumgarten

O professor leu a extensa e detalhada redação de um só fôlego, e ao final encontrou a proposta para que cada aluno fizesse também a sua narrativa, que iriam compor, todas juntas, o “jornal” da escola. Entre estupefato e admirado, concluiu que este aluno era demais para o modesto professor. Deu, porém, curso à ideia de Hermann e o tal jornal da escola acabou tendo a sua única edição publicada no inverno de 1863.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Aqueles foram anos magros para as colônias estabelecidas no sul do Brasil, tanto pelos intrincados meandros políticos que dificultavam as remessas de verbas e a autonomia indispensável ao seu desenvolvimento, quanto pelas inúmeras campanhas de difamação movidas contra elas em todo o mundo. O Cônsul Geral do Brasil na Alemanha, *Herr J.J. Sturz*, publicava descabeladas mentiras nos grandes jornais alemães, clamando contra a imigração e o que ele dizia ser a escravização dos alemães em terras brasileiras. O curioso era que fora o próprio Sturz quem entusiasmara Blumenau a vir desenvolver seu projeto de colonização nestas terras, com promessas miríficas de fortunas incalculáveis, exagerando a beleza e as riquezas da região do Vale do Itajaí. Caráter escuso e imoral, acabou se descobrindo que ele servia aos interesses do próprio bolso e, assim como exagerou na descrição e nas promessas a Blumenau a fim de fazê-lo decidir-se pelo sul do Brasil, também foram gordas as recompensas financeiras de governos que fizeram com que assestasse suas baterias contra a colonização no sul do Brasil, exaltando em contrapartida outros países da América do Sul. O único mérito de seu trabalho interesseiro e falsário fora direcionar o

valente colonizador para esta região onde ele, apesar de verificar que as promessas do diplomata não eram verdadeiras, tomou-se de amor pelo local e acabou elegendo-o como a sua colônia. Agora, contaminado por seus baixos interesses pessoais e a soldo de outros países, ocupava páginas e páginas de importantes jornais clamando contra a emigração para o Brasil. O Dr. Blumenau reagia como podia, e não foram poucos os jornais que publicaram suas longas missivas, esclarecendo os pontos levantados pelas calúnias e exaltando as terras brasileiras.

Dois anos depois, em janeiro de 1865, acabou embarcando para a Alemanha com o fito de combater pessoalmente a campanha desmoralizadora que se abatera sobre a emigração para o Brasil. Ele só voltaria para Blumenau em 1869, já casado com Bertha Louise Repsold. No seu lugar, na administração da colônia, ficara Hermann Wendeburg, que pouco conhecia das peculiaridades de Blumenau e sua gente. Julius tornou-se então e graças a este fato, assim como outros pioneiros, figura importante e de grande destaque e respeito na colônia, até porque era Juiz de Paz aclamado pelo povo. Seu estabelecimento era o ponto efervescente de todos os acontecimentos e foi dali que saíram, depois de um último trago de encorajamento, os sessenta e sete voluntários que se integraram às tropas brasileiras na Guerra do Paraguai, em 1865. Todos estes acontecimentos eram acompanhados de perto pelo jovem Hermann que, assim como os outros alemães colonizadores, entregava-se a longas e apaixonantes discussões a respeito de tudo, desde política até agricultura. Ele discorria com verve e paixão sobre todos os assuntos, não raro surpreendendo até o próprio pai com seu brilhantismo e criatividade. Instigado pela madrastra, mulher culta e versada em línguas, estudou a fundo todos os assuntos que lhe caíram nas mãos, passando logo a falar com propriedade sobre todo e qualquer assunto que entrava na pauta de discussões. Ainda em tenra idade já era quase tão respeitado e consultado quanto o próprio pai pela colonada da região.

Em fevereiro de 1867, quando o Dr. Adolpho de Barros, presidente da província visitou Blumenau, esteve o tempo todo ao lado do pai e participou ativamente de todo o cerimonial no qual Julius, devido à ausência de do Dr. Blumenau, ocupara lugar de grande destaque.

Baseados no que viam nos estados do nordeste, e sem conhecer a realidade do sul, muitos visitantes clamavam contra a imigração, exortando tanto alemães quanto italianos a ficarem em suas próprias nações que acordavam, pouco a pouco, do letárgico sono medieval e partiam para a rápida industrialização de sua economia. Estas e muitas outras notícias, que chegavam ao conhecimento de Hermann através da leitura de números atrasados de jornais de todo o mundo, que ele catava e pedia como tesouro precioso a todo aquele que fosse viajar, eram motivo de longas e inflamadas discussões na “*Kulturverein*”, sociedade que promovia reuniões semanais regulares e cujo objetivo principal era a troca de informações sobre plantio, culturas e mudas de plantas diversas, mas que acabava sendo palco de animadas discussões políticas e filosóficas.

Devido ao seu fascínio por jornais de todos os lugares e a sua incessante busca de exemplares fosse de onde fosse, Hermann acabou ficando excepcionalmente bem informado a respeito de um sem-número de assuntos, e era respeitado por isso. Apesar de ser apenas um “rapazola recém-saído dos cueiros”, como muitas vezes o chamavam contendedores bem mais idosos que perdiam a batalha verbal para o incêndio jovem, já falava de assuntos profundos de uma maneira verdadeiramente surpreendente.

E tinha uma ideia fixa: Blumenau precisava de um jornal, e seria ele a fazê-lo!

Nas intermináveis discussões que travava com quem quer que discordasse da necessidade de Blumenau ter o seu próprio jornal, citava sempre o exemplo de outras colônias que já tinham o seu periódico. Se fosse necessário, “trapaceava” na argumentação, dizendo que tal sucesso e tais realizações só tinham sido possíveis porque eles tinham o seu jornal. Uma coisa estava clara na cabeça de Hermann – o que ele queria da vida – e era ter e manter um jornal na sua colônia!

Quando inúmeros colonos voltaram a sofrer ataques dos Botocudos e Coroados, as povoações indígenas que habitavam a região, Hermann voltou à carga, fazendo longas perorações sobre a utilidade de um jornal colonial que divulgasse as principais medidas contra os temidos bugres. Tendo tomado conhecimento, através da narrativa feita por seu pai, sobre o ataque à propriedade de Paul Kellner, que ele mesmo presenciara alguns anos antes, Hermann escreveu a história com as tintas fortes do sensacionalismo jornalístico que trazia nas veias e andou distribuindo a meio mundo

a história, que reputava ideal para a publicação em jornal. Hermann demonstrava, desde aquela época, o imenso pendor que tinha para escrever biografias. De outra feita, quando lhe contaram a história do pioneiro Daniel Pfafendorf, um habilidoso carpinteiro que fizera parte do primeiro grupo de imigrantes a chegar à colônia e que alguns anos depois morrera afogado no rio Itajaí-Açu, Hermann escreveu um obituário com ares de história, denominando “As traiçoeiras e encantadoras águas do rio Itajaí-Açu”, narrando a sua saga. As histórias povoavam a sua cabeça e turbilhonavam a sua imaginação de maneira irremediável. Somente colocando-as no papel se via livre delas e sentia uma imensa satisfação quando mais um texto estava pronto.

Hermann sonha com um jornal – 1876

Hermann entrou silenciosamente na sala de visitas obscurecida pelo entardecer, sabendo que encontraria Auguste sentada à mesa escrevendo uma carta, ou então recostada em sua cadeira predileta, bordando. Mas surpreendeu-se ao ver o pai ao lado dela, com o braço sobre seus ombros. Percebeu que, à sua entrada, ela secou discretamente algumas lágrimas e sorriu-lhe aquele sorriso aberto e caloroso com o qual sempre o recebia. Hermann era o seu preferido, e ele tinha consciência disso, por isso sua dor e pesar lhe haviam calado muito fundo. Há dois meses, quando Auguste perdera o sétimo filho que tivera com Julius, falecido com apenas 13 dias, Hermann revivera, em parte, a agonia vivida com a sua própria mãe, que falecera em decorrência do nascimento do seu quarto filho, o irmão mais novo de Hermann, Karl Julius, não sem antes também passar pela dor da perda de uma filha. Mas Auguste era muito forte e já superara, em grande parte, a dor. Até porque, além dos enteados que criava e amava como verdadeiros filhos, já dera mais quatro filhos vivos ao marido e estava perdendo o terceiro. Em 1865 eles tinham tido o primeiro filho, que nasceu morto; em 1867 nascera Alice, que tinha agora nove anos e era a espoleta da casa. Martha, mais calada e circunspecta, nascera em 1871 e Adolf, quinto filho do casal, em 1873. O caçula da casa era Walter, nascido no final de 1874. Julius tinha agora sete filhos vivos e já passara pela perda de quatro outros. Sua filha mais velha, Agnes, acabara de casar com o jovem Theodore Kleine e ele imaginava que, além de filhos, em breve teria também seus próprios netos.

Hermann contava agora com 20 anos e era o filho mais velho da casa. No auge do seu vigor juvenil era um belo rapaz, de cabelos lisos e alourados que ainda teimavam em cair sobre a sua testa, dando-lhe um ar rebelde que não ficava longe da realidade. Era magro e de altura mediana e mantinha hábitos morigerados que, com facilidade, o ajudavam a manter a forma. Sua pele, denunciando notoriamente a origem ariana, era muito clara e estava algo manchada pelo sol forte e meridiano da colônia. Hermann não tinha preocupações e, quando ia para a propriedade rural de seus pais, trabalhava de sol a sol com os trabalhadores que, sob a tutela do casal August e Riecke, mantinham a bela propriedade da família produtiva e fértil.

A família Baumgarten estava morando no *stadplatz*, em uma nova construção erguida no mesmo local onde funcionara, por tantos anos, a velha hospedaria/casa de comércio. A construção de dois andares abrigava os negócios da família no térreo e a moradia no andar de cima. Uma residência com ares muito mais cosmopolitas, combinando com o histórico da sofisticada segunda esposa de Julius. Cômodos amplos, com forro e pisos de madeira corrida lustrosa e escura, janelas de amplos espaldares e portas imponentes, e um mobiliário com detalhes e ares europeus, complementado por rendas e louças que Auguste possuía no Desterro, e mandara buscar assim que a casa ficara pronta. Hermann acomodou-se à beleza da nova moradia assim como convivia em paz na rusticidade da casa de fazenda, que tanto lhe lembrava a saudosa e inesquecível mãe. Apreciava sobremaneira, no entanto, a cultura de sua madrastra e o seu conhecimento do mundo, que sorvia escutando-a falar durante horas, totalmente absorto e concentrado.

Naquele dia, porém, seu objetivo era outro. Queria transformá-la em cúmplice do seu novo plano, a fim de ajudá-lo a convencer o pai. Mas como ambos estavam juntos, resolveu falar diretamente sobre a sua ideia:

- Pai, eu queria a tua permissão para ir para Porto dos Casais. Fiquei sabendo que lá existem várias tipografias que podem me aceitar como aprendiz. Eu quero aprender o ofício para poder montar um jornal aqui na nossa colônia. Pensei e pensei e não vejo outra forma a não ser trabalhar como tipógrafo para aprender o ofício...

Julius pensou um pouco, alisou a barba esbranquiçada e finalmente respondeu:

- Hermann, se tu achas que podes enfrentar esta aventura, não sou eu que vou te impedir. Todo homem deve ter a sua profissão para ser respeitável, e se tu escolheste isto, só me resta te apoiar. E tu, Auguste, o que achas? – Perguntou Julius à esposa, pois nada se fazia na casa sem consultá-la.

Surpreendentemente para Hermann, que esperava uma adesão pronta e entusiasmada, Auguste pensou por alguns minutos, de cabeça baixa e cenho franzido. Quando ergueu os olhos e deu de cara com o rosto ansioso do enteado, sorriu-lhe daquela maneira materna especial e disse:

- Acho que deves procurar o teu caminho, se é isso que tu queres, mas não podes esquecer a tua responsabilidade como irmão mais velho. Acho que deves levar Karl Julius junto contigo. Ele vai se ressentir muito com a tua ausência, e eu quase não posso dar-lhe atenção, com os três pequenos para olhar e a propriedade para administrar. Agora que Agnes casou, o trabalho vai aumentar muito para mim...

- Mas o Karl só tem 15 anos... Não sei se vai dar certo... – Hermann estava inseguro.

Auguste completou:

- Hermann, ensina-lhe também. Vocês podem abrir o jornal em sociedade e ele pode ser teu braço direito! Vais precisar de alguém de absoluta confiança para tocar a tipografia contigo...

Hermann calou-se, pensando. Ele já tinha pensado em várias pessoas que poderiam trabalhar com ele e ajudá-lo a viabilizar a sua ideia, inclusive seu cunhado Theodore Kleine, que acabara de se casar com Agnes, sua irmã, e era um grande amigo seu, mas nunca tinha pensado em Karl Julius como um sócio. Ele sempre o tinha visto como o irmãozinho menor, a quem tinha obrigação de proteger e ajudar, mas não comungava com ele seus planos e ideais. Depois de alguns segundos de reflexão, porém, falou resolutivo:

- Está bem, eu levo o Karl. Acho que vai ser bom para ele passar por esta experiência!

Auguste olhou para ele com ar de aprovação e assentiu levemente com a cabeça. Como sempre, o enteado entendera as suas intenções e, consciencioso como era, cumpria com suas obrigações.

O pai se empolgou com a perspectiva, e saiu em demanda de alguns amigos que conheciam a bela colônia de Porto dos Casais, muito bem desenvolvida e já quase tão adiantada quanto a capital do império.

Os próximos dias foram de muita azáfama e preparações. Como era de esperar, Karl ficou empolgado com a ideia da viagem e não falava em outra coisa. Auguste quis saber se não haveria belas donzelas chorando pelos cantos com a partida dos irmãos, mas eles afirmaram que ninguém, a não ser a própria família, sentiria falta deles. Efetivamente Hermann, sempre envolvido em intermináveis discussões e empolgado com suas próprias ideias, nunca tinha pensado em namoro, ou se entusiasmado com nenhuma das belas donzelas em idade de casar que habitavam a Blumenau colônia daquela época.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Quando a brigue chegou perto da barra do rio Guaíba, aproximando-se da colônia de Porto dos Casais, que em breve iria passar a chamar-se Porto Alegre, Hermann sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Uma nova etapa de sua vida estava começando!

Assim que desembarcaram do navio, procuraram pelo endereço da pensão que o pai lhes arrumara através de amigos comuns, pois era muito numerosa a colônia alemã naquela localidade. A casa da família que iria abrigá-los era ampla e arejada, e estava plantada no centro de um imenso jardim florido, que emocionou Hermann por lembrar-lhe a mãe. Os imensos gramados atapetados eram recortados por canteiros onde se misturavam perfumados goivos, rosas e gardênia com coloridas petúnias e flocos. Os alemães sabiam como ninguém aproveitar a exuberância da flora brasileira e mesclá-la com as preciosas sementes que traziam da terra natal. É claro que tiveram que desistir das tulipas, narcisos, peônias e outras bulbosas que não se desenvolviam no clima subtropical desta região, mas em compensação adotaram camélias, gardênia, os olorosos jasmims, as cássias-aleluias e chuva-de-ouro, flamboyants e manacás, entre muitos outros. Toda esta imensa e colorida diversidade estava presente no belo jardim dos Schmidt, família que os recebera de braços abertos nesta nova vida que estavam iniciando. A família era numerosa, como de resto os imigrantes costumavam formar, e tinha em casa oito irmãos, entre moças e rapazes. Outros três filhos já tinham saído de casa, para casar ou tentar a vida em outras colônias, as quais havia em grande número na província do Rio Grande do Sul. Hermann logo fez amizade com Gretta, August, Leopold,

Hildegard e Ludwig, os cinco irmãos mais velhos da casa, e com eles formava um animado bando que fazia piqueniques à beira do rio Guaíba, nas muitas aprazíveis praias que ele formava naquela região. Locais totalmente desertos, onde a flora era interessante e muito peculiar, misturando as palmeiras pelas quais os alemães tinham verdadeiro fascínio com uma vegetação rasteira e colorida, rica em diversidade e vida.

Hermann logo se ambientou na tipografia de *Herr* Ruoff, e trabalhava com afinco e prazer durante o dia todo, sem ver o tempo passar. Ali conheceu a sua nova grande paixão: os tipos! Ainda lhe parecia mágica que aqueles pequenos pedaços de chumbo, tão bem organizados em caixas de madeira, pudessem formar palavras, frases, textos inteiros, páginas de livros, jornais, convites, folhetos, enfim, tudo aquilo que fosse solicitado. O tipógrafo com um amor indescritível pela arte gráfica nascia ali, naquele porão insalubre onde funcionava a pequena tipografia Ruoff. Em um breve espaço de tempo dominava toda a técnica da tipografia, e passou a circular nas rodas de discussões dos imigrantes, que se entregavam a apaixonados e acalorados debates sobre a imigração de italianos, que sofrera significativo aumento nos últimos tempos. Os alemães não simpatizavam nem um pouco com os italianos, classificados como arruaceiros e briguentos. E de fato, nesta época o Dr. Blumenau relatava, em documento sobre o desenvolvimento da colônia de Blumenau para o governo, as frequentes brigas e bebedeiras provocadas pelos imigrantes italianos, resultando inclusive em alguns homicídios. No seu relatório, o diretor da colônia destacava até a necessidade de construir uma cadeia na colônia. Todos estes fatos eram motivo de amplas e prolongadas discussões naqueles tempos, bem como a necessidade de transformar as colônias em municípios. Hermann era ardente defensor desta tese, e vivia discutindo sobre isto com seu próprio pai, que tinha ressalvas a esta ideia. Afinal, com a elevação da colônia a município, o seu grande amigo Blumenau ficaria numa posição delicada, e Julius prezava muito o bom e velho doutor.

- Hermann, chegou uma carta para ti! Vem aqui pegar! – Gritou Hildegard da janela, assim que viu Hermann chegando do trabalho.

O mês de dezembro daquele ano de 1876 tinha trazido uma temperatura muito alta e o jovem estava encalorado. Tinha arregaçado as mangas da camisa branca, e aberto seu colarinho, enquanto o casaco estava atirado sobre as costas. O ambiente da tipografia era quente e abafado, algo insalubre, e Hermann respirava aliviado quando saía para o ar fresco dos finais de tarde. No entanto, sempre lamentava o final do expediente, pois adorava o seu trabalho. Mas o estágio, sabia ele, teria que chegar ao fim. Seus planos o estavam deixando a cada dia mais inquieto, e ele queria realizá-los logo. Subiu os degraus de dois em dois e chegou rapidamente à sala de música, onde Hildegard estivera tocando o cravo. Sua carta estava em uma pequena salva, sobre a cômoda. Abriu-a sofregamente, pois logo reconheceu a letrinha miúda e redonda de sua madrastra. Recostou-se na janela e, sob a brisa do final da tarde, lembrou a terra natal tão amada, a casa e seus pais, de quem estava tão saudoso. A madrastra dava notícias de toda a família, dos negócios e contava sobre a visita que receberiam na colônia, do presidente da província, Dr. Alfredo D'Escragnolle Taunay, o Visconde de Taunay, grande amigo do Dr. Blumenau e também conhecido de seu pai. Como era final de ano e aproximava-se o Natal, Auguste sugeriu que os irmãos fossem para casa, passar lá uma temporada. Assim Hermann também poderia conhecer o ilustre presidente da província, um relacionamento no mínimo importante para quem, como ele, queria ter um jornal. A sua estada em Porto dos Casais já durava perto de meio ano, e Hermann vinha sentindo a necessidade de voltar. Tinha aprendido tudo o que a tipografia de *Herr* Ruoff tinha para lhe ensinar, e não queria passar a vida inteira como simples tipógrafo. Karl, no entanto, não queria nem ouvir falar de voltar para Blumenau. A morte de sua mãe por ocasião de seu nascimento, o abandono temporário do pai e toda a dor e sofrimento daquela época tinham marcado para sempre o rapaz, embora nunca falasse disso. Auguste tinha sido uma mãe irrepreensível e carinhosa ao extremo, aliás, a única que ele conheceu, mas as marcas eram profundas e Karl nunca conseguira, como Hermann e a irmã, superar de todo o trauma. Ali naquela colônia distante tinha encontrado um novo alento, novos amigos e se sentia aceito por todos. Sua tragédia não era conhecida, e os irmãos nunca falaram sobre isto com ninguém. Naquela noite Hermann e Karl conversaram, e Hermann expôs o convite e a sugestão da madrastra, dizendo também que o seu estágio ele dava praticamente por encerrado,

pois já havia aprendido tudo o que a pequena empresa tinha condições de lhe ensinar e queria alçar outros voos. Karl foi peremptório com o irmão:

- Hermann, não me importa que fiques aqui mais um dia ou um ano, eu já tomei a minha decisão. Vou ficar aqui para sempre, trabalhando e vivendo. Já falei com Herr Schmidt e ele concordou que eu continue vivendo aqui com eles. Já tenho emprego, estou contente com o que eu faço e é aqui que eu quero ficar!

Embora Hermann ponderasse que ele deveria ir ao menos de visita, para passar o Natal e comunicar pessoalmente a sua decisão aos pais, Karl ficou irredutível na sua decisão. A viagem era longa e difícil, e ele não podia se ausentar do emprego agora, sob a pena de perdê-lo. O período necessário para ir até Blumenau era de, no mínimo, um mês!

Hermann partiu sozinho, e deixou no cais de Porto dos Casais a família Schmidt, que muito se apegara a ele, e o irmão Karl Julius, que nunca mais voltaria para a terra natal (*)p.57. Hildegard, em especial, sentira a partida de Hermann. Tinha se encantado com o jovem e garboso alemãozinho, mas não teve coragem de se aproximar mais dele, que não lhe deu a mínima abertura. Hildegard, apesar dos longos e cacheados cabelos de um loiro dourado e do rosto de porcelana, não tinha impressionado em nada a Hermann, que tinha uma única ideia fixa: o seu jornal! Enquanto ele não estivesse pelo menos mais perto deste sonho, nada o demoveria de seus planos e no seu coração não haveria lugar para o amor.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

O *stadplatz*, todo enfeitado, preparava-se para receber a ilustre visita do Dr. Alfredo D'Escragnolle Taunay, presidente da província. Hermann usava a sua melhor roupa, um traje completo de linho inglês cinza, com casaca debruada de cetim, colete e uma gravata de seda amarrada junto ao colarinho duro. O traje era complementado por um par de polainas e cartola pretas, como mandava a etiqueta. Todos os homens mais ilustres da colônia também estavam vestidos a rigor, pois a visita era de suma importância. Além do cargo, dos mais importantes, o homem tinha título de nobreza e, o que era melhor, amava profundamente o Vale do Itajaí, defendendo-o sempre veementemente dos ataques constantes que se faziam na corte, às colônias aqui instaladas. Acima de tudo Alfredo D'Escragnolle Taunay prezava o Dr. Blumenau, e tinha saído em seu socorro e defesa por muitas vezes. Esta visita era, portanto, muito importante para toda a colônia e Hermann ficou orgulhoso de lá estar, ao lado do pai. A vila estava um verdadeiro espetáculo, as mulheres usando as suas melhores roupas e belos chapéus, ditados pela moda da Europa. Blumenau tinha nesta época uma população de quase onze mil habitantes, e já possuía duas escolas públicas e vinte e sete particulares. Uma igreja de fé católica estava sendo construída e em setembro daquele ano veio para Blumenau um padre dos mais encrenqueiros, mas muito realizador. Era José Maria Jacobs, que muito faria pela comunidade onde ficaria até o fim de seus dias. Ele rezava missas todos os domingos na igreja inacabada, alegando que o seu rebanho já tinha ficado tempo demais sem o amparo espiritual do que tanto necessitava. É claro que a comunidade luterana superava em muito a católica, e uma igreja luterana também estava em construção, em estado ainda mais avançado do que a católica, embora ambas tivessem tido suas pedras fundamentais solenemente colocadas no mesmo ano (1868). Há muito que a canoa deixara de ser o único meio de transporte viável na colônia, e a rede de rodagem contabilizava já, naquele ano, algo em torno de 200 quilômetros de estradas chamadas de "transitáveis". A diretoria da colônia Blumenau também construíra 53 quilômetros de estrada até a barra do Itajaí e uma vereda para curitibanos, de 44 km. Quando Hermann foi apresentado ao Dr. Alfredo, uma mútua e instantânea simpatia se estabeleceu entre os dois, selando uma amizade longa e duradoura. Conversaram durante muitas horas sobre as ideias de Hermann, sempre que o cerimonial da visita permitia. Quando soube de suas ideias, Taunay exultou com Hermann e disse, voltando-se para Julius:

- Baumgarten, este teu filho tem futuro! Se me permitires, levo-o para o Rio de Janeiro no início do próximo ano, e apresento a alguns amigos meus que são donos de jornais e de tipografias. Tudo o que houver de mais moderno neste setor ele aprenderá lá, na sede do império. Minha família

também segue para o Rio de Janeiro nesta mesma ocasião, e Hermann poderá ficar hospedado conosco enquanto estivermos lá. Antes de retornar ao Desterro, eu providencio um lugar decente e seguro para ele ficar.

Hermann ficou mudo e estarecido! Nem podia acreditar no que estava ouvindo! Ele estava tendo a chance de conhecer a sede do império e a quintessência do que havia de mais moderno em todo o país, pelas mãos de uma das mais ilustres figuras do império... Era demais! Fixou um olhar intenso no pai, com medo de que ele recusasse a oferta, mas ele não titubeou e logo concordou. Sabia que a oportunidade era importante demais para o filho e não poderia ser desperdiçada com melindres.

Naquele final de ano Hermann flutuou num limbo saboroso de sonhos e visões róseas de um futuro brilhante, e nem chegou a prestar muita atenção ao Natal, uma festa que ele adorava e cultivava sempre com muita atenção. Este ano, porém, além da ausência dos seus irmãos mais velhos, a perspectiva da viagem ao Rio de Janeiro tirava o brilho de qualquer outro fato.

A família Taunay desembarcou para o verão inclemente daquela região do Brasil no porto de Santos, na primeira semana de janeiro de 1877, acompanhada de um maravilhado e boquiaberto Hermann. Era de grande significação para ele conhecer o porto onde seu pai, e todos os outros colonos provenientes da Alemanha para a colonização do Vale do Itajaí, tinham chegado. Ficou horas sentado no cais, imaginando a chegada dos brigues carregados de imigrantes cuja principal bagagem era a esperança de uma vida melhor. Enquanto isso, o Visconde ultimava os preparativos para a viagem da família ao seu destino final, o Rio de Janeiro.

Dali seguiram em suntuosa carruagem puxada por três parelhas de velozes cavalos negros até a capital do império. A chegada ao Rio de Janeiro foi uma das grandes emoções da vida de Hermann. Habitado a ver o mundo através de páginas dos jornais e livros, foi um choque ver-se de repente no meio de um torvelinho irrequieto de pessoas, vozes, cores e sons. A capital regurgitava de vida e de musicalidade, e pelo ar se propagavam sons e odores que Hermann nunca tinha sentido. Os negros, que ele praticamente nunca tinha visto, passavam em bandos álacres e coloridos, com suas roupas originais e despudoradas. As suas mulheres, que sorriam, falavam e fumavam abertamente em público, era outro fator de curiosidade e estupefação para o alemãozinho provinciano, acostumado a uma circunspeção e timidez muito maiores.

O ambiente cosmopolita e feérico, porém, logo o conquistou. Em poucos dias movia-se com uma familiaridade gritante pela cidade, distribuindo sorrisos e cumprimentos de maneira tão espontânea como se tivesse morado lá a vida inteira. Adorava caminhar pelo porto, onde uma multidão se movimentava de uma maneira maluca e colorida. Os gritos dos vendedores de cocada, refrescos, pamonha de milho e mil outros quitutes se fundiam aos jornaleiros que anunciavam as principais manchetes dos jornais que circulavam na movimentada capital. Os negrinhos, na maioria analfabetos e maltrapilhos, decoravam uma cantilena repetitiva, falando das últimas do império, fazendo este serviço em troca de algumas moedas e pães, que levavam para casa no final do dia. Hermann comprava todos os jornais que lhe caíam nas mãos e lia-os sofregamente, procurando assimilar de uma vez só tudo o que continham. Foram dias de muitos passeios ao sol forte da cidade, sentindo a brisa no rosto e o inusitado ar marinho, com seu cheiro da maresia pegajosa. As noites não eram menos interessantes, acompanhando os compromissos sociais da família Taunay. Hermann foi sendo apresentado a um sem-número de pessoas importantes e num piscar de olhos estava empregado na redação de um jornal.

Ele iniciou o aprendizado nas tarefas mais subalternas, e muitas vezes tinha que ficar após o término do trabalho de todos os outros funcionários para varrer a grande e encardida sala onde tudo acontecia. Mas foi subindo, graças a sua vontade e sagacidade, e logo estava no olho do furacão, participando até a alma da elaboração do semanário. Ali assimilou o que ainda lhe faltava em conhecimento na elaboração de um jornal, e em alguns meses já era o que se poderia chamar de um “*expert*” na apaixonante cadeia de tarefas da produção de jornais.

A família Taunay voltara para o Desterro, não sem que antes o Dr. Alfredo arrumasse acomodações na casa de excelentes amigos seus para o jovem Hermann. Foi a sua primeira e única experiência de convivência em um lar de açorianos, e Hermann valorizou o conhecimento que adquiriu durante este período. Mas o mundo estava mudando em ritmo alucinante, e ele queria participar de tudo.

Notícias do recém-aberto Japão, um país milenar que sempre fora totalmente fechado à civilização ocidental e agora se abria, revelando seus instigantes segredos, ou os constantes e surpreendentes avanços que a ciência fazia em ritmo cada vez mais veloz, os intrincados meandros da política palaciana da capital do império, tudo isto movia o jovem como o combustível ia movimentando as complicadas engrenagens das novas indústrias que iam surgindo tanto aqui no Brasil quanto em todos os cantos do mundo.

Descobrir o mar foi, no entanto, um dos maiores encantos do provinciano rapaz, que perdia horas na contemplação da imensa massa azul e líquida que se perdia no horizonte. Apreciava especialmente os finais de tarde, quando o sol no ocaso produzia um espetáculo de luzes e brilhos incomparáveis. Hermann apaixonou-se pelo mar, e este seria um amor para a vida inteira.

O ano de 77 passou ligeiro, com tantas novas experiências adquiridas, mas as expectativas e planos do jovem Hermann continuavam cada vez mais presentes em sua vida e em sua cabeça. As cartas da família, tanto do pai e da madrasta quanto dos irmãos, eram cada vez mais frequentes e insistentes, convidando-o a voltar para casa, pois todos estavam com muita saudade. Julius escrevia regularmente ao filho, colocando-o a par de todas as novidades da colônia, e assim Hermann sempre sabia quem havia nascido, morrido, casado ou partido, e continuava vivendo a sua comunidade de maneira indireta. Auguste escrevera contando em detalhes, como ela sabia que o enteado gostava, a festa de inauguração da belíssima igreja evangélica luterana, dedicada ao Espírito Santo e que finalmente ficara pronta. Hermann havia conseguido até plantar uma pequena nota nos jornais do Rio de Janeiro sobre a festa de inauguração, escrevendo inspirado na bela carta da madrasta. Na mesma carta, ela contava que estava novamente esperando um filho de Julius e daria mais um irmão a Hermann e finalizava pedindo que ele voltasse: "... a colônia ressentia-se da falta de um de seus filhos mais ilustres e toda a tua família também; quero que teus irmãos cresçam inspirados no exemplo de seu irmão mais velho..." e por aí iam os apelos de Auguste. Hermann, que se sentia muito sozinho e isolado na capital do império e vivendo em casa de uma família cuja tradição nada tinha a ver com a sua, decidiu que a sua experiência podia ser dada por encerrada, e que estava na hora de voltar. Queria a todo custo passar o Natal com sua família, na saudosa casa do *stadplatz*, vivendo a colônia e sua efervescência que passava toda pela casa de comércio de seu pai. Disparou cartas para todos os lados, comunicando em primeiro lugar seu querido protetor, a quem devia toda a experiência adquirida e que não queria melindrar em hipótese nenhuma. Mandou também cartas para inúmeras autoridades e industriais que havia conhecido durante a sua estada na grande capital, a fim de deixar todos os seus negócios regularizados. No início de dezembro embarcava em um vapor rumo ao porto de São Francisco do Sul. A viagem correu célere, principalmente com a sua ansiedade em voltar para casa.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Julius, venha depressa... Hermann está chegando na barca!

Auguste correu até a porta do estabelecimento e chamou o marido, que conversava com alguns colonos junto ao balcão. Com eles correram para a manhã ensolarada os filhos menores do casal. Alice, agora com dez anos, era uma garotinha encantadora e cheia de energia, com alegres tranças douradas que sacolejavam para lá e para cá o dia todo, acompanhando a sua atividade quase frenética. Seus olhos eram de um verde muito escuro, como os da mãe e ela era magricela e comprida, o que provocava muitos apelidos que ela odiava e revidava com energia. Sua irmã Martha tinha agora sete anos e era completamente diferente, muito sossegada e quieta; mergulhava nos livros durante todo o dia, sentada de maneira comportada e elegante na sua cadeira preferida, junto à janela. Seus cabelos eram escuros como os da mãe, mas tinha os olhos claros e luminosos do pai. Os caçulas eram Adolf, que estava agora com quatro anos e Walter, com apenas três anos. Eles eram a alegria e o encanto da casa, com suas travessuras próprias da idade, seus cabelos loiríssimos, quase brancos e seus olhos iguais aos da mãe. Tinham como grande companheiro o pequeno August, filho de Siegrid. A filha de Riecke e August Schack, antigos e fiéis empregados da família Baumgarten, finalmente casara e agora já tinha o seu próprio filho, a quem dera o nome do pai. Ele

passava a semana na casa dos Baumgarten na colônia, para poder frequentar a escola e só ia para casa nos finais de semana. Nestas ocasiões Auguste o levava de canoa, aproveitando para fazer uma inspeção na propriedade que era agora, totalmente administrada pelos avós do menino. Tudo estava verdejante e produtivo na fazenda, prosperando em harmonia e beleza. Nestas ocasiões Auguste sentava com o casal junto à mesa da copa e dava ordens e determinações para que tudo continuasse próspero e rentável. August enchia a sua canoa de frutas, verduras, ovos e carne fresquinhos, preparadas com carinho por Riecke para serem consumidas pela família na cidade. Junto sempre enviava alguns mimos para as crianças, que aguardavam com ansiedade o retorno da mãe, para se deliciarem com os quitutes enviados por Riecke.

Assim que Hermann pisou em terra firme, mergulhou num mar de braços e abraços de toda a sua família, ansiosa e feliz com a sua chegada. Alguns velhos amigos, que assistiram à sua chegada, correram também para perto da barca, cumprimentando-o efusivamente, comemorando a sua volta.

- Hermann, que bom que estás de volta! Estávamos sentindo falta das tuas polémicas e das tuas opiniões sobre tudo... Agora já podemos ficar tranquilos, pois nosso “conselheiro” voltou!

Julius enlaçou possessivamente as costas do filho e rumou para casa para que pudessem conversar em paz e privacidade.

A casa continuava a mesma, e Hermann olhou longamente em volta, matando a saudade.

- Ah! Que saudade eu senti de tudo isto... E também da fazenda. Quero ir logo até lá para rever tudo e todos!

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O Natal prometia ser especial naquele ano de 1877. Embora Auguste estivesse no último mês de gravidez, pesada e barriguda, fez questão de supervisionar pessoalmente todos os preparativos para uma festa inesquecível. Karl escrevera prometendo que viria rever a família, e Agnes estaria presente com seu marido e a primeira filha do casal, a pequena Erna, nascida há alguns meses. As crianças estavam ansiosas e acompanharam expectantes a chegada de um enorme pinheiro Tannenbaum, recém-cortado, que entrou na casa recendendo um delicioso aroma e respingando gotas de orvalho no assoalho brilhante e recém-encerado. Auguste já havia separado diversas caixas de papelão amarelado que continham verdadeiros tesouros: bolas de vidro colorido, correntes de contas prateadas, pequenos anjos louros e prateados vestidos de cetim branco, velhos castiçais de lata um pouco enferrujados, onde seriam encaixadas as velinhas coloridas. Na cozinha, a azáfama era ainda maior, com um batalhão de ajudantes comandadas por Riecke e Siegrid preparando incontáveis delícias e quitutes, ao gosto de cada um dos presentes. A casa foi exaustivamente lavada e limpa, e agora recendia a limpeza e cera, com as cortinas todas brilhando de brancas e as toalhas de crochê engomadas como vestido de festa. O sol entrava furioso pelas janelas, acentuando a aura de limpeza e festa.

p.53 A chegada de Karl foi uma alegria acompanhada de surpresas trazidas da grande colônia de Porto Alegre. Os irmãos conversaram por horas e horas seguidas, trocando impressões e novidades acumuladas nos últimos meses. Agnes veio também e Hermann levou no colo a pequena sobrinha, encantando-se com sua beleza e fragilidade. Dos anos em que cuidara dos irmãos menores, guardaria para sempre o amor e a habilidade com as crianças. Julius se emocionou ao ver seus três filhos mais velhos juntos novamente e por alguns momentos relembrou a inesquecível Gretchen, mãe dos três e que falecera dando à luz Karl Julius.

A noite de natal foi plena de alegria, com muitas brincadeiras e correrias das crianças, empolgadas com a chegada de São Nicolau e a possibilidade de ganhar presentes. Hermann, que adorava o Natal, encarregou-se de bancar o Papai Noel e distribuiu os presentes, divertindo-se com as reações inesperadas dos pequenos. A ceia natalina reuniu todos em volta da mesa, um momento memorável para toda a família. No dia seguinte compareceram todos ao culto natalino, ouvindo com emoção a pregação do Pastor Sandresky, recém-chegado à colônia para assumir a comunidade evangélica. No restante da manhã, após o término do culto, Hermann enfiou-se no comércio do pai e entregou-se a longas discussões defendendo veementemente a abolição da escravatura, que era um dos assuntos

do momento em todo o país. Baseado nas informações trazidas do Rio de Janeiro, Hermann falou longamente sobre a necessidade de se libertar a raça negra, antes que a polêmica repetisse no Brasil o que havia acontecido na América, onde uma guerra devastara o país ocasionada principalmente pela divergência na questão da escravização dos negros. Frontalmente contrário à prática, que considerava aviltante para a raça humana, Hermann discorria com paixão e conhecimento sobre o assunto. E a conclusão era sempre a mesma – a cidade precisava de um jornal!

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Hermann, finalmente vais realizar o teu grande sonho, hein? Deves estar feliz! – Disse Theodore Kleine, seu cunhado e agora sócio na recém-construída sociedade. Batendo-lhe amistosamente no ombro, o cunhado dissipou a emoção que lhe garroteava a garganta e lhe tirara momentaneamente a voz. Seu grande sonho estava agora perto de se realizar.

Desde que voltara do Rio de Janeiro estava tentando iniciar uma pequena tipografia, mas as dificuldades do império e da colônia, somadas à escassez de recursos do jovem recém-iniciado na vida vinham até então inviabilizando o negócio. Neste tempo fizera mil reuniões, falara com muitas pessoas diferentes e finalmente a solução surgira de uma estratégia elaborada por ele com a ajuda do cunhado e de alguns outros simpatizantes da ideia. Eles montaram e constituíram uma sociedade por ações com capital de dois contos de réis e reuniram em torno dela os maiores entusiastas da ideia. Uma comissão, encabeçada por Guilherme Scheeffler, Louis Sachtleben, Otto Stutzer, Henrique Clasen e o próprio Theodor Kleine se colocou em ação para levantar os fundos necessários. Hermann, que já se desgastara muito em intermináveis discussões sobre a necessidade do jornal, preferiu ficar de fora da captação de fundos, atuando na aquisição das máquinas e demais providências práticas necessárias à formação e bom funcionamento do periódico. Pela primeira vez brigara com seu pai, por quem nutria imenso respeito. É que o Dr. Blumenau era contra o jornal, alegando que ele traria discussões e brigas e Julius, muito fiel ao velho doutor, tentara demover o filho de sua intenção.

- Jamais, *papa!* Nada nem ninguém me farão desistir desta ideia! – Alterou-se Hermann. – Peça-me tudo, mas não me peça para desistir do anelo de minha vida! O Dr. Blumenau é muito retrógrado e não quer aceitar que o progresso chegou também aqui na colônia. Ele tem que entender que a colônia não é dele, é de todos nós, seus moradores!

A discussão deixara magoados pai e filho, que nunca antes tinham tido qualquer alteração... Porém, com o tempo, as mágoas foram se apagando, e Julius entusiasmou-se com a ideia. Em grande parte a responsabilidade disto foi de Auguste, que era entusiasta de primeira hora, e vivia dizendo que seu enteado seria uma grande personalidade na história da colônia. Citava-o sempre para os demais filhos como um grande exemplo a ser seguido. Em certa ocasião, numa reunião de família, quando seu filho Walter se referira de maneira pejorativa a Hermann, que era o único filho da casa cuja mãe não era Auguste, ficou totalmente ao lado deste e repreendeu o filho com dureza:

- Espero que um dia meus filhos de sangue sejam tão bons quanto Hermann, que para mim é tão filho quanto cada um de vocês!

Nunca mais algum dos meio-irmãos de Hermann se atreveu a criticá-lo.

Para que os mais eminentes cidadãos da colônia aderissem ao negócio, ele foi criado de forma atraente e lucrativa. As ações, de 20\$000 (vinte mil réis), renderiam juros de 8% ao ano e eram resgatáveis em, no máximo, cinco anos. Hermann tinha certeza de que poderia resgatá-las neste prazo, e desta forma se tornaria dono absoluto da empresa e do jornal. O resgate seria por sorteio, realizado diante da comissão organizadora e ninguém estava sujeito a perder nada, pois o próprio equipamento e materiais ficariam como penhor até a liquidação total das ações.

Hermann e Theodor comemoravam juntamente com a comissão a enorme adesão dos cidadãos mais proeminentes da colônia. Repassaram a lista de adesões que continha, além deles próprios, os seguintes nomes: Hermann Hering Sênior, Otto Freigang, Fritz Müller, Franz Lungershausen, Pedro Hartmann, Dorotéia Knoblauch, João Gieseler, Augusto Keunecke, Carl Roedel, Henrique Krohberger, Moritz Holetz, Henrique Koehler Jr., Gerhard Jansen, Peter Wagner (avô de Hermann),

Wolfgang Germer, Anton Hoppmann, Erich Eggers, o Padre José Maria Jacobs, Carl Beyer, Edward Pershun, Ludwig Hartmann, Gottfrid Bens, Friedrich Hoeltgebaum, Carl Krambeck, Julio Heidrich, Julio Paupitz, August Müller, Ernst Weise, Ernst Engicht, Curt Wegener, Heinrich Seeliger, Jens Jensen, Franz Lange, Theodor Lueders, João Kroeger, Claus Rowen, João Karsten, Carl Glatz, Wilhelm Siewerdt, Wilhelm Kohlmann, Friedirch Klein, Hans Ehmke, Johann Krehnke, Wilhelm Peter, Hermann Priebe, Carl e Wilhelm Benke, Hermann Ninow, Wilhelm Krahn, Friedrich Weege, Hermann e Wilhelm Volkmann, Karl Draeger, Gotlieb Enke, August Fiedler, Johann Stutzer, Theodor Hostert, August Sutter, Johann Kluge, Goswin Zoz, Thomas Flores, Dr. Kohler, Christian Rauh, Guilherme Asseburg, Mendola Júnior e Emílio Gropp. A maior surpresa era a adesão do renitente Dr. Blumenau, que subscrevera duas ações, como a maioria dos participantes.

Confiantes devido ao resultado da campanha, faziam planos e comemoravam com um bom trago de *schnaps*.

- E como vai se chamar o jornal? – Questionou Sachtleben entre um gole e outro

Hermann pulou na mesma hora e disse, antes que alguém tivesse tempo de dar outra ideia qualquer:

- Este nome trago na algibeira desde que me surgiu a ideia do jornal aqui da colônia. O nosso jornal tem que se chamar “*Blumenauer Zeitung*”! (Gazeta de Blumenau). E coloque aí no papel que a assinatura anual vai custar 5\$000, (cinco mil réis) como fazem os bons jornais da capital do Império. Nós não vamos pleitear auxílio nenhum ao governo, para conservarmos sempre a nossa independência!

- Então, um brinde ao Blumenaur Zeitung! – Arrematou Theodor, empolgado.

Os copos se encontraram no ar, tilintando e selando a trajetória do incansável batalhador das causas blumenauenses.

O ano de 1879 foi marcado, para a colônia Blumenau, pela primeira viagem do vapor de rodas denominado Progresso, pertencente à Companhia Fluvial a vapor Blumenau - Itajaí, constituída no ano anterior por diversos moradores da colônia e do Desterro. O vapor foi comprado na Alemanha e sua primeira viagem foi um grande acontecimento na colônia, reunindo todo o povo dos arredores. Trajando roupas de festa e felizes em poder comemorar a importante novidade, os mais proeminentes cidadãos da colônia encontraram-se no porto, para a viagem inaugural. Hermann e seu pai, Julius, também participariam do importante evento. Auguste não pôde acompanhá-los, pois, embora a pequena menina nascida em janeiro do ano anterior e também chamada Auguste, como a mãe, fosse apenas um bebê de colo, ela estava novamente em estado adiantado de gravidez. Isto somado aos outros quatro pequenos filhos que corriam pela casa durante todo o dia sem descanso, deixava-a totalmente envolvida e quase sem tempo para nada.

De longe Hermann avistou a multidão e percebeu a presença do Deeke. A família Deeke tinha vindo para Blumenau há onze anos, proveniente da região da Limeira, em Brusque. Eles eram pessoas empertigadas e altivas, sentimento que certamente se originara no velho Friedrich Deeke, patriarca da família e descendente de uma longa linhagem de couteiros florestais na Alemanha. A fim de emigrar para o Brasil, vendera ao irmão mais jovem o título que lhe pertencia, por direito de primogenitura e recebia mensalmente dinheiro da Alemanha proveniente desta transação. Por isto, os Deeke eram altivos e até um pouco arrogantes, mas eram gente muito boa e honesta. Friedrich Deeke comprara um grande lote de terras numa região erma de Blumenau, onde quase só havia mato selvagem, composto de enormes árvores e vegetação rasteira cerrada. O acesso ao rio dependia de transpor um enorme barranco. Todos acharam loucura que ele tivesse se estabelecido naquela região (*local do atual Teatro Carlos Gomes*), comprando as terras de Eduard Fiedler, mas o homem tinha visão e não abria mão de seus desejos. Construíra uma casa grande e comprida onde, dizia-se, um corredor enorme com muitas portas fazia a distribuição dos diversos cômodos – um para cada filho, um para o esposo e outro – separado – para a sua mulher, Christiane. Cada filho que nascera tinha significado um novo adendo na comprida construção, ganhando seu próprio cômodo. Luxo de nobres! – Comentavam os colonos acostumados a se amontoar em pequenos cômodos naqueles tempos difíceis.

A família estava parada perto do cais e formava um bloco à parte: o pai, altivo e imponente, estava perto de sua mulher que parecia uma verdadeira dama, usando luvas de cor creme e um chapéu de abas vaporosas. Os cinco filhos formavam uma escadinha, sendo a mais velha a jovem Marie Gisela, de 17 anos. Marie intrigava Hermann, que se sentia atraído pelo seu olhar forte e metálico e pelo seu porte empertigado e orgulhoso. Não era o que se poderia chamar de uma moça bonita, não na acepção mais vulgar do termo, pois tinha um rosto anguloso dominado por um nariz adunco e proeminente e era muito espigada. Mais alta do que a maioria das jovens de sua idade, olhava com ar atrevido para Hermann, deixando claro seu desprezo pelos homens e por ele em particular. Talvez exatamente pelo desafio, ou ainda por conhecer a origem aristocrática da família, o que garantia à jovem uma formação destacada, ela atraía Hermann de maneira especial. Mas ele nunca se dera o tempo de aprofundar aquele interesse, pois seu foco era e tinha sido sempre a fundação do jornal. Agora que a maior parte dos planos estava concretizada e a materialização dos seus sonhos era apenas uma questão de tempo, sentia-se interessado em tentar uma aproximação maior com a jovem. Adepto das ideias libertárias, almejava casar-se com uma jovem independente, moderna e corajosa, que traçasse um paralelo com seus sonhos e planos.

Para Hermann, Marie Gisela tinha este potencial e era isto que a tornara tão atraente para ele. No entanto, lembrava muito bem como se decepcionara a primeira vez que tentara uma aproximação com a jovem. Ela retribuía com um olhar gelado e virara as costas sem mais esta nem aquela. Depois alguns amigos lhe contaram que ela dissera que jamais se interessaria por “*aquela cara de limão espremido*”! Isto desencorajava totalmente o impetuoso jovem, e Marie Gisela ficara esquecida num canto escuro de sua mente. No entanto ao vê-la, naquela manhã de sol, radiosa como uma pequena flor de primavera, com os cabelos longos esvoaçando à brisa matinal, sentira vontade redobrada de aproximar-se dela. Observando a família, fixou sua atenção nos irmãos de Marie: Fides estava com 16 anos, era quase da mesma idade que Marie e um palmo mais alto do que ela. Apesar de alto era miúdo, de quadris estreitos e pernas finas que se destacavam nas polainas, como de resto todos os Deeke. Felix tinha 11 anos e era peralta, provocando o tempo todo seu irmão mais novo, Fritz, que contava apenas 9 anos. Christiane trazia pela mão enluvada o pequeno José, caçula da família, que tinha apenas 4 anos. Hermann aproximou-se de Fides e encetou uma conversação, sempre de olho em Marie:

- Olá Fides, como vais nos estudos? Soube que és destacado aluno de linguagem, e gostaria de te convidar para fazer um teste no meu jornal. Assim que começar a editá-lo, vou precisar de gente boa ao meu lado, para escrever e narrar os fatos do dia a dia. Uma pessoa só não dá conta, não é mesmo?

A frase totalmente estudada, causou o efeito desejado. Todos os Deeke fixaram seu olhar no jovem Hermann, e passaram a dedicar atenção ao que ele dizia.

- Então, jovem Baumgarten, a tua experiência no Rio de Janeiro deu certo? Soube que foste lá aprender o ofício de tipógrafo... – Friedrich Deeke deixou uma interrogação no ar.

- Sim, senhor, eu fui com nosso grande amigo Visconde de Taunay, e aprendi tudo o que é necessário para editar e manter um bom e independente jornal aqui na nossa colônia. Apesar das ideias retrógradas de nosso diretor, o Dr. Blumenau, que era contra a fundação de um jornal, o bom senso falou mais alto, e conseguimos estabelecer uma sociedade que viabilizasse o dito. Agora é só uma questão de adquirir o maquinário, e em breve estaremos editando nosso jornal!

Quando falava de seu grande sonho, os olhos de Hermann se iluminavam e seu rosto tomava uma expressão de felicidade tal que o deixava radiante. Christiane, a mãe, percebera de imediato o interesse do jovem em sua primogênita e ficou muito estimulada, pois ela sempre almejava que seus filhos tivessem poder. E que poder maior do que o da imprensa? Apressou-se em acrescentar, polida e sorridente:

- Meu irmão, o engenheiro Krohberger, também entrou na sociedade e subscreveu duas ações!

Marie acompanhava o diálogo um pouco divertida, e olhava para Hermann interessada, atraída pelo vigor de suas palavras e pela força que sentira nelas. Naquele momento visualizou o grande homem, o idealista puro e o batalhador incansável por detrás do jovem caipirão e desajeitado que um dia lhe

fizera a mais desastrada corte do mundo. Voltou-se para ele e, olhando-o diretamente nos olhos, disparou de forma direta:

- Herr Baumgarten, soube que professa ideias muito liberais. Por acaso também pretende empregar mulheres no seu jornal?

Hermann embasbacou diante da ousada pergunta, e ficou sem saber o que responder. Se dissesse que não, falaria a verdade, mas trairia a imagem de liberal que vinha construindo cuidadosamente... Se dissesse que sim, estaria mentindo, o que repugnava, e corria o risco de ter que se desmentir em breve. Enquanto ponderava qual a melhor saída, ela veio em seu socorro, sorrindo e dizendo conciliadoramente:

- Não precisas ficar tão agoniado, não pretendo pedir emprego no teu jornal!

Quando Marie sorriu, o mundo a sua volta pareceu se iluminar por inteiro e tudo o mais se eclipsou. Com aquele sorriso franco e aberto, conquistou de forma definitiva o leal coração do futuro jornalista. Durante o passeio Hermann até tentou ficar sério e compenetrado como, ele imaginava, convinha ao dono do único jornal da colônia, mas seus olhos eram constantemente atraídos para Marie. Pela primeira vez observou e avaliou detalhadamente seu porte elegante e esguio, seus longos e brilhantes cabelos, que caíam em cascata pelas costas e os traços fortes do rosto. Eles traíam, bem no fundo, sua suavidade insuspeitada à primeira vista. Observou como era carinhosa e cheia de zelo com os irmãos menores, ajudando a mãe a cuidar deles, sem perder a atenção em tudo o que se passava a sua volta.

Ao final do passeio, aproximou-se de Hermann e convidou, de forma direta e objetiva:

- Gostarias de ir tomar limonada em nossa casa hoje no final da tarde?

- Aceito muito honrado o teu convite! – Respondeu empertigado e cerimonioso, sem revelar a forte emoção que sentira ao ouvir tal convite.

O dia custou a passar e as horas pareciam intermináveis para revê-la. Perguntou mil vezes a diferentes pessoas como fazer para chegar à propriedade dos Deeke, e ensaiou com igual insistência tudo o que iria dizer e fazer. Muito antes da hora marcada saiu remando a sua canoa pelo rio Itajaí-Açu, com medo de atrasar-se e parecer mal educado ou desinteressado. Quando se acercou do barranco de acesso, que ficava relativamente longe da sede do sítio, a uns bons dez minutos de caminhada, respirou fundo procurando acalmar o coração que batia loucamente, e dispersar o rubor intenso que lhe coloria as faces.

- Pareço uma garotinha tímida! – Repreendeu-se irritado, sem conseguir dissipar o nervosismo que o tomava. Caminhou vigorosamente e logo se viu diante da tosca porteira de madeira que demarcava o início da propriedade dos Deeke. Encostou-se nela, esperou que a respiração se normalizasse e ajeitou os cabelos finos que lhe haviam caído sobre a testa, acentuando o ar de garotinho desprotegido que tentava disfarçar. Empertigado, bateu à porta e preparou seu melhor sorriso para a recepção. A porta foi aberta pelo pequeno José, que o olhou com desdém e, abandonando-o em pé na soleira, saiu gritando pela casa:

- Marie, o cara de limão espremido está aí!

Marie surgiu vermelha e constrangida pela irreverência do garoto e tentou explicar, mas Hermann, que não estava nem um pouco preocupado com o passado, logo cortou suas explicações, dizendo:

- *Ach!* Eu sei como são os pequenos. Lá em casa também está cheio destas “*praguinhas*”, e sei bem do que são capazes! – Dizendo isto, caiu na gargalhada arrastando Marie com seu bom humor.

Durante horas conversaram sobre tudo, achando diversos pontos de identificação. Marie o tinha levado para um caramanchão nos fundos da casa, coberto de rosas trepadeiras floridas e o perfume das flores criavam uma aura mágica naquele fim de tarde. O sol no seu ocaso espalhou uma atmosfera avermelhada e coloriu o vestido branco de Marie, dando-lhe um ar etéreo. Hermann tornou-se mais ousado e, sentando um pouco mais perto dela, tomou-lhe a mão.

- Vamos namorar? – Perguntou de chofre o impetuoso jovem.

Impulsivo, Hermann não queria conceder à sociedade o tempo que a mesma exigia como sendo o normal e decente para um início de namoro. Marie, por sua vez, agora que estava interessada nele, sabia que era uma questão de tempo para alguma boa jovem perceber que Hermann tinha futuro e tratar de agarrá-lo. Portanto, não havia tempo a perder.

- Acho que podemos iniciar uma boa amizade... – Respondeu prudente e reticente. Mas seu olhar intenso e forte estava dizendo que sim, da forma mais veemente.

Hermann, que em tudo se parecia com o pai, e tinha também aquela intensidade apaixonada que os distinguia, tomou Marie nos braços e, antes que ela protestasse, beijou-a de forma envolvente. Um pouco assustada, mas apreciando a impulsividade do rapaz, acabou retribuindo o beijo de forma intensa. Corados e um pouco envergonhados, afastaram-se depois de alguns instantes sem saber o que dizer. Hermann optou por uma retirada estratégica, pois o sucesso do seu dia já estava garantido. Naquela noite, as estrelas embalaram os sonhos dos dois jovens, separados pela distância e pelas convenções sociais.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Blumenau crescia a olhos vistos e se tornava cada vez mais importante, para alegria da nova geração formada por jovens impetuosos e cheios de planos como Hermann. Assegurada a quantia para a compra do material tipográfico necessário à montagem do Blumenauer Zeitung, Hermann fez uma encomenda a um grande fornecedor da cidade de Leipzig, na Alemanha. A carta confirmando o pedido e marcando a data da chegada de todas as máquinas para o primeiro bimestre do ano seguinte (1880) chegou junto com dois irmãos de sobrenome Hering, que vinham da Saxônia para começar aqui uma pequena malharia caseira, trazendo o conhecimento necessário de sua terra natal. Hermann, progressista de primeira hora, comemorou ambas as coisas. Seus dias eram ocupadíssimos, pois visitava as pessoas, principalmente seus sócios investidores do jornal, com uma certa frequência, colocando-os a par de tudo o que estava ocorrendo. Percorreu inúmeras cidades da região e disparou cartas para vários lugares, inclusive à Alemanha, procurando e nomeando representantes do jornal. Cartas também não faltaram para seu amigo Visconde de Taunay, com quem mantinha estreita correspondência. Mas encontrava cada vez mais tempo, também, para visitar sua namorada, Marie. Os planos de casamento estavam ficando cada vez mais claros, e Hermann era recebido e festejado no seio da família Deeke já como membro dela. Participava de praticamente todas as comemorações íntimas e conseguia, graças ao seu gênio comunicativo, dar-se bem com todos. Os tios de Marie, o irmão de dona Christiane e sua esposa, os Krohberger, que eram gente muito importante (como construtor, Heinrich Krohberger participara da construção das duas igrejas de Blumenau e era pessoa muito considerada) eram osso mais duro de roer. Heinrich Krohberger, principalmente, era uma pessoa difícil, exigente, dura e altiva. Tratava a todos com um certo ar de superioridade que Hermann achava insuportável, mas fazia o maior esforço para aturá-lo e ser gentil, por sua amada Marie. Naquela noite, iriam jantar na casa dos Krohberger, pois era aniversário de Elise, a tia de Marie. Quando Hermann chegou para seguir com a família, em sua carroça de dois cavalos, até a residência Krohberger, teve uma surpresa e tanto. José, o *pestinha* que o chamara de “cara de limão espremido” e que sempre corria para abrir a porta cada vez que a sineta da entrada tocava, disse-lhe que Marie estava no quintal, atrás da casa. Hermann dirigiu-se para lá e de longe avistou a namorada, parada perto das roseiras que desprendia intenso e embriagador perfume. Seus cabelos muito loiros, quase brancos, escapavam em cachos do chapéu que ela usava e caíam sobre as costas do vestido alvo e rendado, que lhe dava um ar de ninfa. A impressão etérea era reforçada pelos olhos azuis quase translúcidos engastados no rosto delicado e fino, que agora se perdiam na contemplação do jardim. Marie sorvia o perfume das rosas e estremecia de leve com a fragrância embriagadora que se evolava do canteiro, procurando absorver todo aquele encanto e beleza. O vento agitava levemente seus cabelos e o seu vestido, enquanto ela demonstrava total distração e prazer com a natureza que a cercava. Hermann aproximou-se vagarosa e silenciosamente, abraçando-a por trás. Marie virou-se e encaixou-se nos seus braços, encostando o rosto em seu peito e dizendo-lhe:

- Hermann, toda a minha família está cobrando uma oficialização do nosso namoro. Acho que devias conversar com o papai...

- Está bem, *meine liebe*, eu falo com ele. Tu sabes que não é falta de vontade, mas antes de casar eu preciso botar a tipografia para funcionar e lançar o jornal. Mas eu vou conversar direitinho com o

teu pai e explicar isto para ele. Nós podemos ficar noivos e, assim que estiver tudo certo, provavelmente em julho do ano que vem, a gente já pode se casar!- Hermann abraçou Marie impulsivamente e beijou seus lábios, pensando em como seria bom casar com ela...

Enlevados, somente depois de alguns instantes perceberam, ambos ao mesmo tempo, a presença do pequeno José, que olhava assustado e estarecido para eles. Na sua visão de criança de quatro anos, parecia que estavam se agredindo... Olhou de soslaio, com ar desconfiado, e foi dizendo com uma vozinha ameaçadora:

- Vou já contar para a *mama* o que vocês estão fazendo aqui...

- Não, José, não fala isto! Você não entende nada de namoros... – Disse Marie, apreensiva com a possibilidade de ser descoberta pela mãe. Ela tinha consciência de ter avançado muito o sinal com Hermann, que nem era seu namorado oficial. José ficou parado, indeciso, e logo resolveu tirar partido da situação:

- Então me diga onde está a minha árvore de tostões que nunca brotou?

- Como é que é esta história? Árvore de tostões? – Perguntou Hermann entre incrédulo e divertido, entrando na discussão dos irmãos.

Marie avermelhou imediatamente e demonstrou, pelo seu jeito, ter ficado muito envergonhada. Quis desviar a conversa, mas José estava irredutível e foi contando para Hermann:

- Há um tempo ganhamos uns tostões da tia Elise. Eu não sei o que a Marie fez com o dela, mas logo veio pedir o meu. Como eu neguei, disse que o queria para plantar. Disse-me que em breve teríamos uma árvore de tostões e eu poderia ter tostões sem fim para comprar guloseimas e tudo o que eu quisesse. Nós enterramos aqui na horta, e todos os dias eu vou olhar, para ver se brota a planta, mas até agora nada! – O menino fez um beicinho desconsolado e foi caminhando para o local da misteriosa plantação. Hermann se continha para não cair na risada, e levou a sério a “investigação”. Logo chegaram a um local onde a terra estava revirada e um pequeno graveto espetado marcava onde fora feita a inusitada “semeadura”. Hermann olhou com ar maroto para Marie, que ainda não recuperara a sua fleuma habitual. Depois de investigar o local com todo o cuidado, Hermann sentenciou:

- Acho que árvores de tostões são muito lentas, José! Tens que ter paciência e esperar um pouco mais antes de reclamar com a tua irmã. Vamos combinar uma coisa? Se até Marie e eu nos casarmos, ela ainda não tiver nascido, eu mesmo venho aqui e te ajudo a desenterrar, para resgatar a preciosa “semente”. Está bom assim para ti? – Hermann desmanchou o cabelo de José com carinho. Acostumara-se a lidar com os seus pequenos irmãos, e tinha um carinho todo especial com crianças. Assim que o pequeno saiu correndo, olhou de soslaio para Marie e, com ar de riso e mofa, foi dizendo:

- Marie, que vergonha! Enganar o pequeno assim... Tu devias ter mais juízo! Só espero que seja tão zelosa com os tostões quando casarmos, pois vamos enfrentar um começo difícil!

Marie escapou de responder a tão constrangedora questão graças à voz do pai, que chamava com autoridade para que todos embarcassem na charrete, pois estavam de partida.

O casamento de Hermann e Marie – 1882

Marie e Hermann acabaram se casando apenas no início de 1882, devido a uma série de problemas que sobreviveram ao lançamento do jornal. O maquinário só chegou da Alemanha em julho de 1880, três meses depois do combinado, e demorou mais de dois meses para ser montado na sede provisória da tipografia, no *stadplatz*. Auguste acabara de dar o nono filho a Julius (uma menina de nome Emilie) e Hermann não pôde contar com ajuda de casa. Embora tivesse tido muita ajuda de seus companheiros de ideal, seu sonho de editar o primeiro número do jornal até julho de 1880 não se realizou, e o ano de 1880 ficou marcado nos anais de Blumenau como um período trágico. Embora em fevereiro deste ano a Assembleia Provincial tivesse oficializado a criação do município de Blumenau, sonho antigo e acalentado por muitos, inclusive Hermann, a grande marca do ano foi a terrível enchente que assolou a cidade. O Dr. Blumenau vinha lutando pela emancipação da colônia há alguns anos, e no ano anterior entregara um relatório ao presidente da Assembleia, encaminhando o assunto. Depois do relatório, as autoridades começaram a agir, com vistas a promover a emancipação, tanto que, no final de 1879 demitiram o tio e o pai de Marie de suas funções que eram, respectivamente, arquiteto e capitão-de-mato. Neste ano também foi extinta a Comissão de Medição de Terras e elevado à categoria de Vila o centro de Blumenau, sede do recém-criado município. Blumenau, no entanto, ainda levou muito tempo para se emancipar de fato, e o doutor continuou como diretor da colônia por mais um bom par de anos. A criação efetiva da Câmara Municipal demorou ainda mais, pois o governo resolveu primeiro executar as melhorias necessárias antes que a colônia andasse com suas próprias pernas.

Hermann acordou ouvindo gritos na rua, e pulou para a janela, curioso pela razão de tanta confusão. A chuva, que caía de maneira intensa como ele nunca vira, entrou em profusão quando ele abriu a janela, obrigando-o a fechá-la novamente. Desceu as escadas aos pulos, sem nem tirar o camisolão de flanela que usava para dormir, e abriu a porta da frente, saindo para a rua com uma lufada de vento e chuva. Ali na frente já estavam reunidas diversas pessoas, seus amigos Gustav, Leopold, Anton e Heinrich juntamente com o delegado de polícia, o pai e o tio de Marie, além de algumas outras autoridades e moradores daquelas imediações, esperando Hermann e seu pai para decidirem o que fazer. Depois de inúmeros dias de chuva, e com o rio Itajaí-Açu perigosamente acima do nível normal, há algumas horas começara a chover de maneira intensa e assustadora, fazendo com que o rio extravasasse, sem qualquer controle, do seu leito original. Enquanto o rio, temível e rumoroso, ia tomando as terras da cidade, a chuva continuava intensa e sem pausa, prenunciando desastre ainda maior. Em poucos minutos os homens ficaram encharcados e era até difícil falar, devido ao rugido da chuva e do rio. Hermann observou que a torrente caudalosa e amarela do rio estava muito próxima do local onde se encontravam, ameaçando todas as construções do *stadplatz*.

- Acho que não há mais tempo a perder. Temos que remover as pessoas e o que pudermos daqui, pois o *stadplatz* não vai escapar... – Comentou desanimado Julius, o pai de Hermann.

Nisto viram chegar o Dr. Blumenau com a mulher, a filha pequena e algumas poucas malas. O alarme não poderia ser pior. Ninguém conhecia melhor a cidade, suas chuvas e características do que o Dr. Blumenau. Se ele vinha pronto para debandar, nada mais restava a fazer. O restante da noite foi de correria, sobressaltos e muito desespero. Auguste, apesar dos filhos pequenos e de sua pouca mobilidade, permanecia calma e procurava infundir tranquilidade a todos a sua volta. As crianças, que não entendiam a magnitude da calamidade, viam tudo como uma grande brincadeira. O rio, cada vez mais assustador, rugia com a correnteza e de vez em quando observavam passar objetos, móveis, árvores inteiras, restos de casas e de ranchos, além do que pareciam ser muitos animais mortos. Também era possível ouvir gritos de socorro e desespero, sem que eles pudessem fazer nada para ajudar a pobre gente blumenauense. Em dado momento, viram passar, do seu ponto privilegiado de observação, um moinho quase inteiro, com as pás parcialmente quebradas

levantando ondas de água amarela e espumosa e puderam avaliar os estragos que estavam ocorrendo. Os homens haviam erguido um barracão tosco na parte alta do *stadpaltz*, próximo à igreja Protestante, e depois souberam que outro grupo de moradores fizera o mesmo nos altos da igreja Católica. O padre Jacobs e o pastor Sandreski atenderam seus rebanhos da melhor maneira que puderam, embora tivessem eles mesmos sido atingidos pela catástrofe.

Quando a claridade fraquinha do dia seguinte chegou, foi possível avaliar uma parte da grande tragédia – Blumenau estava devastada! Na parte mais baixa do *stadplatz*, nada escapara. Nenhuma casa, móvel ou equipamento fora salvo, pois não havia dado tempo. As preciosas máquinas de Hermann, o estoque de papel estalante e novinho que chegara há apenas alguns dias, tudo fora devastado pela água invasora! As perdas eram generalizadas, e todos estavam em situação parecida. Logo começaram a chegar notícias das regiões mais distantes, e as dimensões da tragédia se alargaram assustadoramente. Mais de quarenta moradores haviam perdido a vida nas águas furiosas e turbulentas da enchente, além da perda de animais, equipamentos, ferramentas, quando não a própria moradia e os ranchos de trabalho. Serrarias, moinhos, atafonas, galpões, nada foi poupado na destruição... E a tristeza se espalhou por Blumenau.

Os planos de Hermann, que pretendia lançar o primeiro número do jornal no mês seguinte (outubro) foram completamente frustrados pela desgraça que se abateu sobre a cidade. Procurando refazer-se das perdas e se preparar para um futuro próximo, Hermann observava atentamente os acontecimentos em Blumenau.

As manifestações de ajuda começaram a surgir de todos os lados, de outras colônias e das forças governamentais. Como o presidente provincial não possuía autonomia para a transferência de recursos que pudessem auxiliar no reparo dos danos ocorridos, requereu este crédito ao Governo Imperial. Em resposta, o Governo enviou para Blumenau o engenheiro Dr. Joaquim Rodrigues Antunes, que vinha para iniciar os trabalhos e seria seguido por outros engenheiros, que viriam constituir uma comissão técnica para o saneamento da região e aproveitariam para consolidar a emancipação já decretada do município.

Quando Antunes desembarcou do vapor Progresso, próximo ao *stadplatz*, Hermann observava de longe, um pouco alheio ao grupo que se reunira para recebê-lo, liderado pelo Dr. Blumenau. Era um homenzinho mofino, magro e amarelo, com ar de doença e maldade. As faces levemente picadas por uma longínqua e esquecida varicela eram cobertas por uma barba negra e cerrada, que afinava ainda mais seu emagrecido rosto. De pequeno porte, trajava-se, entretanto, como um verdadeiro dândi, seguindo à risca a última moda ditada por Paris. Trazia à bandoleira um chapéu mole, única concessão que fazia à sua elegância, como se afirmasse que o sertão exigia uma certa renúncia à boa figura que pretendia fazer. Era surpreendentemente jovem, embora seu aspecto fosse envelhecido prematuramente. Hermann sentiu imediata repulsa pelo homem, talvez pelas diferenças tão fundas em relação ao típico físico alemão, ou quem sabe premonitoriamente percebendo que ele traria mais problemas do que soluções para a cidade. Mesmo assim, sacudiu seus pressentimentos e se aproximou do grupo que se dirigira ao escritório do Dr. Blumenau, para apresentar-se ao engenheiro e oferecer seus préstimos. Em alguns minutos de conversa, percebeu que o homem era arrogante e se jactava com facilidade de seu cargo e importância. À noite, sentado no perfumado jardim de rosas que era o local preferido de Marie, comentou com ela a repulsa imediata que sentira pelo homem:

- Não sei te explicar, *meine liebe*, mas detestei este homem de cara... Ele me parece falso e unicamente preocupado consigo mesmo. Acho que ele não vai fazer nada de bom pela nossa pobre cidade!

- Não será ciúme? – Perguntou brejeira a namorada, complementando: - Todos estão comentando que ele é solteiro e está pensando em se casar com uma alemãzinha daqui. Dizem que ele falou, nas rodas do Desterro, que apreciava as jovens filhas dos imigrantes alemães.

- Imagine se eu vou ter ciúme de tal criatura. Se preferires um homem feio e franzino daquele a mim, tenho que me afogar nas águas do Itajaí-Açu!

Riram juntos e aproveitaram a beleza do entardecer, com seus tons quentes e iluminados.

O Natal de 1880 foi um dos únicos de cuja festividade Hermann não participou ativamente. Árvore, presentes, quitutes, tudo foi esquecido, porque o Blumenauer Zeitung estava a ponto de dar à luz o seu primeiro exemplar. A pequena tipografia, recuperada da enchente a duras penas por um grupo de abnegados liderados por Hermann, fervia com a azáfama contínua. Era um entra-e-sai o dia todo, de pessoas que vinham trazer notícias e reclames, palpiteiros que queriam trazer a sua sugestão, curiosos que queriam apreciar a composição das chapas a partir das caixinhas de tipos de chumbo, que Hermann manejava com tanta destreza... Até Marie recebeu permissão e veio com seu irmão Fides, pretensamente candidato a jornalista, para observar o trabalho. Hermann, com as mangas brancas da camisa presas por tiras pretas para não borrá-las nos tipos e muito compenetrado, ficou orgulhoso e feliz com a visita. Verdade que o cunhado nunca trabalharia no seu jornal, mas agora isto também não tinha mais nenhuma importância. Marie e toda a família também sabiam disso, mas era uma boa desculpa oficial. Christiane, a mãe de Marie, tinha uma grande ambição em relação aos filhos. Queria que eles tivessem tudo o que ela também já possuía, portanto conhecia bem o valor. Eles tinham trazido da Alemanha cristais, pratarias, tecidos ricos de linho e adamascados provenientes da propriedade da família e Christiane tivera destas peças o maior orgulho. Um incêndio no moinho da família, quando ainda residiam na Limeira, acabara com tudo e colocara uma tristeza insuperável no coração dela, que nunca conseguiu recuperar nada daquilo. Por isto, sonhava alto. E o jornal de Hermann era uma excelente maneira de conseguir isto. Portanto, ajudava como podia para que o namoro desse certo.

Nestes dias, o único toque de tristeza havia sido a deserção de Theodor Kleine, seu cunhado. Embora estivesse quase tão entusiasmado como Hermann no início da implantação do jornal, de uma hora para outra se desinteressara, e acabara aceitando uma posição fora de Blumenau, levando consigo a família. Quem agora estava ao lado de Hermann na empreitada era Anton Haertel, que tinha mais ou menos a sua idade. Coordenado por Hermann, ele realizava um bom trabalho e estava preenchendo bem a lacuna deixada por Theodor. Os textos estavam quase prontos, e Hermann trabalhava febrilmente para montar as chapas e preparar a impressão. O serviço mais pesado acabara ficando mesmo com ele, que era o único a dominar o processo de impressão tipográfica. A impressora, que ele tratava como uma mulher amada, funcionava com a regularidade de um relógio suíço e obedecia aos seus comandos como um cachorrinho.

No dia primeiro de janeiro de 1881 saiu o Blumenauer Zeitung número um. Hermann não cabia em si de orgulho e alegria, e foi pessoalmente a inúmeras residências e casas de comércio de Blumenau levar um exemplar, aproveitando para fazer algumas assinaturas. Hermann estendera-se, no editorial de abertura do jornal de quatro páginas e formato de 28 cm x 38 cm, falando sobre a antiga necessidade de um jornal desde o tempo da colônia, e de como um grande número de pessoas capazes de raciocínio tinham reconhecido e ajudado a viabilizá-lo, enquanto um “pequeno grupo” contestava esta importante conquista. Já neste primeiro editorial, Hermann deixava claro o seu gosto para a polêmica, que seria a marca registrada do Blumenauer Zeitung. Nas páginas do jornal também transcritas, em miúda letra gótica, a ata de constituição da sociedade, bem como a nominata de associados. Desta forma ele prestava uma homenagem àqueles que o haviam ajudado a realizar o grande sonho. Como um jornal cosmopolita, oferecia anúncios a oitenta réis por linha, com pagamento adiantado e apresentava a sua lista de agentes:

Em Brusque – Eduard Von Buettner; em Itajaí – Ewald Borowski; em Joinville – L.H.Schultz; em Desterro – Julio Voigt. Para o Rio de Janeiro Hermann conseguira agenciar a empresa Bolls, por intermédio de seu amigo Taunay e até na Alemanha havia um agente – Chr. Brandis, de Hamburgo. Estava definitivamente traçada, a partir desta data, a trajetória de Hermann Baumgarten, que foi praticamente a mesma que o seu jornal. Homem e obra se confundiram numa só e única coisa a partir desta data. Sua paixão era tanta, que se esparramava em longos e ardentes editoriais sobre quase tudo o que dizia respeito à vida administrativa, política, econômica e social de Blumenau e arredores. Onde havia um fato, uma polêmica, uma briga, ânimos acirrados, lá estava ele, fazendo a sua parte e depois, vazando de forma apaixonada e totalmente parcial os fatos em longos e bem escritos textos. Compensava a sua falta de erudição com uma verve apaixonada e sincera, que tocava a quem lia.

Perseguiu implacavelmente a Comissão Antunes durante todo o ano de 1881, deixando clara a repulsa que todos os habitantes de Blumenau, descendentes de alemães, sentiam pelo “jeitinho brasileiro” do Dr. Antunes. Até seu casamento com a filha de Friedenreich foi vista como uma forma de abrandar os corações blumenauenses e, portanto, duramente criticada. O Dr. Antunes estava adaptado aos modos e modas da corte portuguesa, e pensava que tudo tinha que ter a sua forma de contornar. Acreditava também que poderia, com o dinheiro do qual dispunha, abrandar qualquer coração mais rude. Para os blumenauenses, acostumados à administração sóbria do Dr. Blumenau, era uma verdadeira ofensa vê-lo desperdiçar daquela forma o dinheiro público.

Marie aguardava, cada vez mais inquieta, a hora de casar-se com Hermann. Embora ele se perdesse em querelas intermináveis a respeito de tudo e de todos, sempre continuava a visitá-la com frequência, e muitas vezes roubava uma rosa pelo caminho para enfiá-la nos seus perfumados cabelos, com um gesto de carinho. Nas despedidas ao pé do caramanchão florido e perfumado, beijavam-se apaixonadamente com promessas de bem-querer e planos futuros. Mas algo precisava acontecer para que Hermann tomasse a decisão definitiva. Afinal, ela já estava com quase dezenove anos e a maior parte de suas amigas havia casado, algumas até já tinham filhos. Resolveu falar com o pai, e pedir a sua interferência. O pai, um aristocrata de formação esmerada, logo achou uma forma de abordar o futuro genro. Naquela noite, dirigiu-se a Hermann que viera jantar no lar dos Deeke:

- Hermann, enquanto as mulheres organizam a cozinha, vamos lá fora fumar um cachimbo e conversar um pouco.

Depois de alguns rodeios diplomáticos, atacou o assunto principal:

- Estive pensando sobre o futuro de Marie, e resolvi doar a vocês, quando casarem, uma parte destas terras aqui da frente, que fazem fundos com o rio. Acho que não precisa ser um pedaço muito grande, pois afinal és um jornalista e não um colono... Mas creio que no futuro podes construir a tua casa e também uma sede definitiva para a tua tipografia. Blumenau vai crescer e esta região aqui ainda vai ser o centro da cidade, com toda a certeza. Então, o que achas disto?

- Eu fico muito feliz e agradecido, Sr. Deeke. O senhor acha que podemos nos casar logo?

- Eu acho que o início do ano próximo seria perfeito! Que tal o mês de março? Já não estará assim tão quente, e dará tempo para que todas as providências sejam tomadas.

- Eu concordo e fico muito feliz. Vamos lá dentro contar a Marie?

Os planos de Friedrich Deeke tinham dado certo, e com toda a elegância ele conseguira marcar a data do casamento da filha. No entanto, Hermann só estivera protelando a data porque imaginava que uma família tão aristocrática esperava um dote maior do que um jornal promissor, porém ainda endividado, para conceder a mão da filha. Assim, todos ficaram satisfeitos.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Marie, vem logo senão vais te atrasar para o teu próprio casamento, menina! – Gritou nervosa a mãe para dentro do quarto onde a jovem se fechara há alguns minutos

A porta se abriu e Christiane, com os demais filhos em volta, pôde apreciar a beleza de noiva que sua filha tinha ficado. O velho vestido de noiva da mãe tinha sido reformado pelas mãos habilidosas de Marie, que se revelara exímia costureira, e ressaltava toda a elegância e graciosidade do seu porte. Era de gaze branca, esvoaçante e suave, lembrando uma borboleta. A cintura era bem marcada por uma fita larga de cetim prateado e na barra o tecido era arrematado por rendas suaves, que deixavam entrever os sapatos e meias. Os cabelos loiríssimos, Marie prendera no alto da cabeça, embora alguns cachos teimassem em cair pelos lados do rosto, dando-lhe um ar diáfano. Um diadema de pérolas, herança dos Deeke, encimava a loura cabeça e prendia os debuxos do véu, que jorrava até o chão. O vestido marcava com perfeição o corpo esguio e longilíneo de Marie, transformando-a numa verdadeira ninfa. Nas mãos, as suas amadas rosas brancas colhidas no final daquela tarde espalhavam um doce e insidioso perfume.

Não havia a menor dúvida, ela faria boa figura perante a sociedade blumenauense reunida na igreja para a cerimônia, que seria oficiada pelo pastor Sandrewski, refletia satisfeita Christiane Krohberger Deeke, orgulhosa e saboreando um dos seus raros momentos de felicidade.

A entrada na nave iluminada foi o que se pode chamar de triunfal. Marie, levada pela mão imponente do pai, brilhava como se tivesse luz própria. Hermann ficou embasbacado com a beleza da noiva, e não conseguiu despregar os olhos dela. Seus pais, Julius e Auguste, ocupavam toda uma fileira de bancos com seus oito filhos, a mais nova, Wally, com apenas alguns meses no colo de Auguste e os outros formando uma alegre escadinha.

Friedrich e Christiane Deeke ocupavam o outro banco frontal da igreja tendo ao lado seus quatro outros filhos, todos homens. Com a saída de Marie, que era primogênita, o filho mais velho da casa ficava sendo Fides, que era em tudo parecido com a irmã. Depois vinham Felix, Fritz e o caçula, o insuperável José, que tinha agora sete anos. Todos estavam emocionados, mas nenhum sinal externo traía esta emoção. A rígida e aristocrática educação de Friedrich e Christiane fazia seu efeito naqueles momentos solenes.

Marie percorria a nave totalmente iluminada. Suas feições só de leve demonstravam a alegria daquele momento, e ela aparentava, acima de tudo, muita tranquilidade e domínio das emoções. Hermann, no entanto, menos treinado e mais espontâneo, revelava no rosto crispado a emoção profunda que trazia no fundo da alma. A cerimônia, para ele, passou envolta numa nuvem densa e imprecisa, e logo se viu do lado de fora da igreja, no pátio iluminado pelo pôr do sol de um forte tom vermelho que incidia sobre o grupo de cidadãos ali parados. Daí em diante, a festa envolveu-o e levou-o de roldão. Foram todos caminhando para a Schützengefellchaft (atual Tabajara), a sociedade local de atiradores que ficava bastante próximo à igreja Luterana onde havia acontecido a cerimônia. Somente os noivos usufruíram da prerrogativa de ser levados de charrete até o local, sob os chistes e provocações de um sem número de jovens que seguia junto ao veículo, impedindo o desenvolvimento de sua marcha. A festa, organizada pelos pais dos noivos, foi um imenso sucesso e teve o mérito de reunir, num mesmo espaço e tempo, todos os cidadãos eminentes de Blumenau, independente de quaisquer divergências políticas. O casamento do “jornalista” da cidade, ainda mais se tratando do filho de Julius Baumgarten, um dos mais respeitáveis cidadãos desde a colônia, era um fato imperdível para aquela comunidade. Assim é que lá se encontraram e conversaram antigos contendores de disputas políticas, econômicas, de questões de terras e outras. Sentaram-se à mesma mesa (a mesa dos noivos e suas famílias) o Pastor Sandrewski e seu grande opositor Padre José Maria Jacobs. Conversaram e tomaram juntos uma taça de vinho em honra do jovem casal, esquecendo por alguns instantes suas grandes divergências ideológicas. A festa foi plena de animação e alegria marcando assim o início de uma vida promissora e fundamental para a sedimentação das bases da cidade de Blumenau.

Hermann e Marie passaram a morar provisoriamente em cima da tipografia onde era feito o Blumenaur Zeitung, num pequeno e apertado cômodo, mas para eles era quase o paraíso, pois agora podiam se abraçar e beijar livremente, sem o patrulhamento intenso e cerrado do pequeno José. Invariavelmente terminavam na cama, dando vazão à paixão quase adolescente que os consumia. Hermann subia aos pulos as escadas que levavam ao cômodo de cima algumas vezes por dia para dar um abraço e ver como estava sua querida e jovem esposa. Ela, por sua vez, descia quase todas as tardes com um prato de lanche, caprichosamente coberto por um guardanapo branco e rendado. Levava um pedaço de bolo, uma fatia de cuca ou biscoitinhos de mel e manteiga para agradar seu esposo, que sempre a recebia com um luminoso sorriso de agradecimento. Naquela tarde quente de março, algumas semanas após o casamento, Hermann comia alguns biscoitos sob o olhar atento e vigilante de Marie quando Anton, seu redator, irrompeu porta adentro ofegante e ansioso:

- Hermann, já sabes o que aconteceu? O Dr. Blumenau recebeu uma carta do imperador, exonerando-o de suas funções e determinando a dissolução total da direção da colônia! Será que vamos ficar totalmente à mercê do Dr. Antunes a partir de agora? Afinal de contas ele agora é o único representante oficial do imperador!

- Calma, Anton... Respira direito primeiro, toma alguns goles d'água e me conta direito esta história...

Anton repetiu a informação que tinha ouvido, fresquinha, a alguns metros dali, e viu Hermann sair pela porta com a velocidade de um raio, em demanda de mais notícias e declarações. A próxima edição do Blumenauer Zeitung deixava clara a repulsa do povo blumenauense (ou, pelo menos, do editor do jornal) à possível ascendência do Dr. Antunes a qualquer cargo diretivo na cidade. Hermann não lamentava efusivamente a partida do Dr. Blumenau, pois tinha a firme convicção de que, para a cidade evoluir, deveria se livrar da administração tradicionalista e amarrada do velho doutor. Homem de ideias libertárias e avançadas, Hermann, que defendia causas como a liberdade de cultos, o casamento civil, a naturalização dos imigrantes e a república com ênfase especial na autonomia municipal, vivia tendo “esbarrões” ideológicos com o administrador. Usava o seu jornal como tribuna livre para as suas ideias e desta forma criava polêmica, inclusive com ele. Seu pai observava de longe, melindrado devido à velha e boa amizade que mantinha com o Dr. Blumenau, cujos laços com a família Baumgarten estavam estreitados havia anos.

Nos próximos dias, acirrou-se em Blumenau a disputa entre os partidários do Dr. Antunes, que eram poucos, mas importantes, e aqueles que temiam a sua ascendência ao poder com a saída de Blumenau. Hermann estava preparando a próxima edição do Zeitung, onde sairia um artigo seu criticando veementemente o homenzinho, quando entrou na pequena e abafada tipografia o engenheiro José Dias Maynard, que fazia parte da comissão de técnicos que assessorava Antunes.

- Bom dia, senhor Baumgarten. Eu vim aqui trazer um artigo para sair publicado no seu jornal... É em defesa de nosso chefe, o Sr. Antunes, e está assinado por inúmeros signatários ilustres da cidade. Todos disseram que o senhor, como verdadeiro democrata que é, não vai se recusar a publicar, já que o seu é o único jornal da cidade...

Hermann ficou embasbacado e surpreso, mas não conseguiu recusar. Realmente, para ser coerente com todas as suas ideias, não poderia negar espaço a outras correntes de pensamento, uma vez que o único veículo de informação da cidade era o seu jornal. O Zeitung seguinte acabou saindo com um editorial veemente contra a possível ascensão política de Antunes e um artigo de total apoio ao mesmo, assinado por inúmeros cidadãos de Blumenau, ambos na mesma edição.

O engenheiro Maynard ficou admirado com a coragem de Hermann, aceitando a publicação do artigo e, algo pensativo, disse-lhe:

- Admiro a tua coragem, Baumgarten. Eu, por minha vez, estou desprovido da mesma para a tarefa que tenho a cumprir agora...

- E que tarefa tão difícil pode ser essa? – Perguntou um pouco desconfiado.

- Vou até o Warnow, fazer o último pagamento para a colonada que trabalhou na recuperação das estradas e pontes derrubadas pela enchente. Mas cada vez que eu chego lá para fazer o pagamento eles reclamam que as contas estão erradas. É que eles não concordam com os critérios que o Dr. Antunes usa... Como este é o último pagamento, tenho medo de que os protestos passem dos limites!

Dizendo isto o homenzinho saiu pensativo e quase ia desaparecendo na poeira quente da estrada, quando percebeu que Hermann estava ao seu lado:

- Vou contigo até lá, para observar o que acontece e conversar com o pessoal.

Os piores temores de José Maynard se confirmaram. À medida que a carroça chegava mais perto do acampamento de trabalho, iam-se ouvindo rumores das conversas dos trabalhadores cada vez mais altas e alteradas. Assim que eles desembarcaram, a colonada cercou o engenheiro com rostos e gestos ameaçadores, exigindo o dinheiro e reclamando de um sem-número de coisas diferentes. Eram homens rudes, fortes e avermelhados, polacos e seus descendentes na maioria, que haviam se alistado para trabalhar naquelas frentes por falta de opção. Enquanto eles cercavam o engenheiro, esbravejando contra o sistema empregado pelo Dr. Antunes, Hermann se afastava com um dos capatazes, ouvindo assim uma explicação detalhada sobre o assunto. Logo decidiu que partido tomaria, e claro que não era o do Dr. Antunes, e passou a dar razão clara aos colonos, instando Maynard para que pagasse o que era correto aos homens. Cercado por todos aqueles homens rudes e dispostos a tudo, Maynard pagou o que eles solicitavam, que nada mais era do que o total de horas trabalhadas, sem os descontos que Antunes queria impor a título de “quebras de horário”. Furibundo, pulou na carroça e partiu dali sem mais delongas, fazendo correr de maneira louca e

furiosa os cavalos até chegar à cidade e narrar ao seu chefe o ocorrido. Hermann, por sua vez, ficou no acampamento, conversou com os homens, tomou alguns tragos de cachaça brindando com eles e partiu só ao final do dia, na garupa de um baio forte e entroncado de um polaco que vivia perto da cidade. Teve que caminhar uns bons quilômetros para chegar a casa, mas o cansaço foi irrelevante frente à satisfação que sentia.

O Dr. Antunes sentiu-se indignado com o acontecido e chegou a acionar a polícia, mas nada de grave aconteceu. Hermann escreveu para seu amigo Taunay e o mesmo, que era senador na Câmara Imperial, tendo grande destaque nesta importante tribuna, tratou de defender a colonada blumenauense e liquidar de vez a questão.

Apenas três meses depois, Hermann nem pensava em Antunes e sua gente. Todos os seus pensamentos e esforços estavam concentrados na eleição para a primeira Câmara Municipal. Como, do total de 49 eleitores, apenas 14 eram de Blumenau, sendo o restante de Gaspar, Hermann temia que nomes indigestos pudessem se eleger. O resultado, no entanto, foi satisfatório. Dos sete vereadores eleitos em dois turnos, Hermann tinha boa amizade com Luis Sachtleben, Otto Stutzer e Jacob Zimmermann e um dos juizes de paz eleitos era seu próprio pai, Karl Julius Baumgarten. Apesar da grande amizade que ainda unia seu pai ao Dr. Blumenau, ele estava cada vez mais voltado para as ideias de Hermann, e escrevia com frequência no jornal do filho. Ambos, pai e filho, preocuparam-se e sentiram pena do bom doutor quando sua família foi embora, em agosto daquele ano, deixando-o sozinho. A mulher de Blumenau, Bertha Louise, nunca se adaptara completamente à cidade e não era, como o marido, querida por todos. Tinha ares grã-finos e nas raras vezes em que saía à rua, colocava-se debaixo de sua sombrinha de rendas reclamando contra o calor de Blumenau, que classificava de “*senegalês*”. Como a tarefa oficial do marido estava encerrada, não houve argumento que a fizesse permanecer ao lado dele, que ainda se preocupava com aquela que continuava vendo como a “sua colônia”!

Era setembro, e Hermann estava sentado diante da casa/oficina, observando os tons quentes e intensos do ocaso, quando avistou ao longe a sua querida Marie. Enquanto ela caminhava célere em direção a ele, observou que havia um tom especial em seu olhar. Os passos eram firmes e demonstravam a sua pressa em chegar perto dele, como se estivesse ansiosa com algo. Hermann ficou em alerta e, assim que ela chegou mais perto, levantou-se e foi ao seu encontro, um pouco apreensivo. Ela tinha ido logo cedo para a casa dos pais e ele temia que algo a tivesse transtornado.

- Aconteceu alguma coisa contigo, Marie?

- Sim, aconteceu... Eu estava ansiosa para te contar! Já faz alguns dias que eu andava desconfiada, mas primeiro quis conversar com minha mãe para ter certeza. Agora que eu já tenho, posso te contar... Nós vamos ter um filho!

- Marie, minha querida! Que felicidade! Sob este mesmo céu no qual minha mãe contou ao meu pai que eu viria ao mundo estás agora revivendo esta emoção... É, a família Baumgarten está realmente fincando suas raízes aqui no Brasil! Meu filho já vai ser a segunda geração de Baumgarten brasileira. E muitos outros virão... Eu sei que nós faremos parte deste novo e importante mundo que está surgindo aqui, neste lugar abençoado!

Todo o idealismo de Hermann viera à tona com a forte emoção da notícia. Abraçou Marie e, num gesto brincalhão no qual revivia seu lado moleque, rodopiou com ela nos braços, olhando para o céu e sorrindo para o futuro.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Hermann estava nervoso, pois embora já estivesse acostumado a participar de cerimônias oficiais, esta assumia importância capital em sua alma: a instalação oficial do Município de Blumenau. As presenças ilustres eram muitas, mas para ele nenhuma era mais importante do que a de seu grande amigo Alfredo D'Escagnole Taunay. Já decidira dar ao seu primeiro filho (que ele tinha certeza de que seria homem) o nome de Alfred, em homenagem àquele que pretendia convidar como padrinho do menino, e nenhuma ocasião seria mais propícia do que aquela. Marie ficara na casa de seus pais, com Auguste, preparando um belíssimo almoço no qual o convidado de honra

seria o Visconde, criando o momento perfeito para o convite. Naquele 10 de janeiro de 1883, sob um sol forte e um calor infernal, todos se perfilavam diante das autoridades, ouvindo intermináveis discursos que ora exaltavam, ora criticavam todo o processo de colonização do município. Hermann, com senso arguto, olhava ao redor, observando as pessoas e suas reações. Até seu avô Peter Wagner estava presente, com a sua natural imponência, acompanhado da mulher com quem se casara em segundas núpcias e que tanto infernizara o menino Hermann. Lembrou-se com ternura de Auguste, que viera salvá-lo daquele inferno, e assumira os filhos de Karl Julius como se fossem seus. Esta reflexão fez com que Hermann lembrasse que logo ele seria pai, e a felicidade vazou na sua expressão. A alegria era geral naquela ensolarada manhã, e o povo de Blumenau admirava as autoridades presentes e discutia apaixonada e acaloradamente sobre tudo e todos. O Blumenauer Zeitung era a grande tribuna da cidade, e todas as questões que sacudiam a vida da gente blumenauense passavam, necessariamente, pelas páginas do informativo. Hermann defendia seus pontos de vista com força e veemência, e passou a ser conhecido por isto como um conservador.

- Na verdade não sou conservador. Apenas não quero que a nossa cidade vire um bagunça e que a corrupção tome conta daqui, como tomou na corte imperial! Ou melhor, talvez seja um conservador, se conservador quer dizer alguém que preza pela conservação do que é bom, justo e verdadeiro!

Hermann fazia a sua profissão de fé inflamada, encostado à janela da casa de seu pai. Um seleto grupo de pessoas lá estava, festejando com a família aquela data importante e participando do debate. As mulheres cuidavam para que as crianças não perturbassem e preparavam o almoço que seria servido em poucos instantes. Hermann voltou à carga:

- Por exemplo, não admito aqueles que criticam a imigração alemã. Foram nossos pais e avós que construíram tudo o que está aí para que as novas gerações usufruam. A corte imperial, este ninho de ratos vagabundos que só faz se alimentar às custas do esforço e do suor do povo e dos pobres escravos, nada fez para que a região sul progredisse. Eu diria que conseguimos crescer APESAR deles e não com a ajuda deles. Isto é que é ser conservador? Então sou conversador com muito orgulho!

Taunay apoiou imediatamente as palavras de Hermann:

- Eu tenho sido um defensor intransigente da imigração alemã e também acho que a prosperidade do sul se deve aos imigrantes e principalmente aos alemães. Está mais do que na hora de o governo reconhecer isto. Se bem que o Imperador, em si, tenha tendências germanófilas. O problema é a corte... – Taunay deixou no ar todas as intrigantes implicações da complicada corte brasileira.

A discussão continuou neste tom, até que as mulheres interromperam para anunciar o horário de almoço. À mesa, Hermann pediu novamente a palavra, e falou, emocionado:

- Aproveito a oportunidade para convidar nosso grande amigo e defensor, Alfredo D'Escragnole Taunay, para ser padrinho do meu primeiro filho, que está vindo por aí! – E dizendo isto, olhou carinhosamente para Marie, cujo ventre levemente avolumado revelava os cinco meses de gravidez.

- Mas é claro que aceito, e com muita honra, meu amigo Baumgarten! Mas como é que tens tanta certeza de que será um homem?

- Tanto eu tenho certeza que já escolhi o nome: é Alfred, em homenagem ao seu padrinho!

Taunay e Hermann se abraçaram, provocando vivas de todos os presentes.

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Hermann, tu nem vais acreditar no que eu acabei de saber! – Disse nervoso seu amigo e antigo sócio na formação do Blumenauer Zeitung, o vereador Otto Stutzer.

- Mas fala logo, homem de Deus! O que foi que te deixou tão assustado? – Hermann ficou um pouco irritado pela interrupção, pois estava compondo a chapa para impressão do primeiro código de posturas do município, e o trabalho era dos mais demorados e detalhados. Enquanto trabalhava, Hermann ia revisando as decisões da primeira câmara da cidade e, ou aprovava com um sorriso, ou reagia com um muxoxo que significava a sua discordância de tal determinação. Disposições como as que diziam: “os que assustarem qualquer animal de montaria ou de carruagem nas ruas e estradas

serão multados em quatro mil réis”, ou “fica proibido nas casas de pasto, tabernas e outras casas públicas o uso de panelas ou quaisquer vasilhas de cobre”, ou ainda aquelas que instituíam multa de quatro mil réis para o proprietário que impedisse seu vizinho de entrar em suas terras para extinguir formigueiros ou para quem fizesse vozerias, alaridos e gritos nas ruas e praças, provocavam um sorriso em Hermann, enquanto ia compondo, com carinho e cuidado, as placas para a impressão do código completo, que sairia na próxima edição do Blumenauer Zeitung. Por isto, reagiu com desinteresse ao ímpeto de Otto, que entrara esbaforido no escritório do jornal. O trabalho estava cada vez mais exaustivo para Hermann, que fazia quase tudo sozinho. Desde que Anton Haertel fora nomeado procurador dos negócios administrativos da Câmara Municipal, cabiam a ele quase todas as tarefas pertinentes ao jornal.

- Hermann, a coisa é séria! Imagina que o Bernard Scheidemantel está lançando um jornal! É, eles fizeram tudo na surdina! Compraram a impressora velha do Kolonie Zeitung e, com a experiência que o Scheidemantel tem como tipógrafo e fotógrafo, ficou fácil!

- Mas são uns idiotas mesmo! Mal sabem eles as dificuldades que estou passando para manter o jornal. Se eu fosse pensar em dinheiro há muito tempo teria mudado de ramo... É puro idealismo que me faz persistir com o Blumenauer Zeitung! – Dizendo isto seus olhos brilharam como se fossem pegar fogo.

- O problema deles não é dinheiro! O Scheidemantel é apenas um testa de ferro! Quem está por trás disto são os partidários do engenheiro Antunes, a começar por ele próprio, é claro! Gente como Guilherme e Carl Friedenreich, o Padre Maria Jacobs que é contra todas as nossas ideias, Gerold Engelke e Paulo Schwarzer e muita outra gente que pensa como eles. O pior de tudo é que estão dizendo por aí que vão lançar um jornal liberal, pois aqui somos todos conservadores...

- Conservador, eu? – Hermann estava apoplético de raiva. Seu rosto avermelhou e seus olhos pareciam soltar faíscas. – Então eles acham a república uma noção conservadora? Ou será que o casamento civil e a nacionalização dos imigrantes, que eu tanto defendo, são ideias conservadoras? Eu estou pagando apenas por ser alemão, é isso! Conservadores são eles, que querem nos manter no “cabresto”, quietinhos e aceitando tudo o que eles querem! Quem é o Friedenreich, que “negociou” a filha em troca de favores políticos, para me chamar de conservador?

Hermann saiu do escritório como se mil demônios o perseguissem. Andou o dia inteiro pela cidade, falando com as pessoas, expondo seus pontos de vista e criticando com veemência o surgimento de um novo jornal em uma cidade tão pequena. Mas de nada adiantou a sua mobilização. Ainda naquele mês de abril de 1883 saiu a primeira edição do Immigrant, dizendo, a exemplo do Blumenauer Zeitung, ser um jornal apartidário em favor da causa blumenauense. Desde a primeira edição, lutaram renhidamente o Immigrant e o Blumenauer Zeitung, como se a vida e o sucesso da colônia dependessem disso.

A nona edição do Immigrant trouxe uma matéria que caiu como uma bomba sobre Blumenau. Hermann espumou de raiva ao ler o artigo que reduzia o grande Fritz Müller, professor e naturalista alemão que vivia em Blumenau, a um “fazedor de encrencas” e “criador de casos”, dizendo que o mesmo, além de transformar a vida dos blumenauenses num inferno, granjeara para si a inimizade de toda a cidade, pois “destruíra completamente os antigos e elevados valores sentimentais da sociedade de Blumenau”. O artigo, de autoria de Carl Friedenreich, tinha endereço certo. Fritz Müller criticara-o veementemente na ocasião do polêmico e controvertido casamento de sua filha com Antunes e vivia lançando veneno sobre o Immigrant.

Irado, Hermann esbravejava contra toda a “corja que fazia aquele jornaleco de quinta categoria e achava que jornalismo era criticar desmedidamente sem considerar a vida pregressa e o histórico do acusado”!

- É por isto que te chamam de conservador, Baumgarten! Tu defendes as pessoas e os fatos estabelecidos. Isto é ser conservador! – Ponderava seu amigo Otto.

- Conservador uma ova! Eu sou é pelo que é justo e certo!

Hermann não sossegou enquanto não achou uma saída de desagravo para o professor Müller. Chegou a unir-se ao Dr. Blumenau, que continuava na cidade lutando pelas melhorias que achava necessárias, para juntos elaborarem uma carta de desagravo a Fritz Müller. Coletaram assinaturas

em toda a cidade e ao final, contabilizaram dezessete nomes, todos importantes, consignando o documento que dizia:

“Para o conhecimento de nossos leitores e alheia a influências de nossa sociedade, a declaração publicada no Immigrant nr. 9 sobre o nosso distinto concidadão Sr. Dr. Fritz Müller, é uma total deturpação dos fatos. Expressamos, decididamente, a nossa repulsa às acusações que lhe fazem de ser o provocador da atual insatisfação. O perturbador do “Éden Blumenauense” deve ser procurado em outra direção e não na pessoa do Dr. Fritz Müller. Blumenau, 31 de maio de 1883.”

Assinaram o documento, além de Hermann e do Dr. Blumenau, H. Probst, Viktor Gaertner, Dr. Eberhard, Ave-Lallemant, Sametsky, Schrader, Friedrich Ockel, o sogro de Hermann Friedrich Deeke, Bernhard Hoepner, Peter Hartmann, Joseph Faust, Heinrich Froehner, Guido Von Seckendorf, o Dr. Balloton e Heinrich Watson. Lembrando-se muito bem do episódio com os colonos do Warnow, quando se vira constrangido a publicar um manifesto em favor de Antunes no seu jornal, apesar de suas ideias contrárias, Hermann bateu à porta da redação do Immigrant e praticamente exigiu que eles também publicassem o desagravo. Assim o texto saiu nos dois jornais, independente de suas posições político-partidárias.

Hermann escreveu também para seu amigo Taunay, colocando-o a par de tudo o que estava ocorrendo em Blumenau, e alertando-o quanto a futuras represálias ao Dr. Fritz Müller. Embora o amigo e influente político não tivesse conseguido impedir a exoneração de Fritz Müller, que aconteceu pouco depois, teve decisiva influência para que ele passasse a receber uma pensão do Imperador após a sua demissão. A comunidade blumenauense ficou indignada com esta demissão, mas o próprio Fritz Müller tinha lá sua parcela de culpa. Seu temperamento irascível, que já lhe causara tantos desgostos, logo se fez notar, pois algumas palavras com as quais não concordou em um artigo do Blumenauer Zeitung, fizeram com que virasse as costas ao seu ardoroso defensor e passou a atacar o partido de Hermann – aos quais chamava causticamente de conservadores – exatamente pelas páginas do Immigrant, que tanto o desancara.

Hermann sentiu-se extremamente magoado com esta atitude do professor e confidenciou a Marie:

- Às vezes penso que estou perdendo tempo aqui em Blumenau, Marie. Estes homens se vendem por tão pouco, mudam suas posições ideológicas como quem muda de roupa... Não sei como conseguem pôr a cabeça no travesseiro e dormir todas as noites!

Marie nada disse, apenas fez um meigo afago em seu rosto cansado e, tomando-o pela mão, levou-o para cama. Estava feliz e tê-lo ali ao lado dela tão cedo, fato cada vez mais raro nos últimos tempos. Hermann se envolvia cada vez de forma mais abrangente na política e nos assuntos públicos de Blumenau, e invariavelmente ficava até bem tarde conversando em rodas de homens sobre os mais diversos e polêmicos assuntos. Agora que estava no final da gravidez, sentia falta de sua companhia e de seu apoio junto a ela. Dormiu feliz sentindo o seu corpo quente até o amanhecer, quando acordou numa poça de água sentindo dores lancinantes no baixo ventre.

- Hermann, acorda ligeiro e vai chamar a minha mãe. Chegou a hora!

Hermann pulou da cama como se a mesma tivesse molas e tomou todas as providências com o nervosismo típico de marinheiro de primeira viagem.

Alfred, um menino guapo e forte, cujo choro se projetou pelas imediações no final da tarde, nasceu vigoroso e saudável. Marie passara relativamente bem e revelara-se boa parideira, para alívio de Hermann, que trazia num canto escuro da mente o pavor pelo sofrimento de sua mãe, que tivera dificuldades enormes em todos os seus partos, chegando a morrer no último. Hermann ainda não se esquecera de seus gritos, seu choro sentido e dos olhos mortícios à luz da lamparina, olhando-os pela última vez pouco antes de morrer. Agora tudo isto ficara para trás, e a alegria de ter seu próprio filho era muito maior. A casa encheu-se de amigos, parentes, conhecidos e curiosos. Auguste dava total apoio e atenção a Marie, juntamente com sua mãe, Christiane. Alfred passou de mão em mão, sendo admirado e apreciado por todos, até que Hermann dissesse, peremptório:

- Chega, chega! Minha mulher e meu filho precisam descansar! Vamos todos comemorar em outro local.

Saíram deixando às mulheres o silêncio da casa e a paz da relativa solidão. Auguste não pôde demorar muito, pois tinha a casa cheia de crianças pequenas. Já Christiane, cuja única preocupação era José, agora já com oito anos, resolveu ficar com a filha, instalando-se com ela no quarto e deixando Hermann solenemente no lado de fora.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Blumenau, 10 de agosto de 1884.

Carta de Despedida ao Imperador D. Pedro II

Senhor,

Vossa majestade imperial se dignou a juntar, às provas da alta benevolência com que me tem honrado e distinguido, ainda o presente do seu augusto retrato.

Agradeço com profundo acatamento e de coração tão preciosa dádiva que, até o fim dos meus dias, será uma das mais caras lembranças, em qualquer parte do mundo a que o bom ou mau fado acaso me levarem ainda.

Hei de legá-lo ao meu filho como estímulo que lhe ensine que, provas tais de benevolência e apreço, não se granjeiam e merecem senão por uma vida longa, honrada e laboriosa.

É esperando e desejando que este atual adolescente, no seu tempo, volte a esta sua pátria como homem instruído e prestimoso, ousou recomendá-lo à augusta benevolência e proteção de vossa majestade, esperando igualmente que dela se torne merecedor e digno, como bom e útil súdito de V.M. e desta cidade.

Retiro-me profundamente comovido desta minha pátria adotiva em que passei os dias mais felizes como também os mais tristes de minha vida. Teria desejado deixar um dia as minhas cinzas no torrão em derramei muito suor, mas tenho que curvar-me aos ditames do destino...

E que as mais benignas estrelas iluminem ainda por longos anos os preciosos dias de V.M. para felicidade e glória de sua augusta família e da esperançosa terra de Santa Cruz.

De Vossa Majestade Imperial o muito reverente e fiel súdito,

Hermann Bruno Otto Blumenau

Quando Hermann acabou de compor a chapa com a carta de despedida do Dr. Blumenau ao Imperador, e que era uma das partes da matéria sobre a sua partida definitiva para a Alemanha, sentiu-se emocionado.

- Apesar de tudo, eu gostava do velho! – Pensou consigo mesmo.

Flagrava-se lamentando a sua partida, principalmente por ter percebido o quanto ele andava alquebrado e acabrunhado com a chegada iminente do dia em que iria embora, de forma definitiva.

- No fundo, acho que o velho esperava que a população de Blumenau fizesse alguma coisa para impedir a sua partida... Ou que a corte imperial arrumasse algum cargo honorífico para instalá-lo definitivamente por aqui... – Conjeturava Hermann, enquanto compunha um panegírico das atividades e méritos de Hermann Bruno Otto Blumenau desde a sua chegada ao Brasil, nos idos de 1850 – bom, mas não adianta lamentar. A vida é mesmo assim!

Os garotos que ganhavam alguns vinténs distribuindo o Blumenauer Zeitung estavam pela cidade anunciando a matéria sobre a partida do velho doutor no mesmo dia em que ele embarcou, triste e cabisbaixo, para a capital onde ainda tinha negócios a tratar antes de sua partida definitiva. Um grupo ficou em terra, abanando lenços brancos e chapéus em homenagem ao fundador da cidade, mas logo a azáfama do dia a dia substituiu o pesar no coração dos blumenauenses e o velho administrador foi esquecido.

Hermann pegou no colo seu pequeno filho Alfred, que acabara de fazer um ano e estava aprendendo a andar, agarrando-se a tudo e a todos para dar alguns passinhos incertos e logo voltar redundantemente ao chão, com um sorriso onde despontavam alguns dentinhos brancos e afiados.

Seus cabelos formavam cachos dourados que saltavam da touca branca de rendas e Hermann, tomando entre os dedos um destes cachos, disse brincalhão:

- Marie, acho que precisamos ter mais um filho e que desta vez seja mulher, para poderes cultivar cachos nela, pois este aqui é muito homem e vou levá-lo para cortar estes cabelos no barbeiro hoje ainda...

- Pois bem, se é assim que desejas, que seja feita a tua vontade... Só não posso afirmar que será mulher!

- Marie, eu estava brincando... E tu, estás falando sério? Estás grávida novamente?

- É isto que estou tentando te dizer, seu tolo! É que quase não paras mais em casa, corrias o risco de só ficar sabendo pelo tamanho da minha barriga, daqui a algum tempo...

Hermann abraçou-a com ímpeto e comemorou feliz:

- Que beleza, *meine liebe!* Deste jeito vamos ter uma beleza de família! Eu vou querer no mínimo uns dez filhos! - Rindo e cantando, arrastou-a para uma valsa imaginária pela casa, até esbarrarem na parede da sala. - Sabe de uma coisa, Marie? Esta casa está muito pequena para nós. Já que vamos ter uma grande família, a casa tem que acompanhar. Vou falar com o teu pai amanhã mesmo, e nós vamos começar a construir no terreno que ele nos deu, lá nos altos da “*Wurststrasse*” (Rua da Linguíça – era assim que a Rua XV era chamada naquela época devido ao seu traçado irregular).

- Mas, Hermann, não será muito ruim para ti sair daqui do *stadplatz* e ir para tão longe?

- Não, querida, tenho que pensar na nossa família. E depois, o teu pai vive dizendo que ali é um lugar de futuro na cidade... Vamos acreditar no tino dele!

No dia seguinte Hermann conversou com o sogro e acertou tudo para o início da construção. Ele iria ajudá-lo, o que viria mesmo a calhar, pois Hermann ainda não terminara de resgatar as ações de todos os beneméritos que haviam ajudado o *Blumenauer Zeitung* a nascer, e tinha isto como seu primeiro compromisso. Nos últimos três anos, tempo de existência do *Zeitung*, já conseguira resgatar muitas ações, mas sempre com muita dificuldade, pois como ele estava sempre na contramão do poder e não tinha papas na língua, vivia sendo boicotado pelos que estavam no mesmo poder, notadamente Antunes, que continuava possuindo muita influência sobre a cidade e nunca conseguira engolir o episódio do Warnow e os ferinos artigos que Hermann publicava no jornal. Fora isto, o jornal *Immigrant*, no qual o engenheiro tinha interesses e de que era defensor ferrenho, nunca chegou a cair completamente no agrado de toda a população da cidade. No entanto, mesmo com todas as dificuldades, a moradia foi sendo construída, com um anexo para o funcionamento da tipografia. Marie não cabia em si de contente. Estaria tão perto da casa de sua família que o contato era visual. Logo que as obras iniciaram, e aproveitando-se do fato de que ainda não estava volumosa devido à gravidez, plantou inúmeras mudas de roseira branca e perfumada da qual tanto gostava, enquanto José, seu irmão mais novo, cuidava do pequeno Alfred. José passava cada vez mais tempo em sua casa e eles estavam se dando muito bem, mal se lembrando do tempo em que brigavam e discutiam como cão e gato. José ajudava a cuidar do menino Alfred e Marie tinha mais tempo para os afazeres da casa e até a participação semanal no *kraenzien* que formara com sua mãe, tias e algumas outras senhoras da cidade. Neste encontro semanal bordavam, conversavam, fofocavam e sempre saboreavam alguma nova receita que uma delas havia executado. Marie era muito feliz e aceitava plenamente a vida agitada do marido. Sabia que ele estava se tornando cada vez mais importante e havia sido educada e treinada pela mãe, para entender e até gostar desta situação. Agora que moraria perto dela, então, sentia-se realizada. A gravidez passou célere e feliz, sem complicações. Marie continuou executando todas as suas tarefas e sentia-se plena, completa.

- É porque vais ter uma menina... – Comentavam as mulheres em volta dela, quando ela contava como se sentia. Hermann também tinha esta convicção, e cada vez que chegava a casa, afagava seu ventre, a cada dia mais volumoso e dizia:

- Como vai a nossa pequena princesa?

No final daquele ano de 1884, mudaram-se para a nova casa e Marie ficou feliz, pois seu próximo parto seria ainda mais tranquilo, com a presença constante de sua mãe. O pequeno José foi mantido por perto da casa dela, para correr e avisar quando chegasse a hora, pois Hermann continuava

chegando muito tarde e agora, com a distância até o *stadplatz*, as coisas haviam complicado um pouco. Diariamente ele descia a *Wurststrasse* com a sua espingarda à bandoleira, aproveitando para caçar nhambus, urus, lebres e cotias cuja profusão era enorme naquela região. A maior parte dos moradores de Blumenau ainda aproveitava a abundante caça da região para completar a alimentação doméstica, sempre carentes de carnes. Marie estava criando, junto à casa nova, algumas vaquinhas, mas seu objetivo principal era a ordenha e a manufatura de derivados do leite, importantes para as crianças.

Uma amizade para toda a vida – 1885

O calor forte e insistente daquele dezembro fez com que Hermann chegasse ofegante ao *stadplatz* naquela manhã, e logo viu Anton correr para ele, com o novo exemplar do *Immigrant* entre as mãos.

- Hermann, já leste a edição de hoje do *Immigrant*? Olha só que novidade!

Anton referia-se à matéria de capa, que anunciava em letras bombásticas a visita do Conde D'Eu à cidade ainda naquele ano. Em tom ufanista que a Hermann pareceu o mais abjeto, o artigo do jornal reputava esta como a mais importante visita da década, salientando que toda a comunidade deveria esmerar-se para receber com as maiores honrarias a principesca visita.

- Palhaços, covardes, servis! Chamar a este homem de “a visita mais importante da década” é espancar a nossa compreensão e enlamear a nossa honra. Aqui estamos até hoje, vivos e prósperos, não graças a eles mas, apesar deles, de toda esta corja que se abriga às sombras do trono imperial. Eu só tenho a dizer o seguinte: viva a República!

Hermann saiu como louco para a redação do *Blumenauer Zeitung* e escreveu um artigo dos mais ácidos, condenando o ufanismo em torno da visita do nobre príncipe. Há menos de um mês o Dr. Taunay estivera na cidade, para agradecer a expressiva votação que recebera daquela comunidade à sua recente candidatura a deputado pelo partido conservador, muito embora não tivesse conseguido se reeleger, e as comemorações tinham sido muito mais tímidas. Para Hermann isto era inadmissível, pois Taunay fizera muito mais pela cidade do que aquele príncipe jamais sonhara fazer.

Os dois jornais terçaram armas e trocaram “tiros” ideológicos de calibre cada vez mais grosso, até a disputa chegar num nível quase intolerável. Diante do sucesso da visita do Conde D'Eu, Hermann escreveu, num artigo algo cético e decepcionado, que “o povo não resiste ao brilho da monarquia e ao poder temporal, legitimando aquilo que já devia estar sepultado em nome da modernidade e da justiça”. Seu artigo repercutiu e foi tanto condenado quanto admirado, ambos os sentimentos em altas doses. Do *Immigrant* partiram artigos venenosos que faziam ofensas pessoais a Hermann, devolvidos com igual virulência pelo *Zeitung*.

Hermann sopesava a alegria com a família que crescia com a chegada da pequena Lianna e a decepção com tudo o que estava acontecendo. Apesar dos muitos amigos que o defendiam, os artigos virulentos e caluniosos faziam seu trabalho insidioso, e muitos dos antigos anunciantes que garantiam a sobrevivência do *Zeitung* tinham retirado seus anúncios, criando uma situação difícil para o jornalista naquele início de 1885. O clima deixava-o ainda mais desanimado e, logo cedo, ele partia para o centro a fim de evitar o calor brutal que atingia o seu pico depois das onze horas da manhã, apesar do verão já ter terminado há algum tempo. Caminhando pela picada que corria lateral ao rio Itajaí-Açu, saboreava a brisa que amainava um pouco o calor hediondo quando viu chegar, às margens do rio, a embarcação a vapor que ligava Blumenau ao resto do mundo. Encostado a um enorme flamboyant que emprestava sua sombra ao improvisado porto, observou os passageiros que saíam do vapor. Eram na sua maior parte blumenauenses que iam comercializar seus produtos ou realizar negócios diversos no Desterro ou em outras colônias da região. No entanto, logo uma pessoa chamou a atenção de Hermann, tanto pela figura diferente quanto pelo porte altaneiro e simpático. Hermann admirava-se de que um homem de pele negra viesse ter por ali, naquela colônia onde sobravam olhos azuis e peles brancas como leite. Acostumado a ver negros apenas vestidos com os andrajos típicos dos escravos, admirou-se da elegância impecável dele, vestido como um verdadeiro cavalheiro. Suas malas eram também de primeira qualidade, deixando a impressão de que tinha posses. Seu rosto, apesar da cor negra, tão diferente do usual naquelas paragens, tinha uma beleza de traços que causou admiração a Hermann. O rosto era cheio, de olhos severos, porém bondosos, e a boca traduzia uma firmeza de caráter confirmada pelo basto e bem cuidado bigode, onde pontuavam alguns fios brancos. O cabelo era cortado à escovinha e penteado para trás com

goma, dando-lhe um ar de ordem e asseio impecáveis. A gravata estava irretocavelmente amarrada ao pescoço e completava a elegância do seu traje sóbrio e limpo.

O instinto jornalístico de Hermann falou tão alto quanto a impressão agradável que a simpatia fisionômica do homem espalhava. Ele se aproximou e, apresentando-se, perguntou cortesmente ao cavalheiro o que o trazia a Blumenau:

- Muito prazer senhor. Sou Hermann Baumgarten, proprietário do jornal da cidade e me sinto honrado em ser o primeiro a recebê-lo em Blumenau. Mas que bons ventos o trazem aqui, senhor...

- Sou José Bonifácio da Cunha, e venho do nordeste do país, do Estado da Bahia. Sou médico e acabo de participar de uma expedição à região norte do Brasil, onde infelizmente contraí malária. Aconselharam-me o clima ameno desta região para a minha recuperação, e cá estou... Na verdade, estou fascinado com as peles claras e olhos azuis deste povo... Quanta beleza!

- Pois seja muito bem-vindo, e vamos tomar um trago de *schnaps*, que já é tradição para molhar a garganta dos viajantes que aqui chegam. Venha comigo!

Desde aquele momento, estava selada uma das maiores amizades da vida de Hermann. Afeiçãoou-se àquele médico quase estrangeiro em terras de costumes tão europeus e cuja cor causou, durante largo tempo, muita estranheza nos moradores locais. Bonifácio Cunha, no entanto, tinha excelente índole e muita cultura, o que fez com que, a pouco e pouco, conquistasse toda a população de Blumenau. Sua atuação dedicada como médico e sua vontade de se integrar à sociedade local lhe granjearam a simpatia de quase todos e a admiração de muitos que tiveram suas vidas salvas graças ao seu zelo e cuidado.

Hermann e Bonifácio tinham por hábito encontrar-se todos os dias, ao final da tarde, para conversar e trocar ideias. Muito do desânimo de Hermann em relação à sua comunidade desapareceu em contato com as ideias e opiniões esclarecidas do amigo, que clareava pontos até então obscuros na compreensão do jornalista. Durante uma de suas conversas, Hermann confidenciou a Bonifácio o seu fascínio pela música:

- Desde pequeno que eu amo a música, e gostaria de tocar um instrumento! Mas tive que me concentrar no meu objetivo principal, que era o jornal, e nunca tive tempo de aprender... Como eu lamento isto agora!

- Pois eu lhe proponho uma troca, Baumgarten. Você me ensina alemão e eu lhe ensino a tocar flauta e violoncelo, que são instrumentos que eu domino bem. Que tal, aceita? Podemos até fazer um conjunto e tocar por aí...

- Mas é claro que eu aceito! Por que não me disseste antes que sabias tocar instrumentos musicais?

- Porque não sabia do seu interesse. Eu não toco apenas flauta e violoncelo, tenho noções também de violino, trombone, pistão e alguns outros instrumentos. E também tambor, é claro! Afinal de contas, não poderia renegar minha raça! Sempre me interessei pela música e todas as suas manifestações, isto está na alma dos meus ancestrais, que são um povo muito musical!

A partir daquele dia as aulas foram quase diárias, e os dois alunos eram muitos mais do que esforçados. Hermann em algumas semanas já “arranhava” algumas músicas mais simples, enquanto Bonifácio Cunha formava frases inteiras no idioma alemão e repetia-as exaustivamente, até memorizar a pronúncia exata. Chegou a falar alemão com uma perfeição admirável, nada ficando a dever aos filhos e natos dos emigrados.

Em pouco tempo começaram a tocar juntos, e executavam bonitos números musicais em dueto, Hermann tocando flauta e Bonifácio Cunha, violoncelo. Os ensaios começaram a acontecer na casa de Hermann, e eram sempre assistidos pelo pequeno Alfred, que demonstrava adorar música.

- Estás vendo só, Bonifácio? Este é meu filho mesmo! Logo, logo vai estar também tocando algum instrumento e garanto que, quando crescer, será jornalista como eu... Aliás, quando eu tiver uma tropa de filhos nem vou precisar mais me incomodar... Eles vão tocar o meu jornal e eu vou ficar de papo para o ar, aproveitando a vida...

- Só quem não o conhece poderá crer nisto! Não aguentaria nem uma semana na inatividade e eu teria que tratá-lo, no meu consultório, de “banzo”!

- *Banzo*... Que doença é esta da qual eu nunca ouvi falar?

- Esta é uma expressão típica da raça negra. Diz-se que os negros, quando levados para longe de seu país, são acometidos de uma tristeza que pode até levar à morte, e a esta tristeza dá-se o nome de “banzo”... Pois se você parar de trabalhar e tocar o seu amado Zeitung, garanto que vai sofrer desta mesma tristeza!

Sorrindo por perceber o quão profundamente seu amigo o conhecia, Hermann buscou a pequena Lianna, apenas um bebê de colo, cujo rostinho mimoso despontava no meio das rendas e fitas brancas e pediu a Bonifácio:

- Toca alguma coisa bem suave para a minha pequena princesa. Eu quero que ela se acostume com a música desde já, pois um dia formaremos uma orquestra só com a família... E tu também, é claro, pois és o nosso mestre!

Bonifácio executou uma valsa suave na flauta e Lianna abriu bem os luminosos olhos azuis, que brilhavam como pedras preciosas no rosto delicado, como se estivesse entendendo. Alfred, observando a reação da irmãzinha, comentou com inocência:

- Lilly gostou da música, *papa!*

- Lilly, de onde saiu este nome? – Perguntou Hermann que não tinha o hábito de dar apelidos. Bonifácio emendou:

- Pois eu acho que este apelido tem tudo a ver com esta “bonequinha”. Este rosto de porcelana precisa mesmo de um nome suave para combinar...

- Então está resolvido... De hoje em diante esta é a Lilly! – Emendou Alfred orgulhoso com a sua invenção.

No final daquele ano Blumenau sofreu uma grande reviravolta política, um reflexo do que estava acontecendo em todo o país. Os conservadores assumiram o poder e praticamente todos os cargos públicos trocaram de ocupantes. Com isto Hermann viu-se em situação mais cômoda, pois pela primeira vez estava do lado da situação. O odiado Antunes e sua corja foram afastados definitivamente e logo apareceu em Blumenau um novo chefe para a Comissão de Terra e Colonização. Era Victorino de Paula Ramos, pessoa com a qual Hermann se deu muito bem e, juntamente com Bonifácio Cunha, formou uma tríade que lutava, de diferentes trincheiras, pelo sucesso e crescimento de Blumenau. Hermann usava o jornal como ponta de lança de suas ideias, Bonifácio Cunha atuava através da medicina e da política e Paula Ramos tinha o cargo e a autoridade ao seu lado. Embora viessem a ter algumas divergências políticas, foram também grandes amigos e companheiros de ideal.

Anos conturbados

- É, Baumgarten, você tinha mesmo razão em todos aqueles artigos defendendo a abolição da escravatura. Não pensei que a coisa ia acontecer tão rapidamente! – Declarou feliz Bonifácio Cunha enquanto levantava o copo de cerveja, num brinde mudo e solene a toda a sua raça, recém-libertada em ato da Princesa Isabel.

- Não era necessário ser adivinho para perceber que isto era apenas questão de tempo. Só a casta de fazendeiros rica e acomodada é que ainda estava lutando contra um fato que já estava, por assim dizer, consumado! E a república também vem por aí, escute o que eu digo! Não que uma coisa tenha necessariamente que ver com a outra... São os tempos e a modernidade, meu caro amigo! Quando fui aprender o meu ofício de jornalista no Rio de Janeiro, há onze anos, já se falava em libertação dos escravos e já se tratava disto em muitas rodas políticas da capital onde eu circulei.

Onze anos haviam se passado. Subitamente Hermann parou para medir suas palavras e percebeu quanto já tinha vivido e tudo o que já tinha passado em sua vida, desde aqueles longínquos tempos de cumplicidade com a bondosa madrastra Auguste para ir estudar na capital. E o seu estágio em Porto Alegre, onde deixara o irmão Karl Julius... Há quanto tempo não via o querido irmão...

Seus pensamentos fugiram em busca de uma época remota, des preocupada e feliz!

Agora, em maio de 1888, já estava casado há seis anos e tinha quatro filhos: Alfred, o primogênito; Lilly, a primeira filha mulher; Hermann Leopold, que nascera em 1886 e Julius, que acabara de nascer e era apenas um bebê de colo mamando gulosamente no seio da mãe. Desde o primeiro dia parecera-se muito com seu avô, Karl Julius. Tinha o mesmo rosto comprido e os olhos um pouco tristes, circunspectos. Marie florescia em vida e amor rodeada dos seus quatro filhos e de toda a trabalhadeira que tinha para administrar a casa e a criançada. Era exímia costureira, e as crianças vestiam-se com apuro e o esmero das roupas feitas por ela mesma. José, seu irmão menor, que tinha agora treze anos estava constantemente por perto e era de grande ajuda para a irmã e os sobrinhos.

Seu pai, Karl Julius, agora com cinquenta e seis anos, tinha os cabelos totalmente embranquecidos, uma lembrança dos tempos rudes da colônia. Mas continuava exercendo o cargo de juiz de paz com rigor e justiça impecáveis. Escrevia constantemente no jornal do filho longos artigos sobre a situação política atual e sobre a Alemanha, sua saudosa terra natal. Nunca pudera voltar para lá, e hoje já não desejava mais este retorno. Sua pátria era definitivamente o Brasil, em cujo solo amado e perfumado deitara raízes. Confidenciara ao filho algumas vezes, entre risadas e goles de chope, que se aparecesse agora na sua terra natal, provavelmente seria chamado de “*demônio da floresta*”, devido a sua longa permanência em terra estranha e exótica. Auguste continuava sendo a verdadeira dama da família, cuidando da sua extensa prole de sete filhos e ainda integrada em muitas das atividades sociais da cidade. Até seu velho avô, Peter Wagner, continuava vivo e forte. Quando vinha à cidade era até engraçado de ver: trazia a mulher Frederike por um braço e no outro a filha Dorothea, que continuava disputando a autoridade da casa com a madrastra da mesma idade. Frederike engordara muito devido aos sucessivos partos (eles tinham treze filhos) e parecia uma matrona flutuando num enorme vestido verde. Dorothea, no entanto, era magra e, com a idade, ficara empedernida como couro seco. Ela lembrava a Hermann a saudosa mãe e sempre lhe causava uma estranha emoção.

Blumenau também continuava crescendo em saltos de progresso. Já há dois anos havia sido criada a sua Câmara Municipal, e através dela introduzidos muitos melhoramentos no município. Hermann seguia como paladino das causas em que acreditava, escrevendo com um destemor que impressionava até mesmo seus desafetos, admirados da coragem quase imprudente do alemãozinho. O ano de 1888 foi de total efervescência política, e crescia no ar o movimento pró-república. Hermann irradiava as suas opiniões republicanas aos quatro ventos, sem medo de represálias. Embora fosse admirado, era antes temido pela sua pena irada e sincera. Era comum vê-lo nas sessões da Câmara Municipal ou do Júri, anotando tudo para depois narrar os fatos, perpassados de sua visão das coisas. Quando Flores Filho, o presidente da Câmara blumenauense, negou-se a

aceitar o juramento do vereador Lunghershausen, recém-eleito, alegando que o mesmo não falava corretamente o português, escreveu um artigo iracundo contra o mesmo, não poupando nem mesmo sua família nos comentários irônicos e críticos. Hermann defendia com fidelidade canina a importância da imigração germânica no crescimento de Blumenau, e ficava profundamente ofendido com qualquer manifestação de preconceito, fosse contra quem fosse. Em outra ocasião, escrevendo sobre o julgamento de Christina Karsten, que mandara o amante Frederico Franz matar seu marido, criticara com dureza a atitude de alguns circunstantes, que haviam feito chacota do casal condenado. Sem defendê-los, considerava um desrespeito, acima de tudo, para com o tribunal. Dando os nomes dos elementos cujo comportamento exprobrava, tornou público o seu vexame. Quando a república foi proclamada em 1889, as grandes e fundas mudanças que isto trouxe à vida cotidiana do cidadão brasileiro não pegaram Hermann de surpresa, uma vez que as defendia já há tempos: o sistema federalista, a separação do Estado e da Igreja, a elevação das províncias para estados autônomos e muitos outros pontos da república eram sua ponta de lança há muito tempo. Escrevera sobre todas elas no seu jornal, explicando com veemência a importância de cada uma delas na melhoria de condições de vida de cada brasileiro. Embora a República tivesse vindo pelas mãos do Partido Liberal, Hermann continuava defendendo suas posições de maneira suprapartidária. O ano de 1889 para ele foi mais importante pelo nascimento de sua filha Frieda do que por toda a agitação republicana. Embora a grande maioria dos arraiais brasileiros tivesse ficado completamente desorientada quando a república foi proclamada, Hermann reagiu com calma e fleuma britânicas, bradando que era apenas uma questão de tempo para que tudo aquilo acontecesse. Como ele havia predito...

Sentados num banco à beira do rio Itajaí-Açu, saboreando a brisa da tarde que soprava sobre o quintal da sua casa, Hermann e Bonifácio Cunha conversavam sobre a campanha daquele à presidência da Intendência de Blumenau. O calor do final de ano expulsara-os de dentro da oficina do Blumenauer Zeitung e fizera-os procurar um local mais ameno para as suas conversas. O local escolhido foi um banco, colocado embaixo da enorme figueira que projetava a sua sombra sobre a construção branca e sólida onde Hermann morava e trabalhava, na área anexa onde funcionava a sua tipografia. O quintal de sua casa era densamente arborizado, e isto Hermann tinha a agradecer a Marie, uma verdadeira ecologista. Na ocasião em que a casa fora construída ela defendera a permanência das árvores com unhas e dentes, e elas acabaram ficando ali, e hoje garantiam uma boa parcela do frescor que saboreavam todas as tardes. Em meio à densa ramagem verde escura, sobressaíam-se flores de diversos matizes e perfumes cultivadas por ela com todo o zelo. Num pequeno barranco que ficava bem defronte à sua oficina observava Marie passear com o pequeno Julius no carrinho todas as tardes, quando o sol estava mais fraco e ameno. Muitas vezes, como naquele dia, todos os filhos vinham junto e aproveitavam também o frescor que o vento trazia do rio, em cujas margens ficava a propriedade deles.

- Sabe de uma coisa, Bonifácio? Preciso conseguir um fotógrafo que venha tirar um retrato de nossa família bem aqui, com estamos agora. Nada de retratos posados em cenários suntuosos, eu quero eternizar esta paisagem, esta vivência que estás vendo agora...

- Pois eu posso te ajudar! Hoje atendi um homem que veio lá das Gerais e possui todo o equipamento necessário para tirar retratos. Uma verdadeira modernidade! Ele veio até mim porque ficou doente em viagem, e permaneceu em repouso hoje, mas amanhã será liberado. Então posso trazê-lo aqui no final da tarde para fazermos o tal retrato que desejas!

- Ótimo! Então está combinado para amanhã. E quanto à campanha, Bonifácio, nem precisas te preocupar. O povo te adora, pois és realmente um benemérito. Fazes tanta caridade com a tua medicina que é só divulgar que és candidato, para que todos votem em ti!

- Não sei não, Hermann. Acho que estás confiante demais!

O tempo provou que a confiança de Hermann tinha razão de ser. Bonifácio Cunha foi nomeado presidente da Intendência Municipal, que substituiu a Câmara em 18 de janeiro de 1890 e eleito deputado para a Assembleia Constituinte Estadual juntamente com Vitorino de Paula Ramos em março de 1891.

Ambos puderam fazer muito por Blumenau, uma vez que mantinham boas relações com o Tenente Lauro Müller, governador nomeado para Santa Catarina. Blumenau passou a ter telégrafo, o que era uma imensa alegria para Hermann, admirador de toda e qualquer novidade. Além disso, passou a receber notícias da capital com mais presteza, atualizando assim o *Blumenauer Zeitung*.

Já há alguns anos vinha se travando uma guerrilha particular em Blumenau através dos dois principais jornais da cidade: *Blumenauer Zeitung* e o *Immigrant*. Era uma espécie de guerra santa, que travavam católicos e luteranos. O principal moto desta batalha era o Padre José Maria Jacobs, um briguento incorrigível. A cada domingo, durante a missa, ele arrumava nova encrenca despejando irados improperios contra qualquer cidadão que, na sua visão, houvesse despertado a “ira divina”. Não contente com a humilhante prédica, escrevia longos artigos publicados sempre no *Immigrant*, reiterando as palavras do sermão. O acusado, invariavelmente, usava as páginas do *Blumenauer Zeitung* para se defender e acusar o padre por sua conduta inadequada a um pároco. A ira do padre contra os imigrantes era também grande, embora fosse ele mesmo alemão. Invektivava violentamente contra o casamento civil, que chamava de “união de cães”, ofendendo publicamente quem ousasse cometê-lo. Com estas posições batia de frente com Hermann, que não economizava palavras para desancar a conduta do padre. Com a proclamação da república, os atos civis como casamento, registro de nascimento e óbito tornaram-se obrigatórios e complicou-se a situação do padre. Agora invektivava contra alemães, maçons, empreendedores, autoridades constituídas na nova república, e casos particulares com os quais invocava, despertando todo o tipo de ira contra a sua pessoa. Fundou um Partido Católico e incitava os seus fiéis a se filiarem a ele, chegando a causar brigas e rupturas entre familiares por causa de sua pregação que beirava o fanatismo. Com esta atividade política não demorou a bater-se de frente com Bonifácio Cunha, que era republicano de primeira hora. Partindo para ofensas pessoais que não poupavam nem a raça do intendente, acabou atraindo a total antipatia de uma larga parcela da população. Tantas atividades quase subversivas lhe valeram a perda do direito de utilização do terreno onde instalara a sua paróquia, cedido em comodato e cujo prazo já expirara há tempos. Até então ninguém fizera nada para retomá-lo, mas tanta provocação acabou fazendo com que se tornasse “*persona non grata*” e a retomada do local servia de instrumento de pressão para forçar a sua retirada da cidade. Resistiu com armas à retomada da propriedade, o que fez com que o intendente convocasse as forças policiais para enfrentá-lo. Nem assim ele se intimidou, e Bonifácio Cunha recuou com medo de um derramamento de sangue. O vigário intransigente chegou a ser condenado à prisão, mas escapou dela por interferência de Hercílio Luz e Peter Christian Feddersen. Tantas brigas, no entanto, minaram a sua força e acabaram fazendo com que partisse de Blumenau.

Dos seus defensores, Hercílio Luz era o que mais se destacava. Chegara a Blumenau para substituir Paula Ramos, que fora promovido e se mudara para o Desterro. Sua chegada havia assustado a “turma de Hermann”, ou seja, os republicanos, pois o mesmo era primo e cunhado de Elesbão Pinto da Luz, líder do Partido Federalista. Mas Hercílio mostrou-se republicano de primeira hora, e seus atos posteriores vieram a confirmar esta postura política. O ano de 1891 foi particularmente trabalhoso para Bonifácio Cunha, pois além de intendente era médico e teve que lutar incansavelmente contra a disenteria, que grassava em toda a região.

Já Hermann envolveu-se visceralmente em uma questão religiosa dentro da Igreja Luterana, que tinha como foco a mudança dos estatutos da comunidade, vinculando-as ao Conselho Superior da Igreja de Prússia. Para republicanos de pensamento liberal em geral, esta atitude tinha um ranço ditatorial intolerável, e os protestos foram gerais. O presidente do Conselho Comunitário, Sr. Wilhelm Scheefer, foi praticamente massacrado em diversos artigos, tanto assinados quanto anônimos, que apareceram nos dois jornais. Da disputa saíram chamuscados tanto o presidente do conselho quanto Fritz Müller, que adorava uma briga ideológica e acabou entrando na disputa através de inúmeros artigos. Acabou sendo rotulado como ateu, o que despertou outra contenda ideológica com artigos nos dois jornais. A disputa foi tão longe e os artigos de resposta cada vez mais volumosos, que Scheidemantel, diretor do *Immigrant*, acabou criando, daquele incidente, a famosa matéria paga. Publicou no seu jornal que, daquela data em diante, as “respostas” e “esclarecimentos” deveriam ser pagos a razão de duzentos réis a palavra. É claro que o seu objetivo

não era outro senão acabar com a contenda, até porque estava sendo pressionado pelos seus acionistas a se posicionar contrário ao que pensava, mas seus objetivos não foram alcançados. Os artigos, réplicas e tréplicas intermináveis continuaram se sucedendo, levando-o inclusive a suspender a publicação do *Immigrant*.

As conversas de final de tarde, à margem do rio, entre Hermann e Bonifácio tiveram que ser suspensas, bem como os ensaios e pequenos recitais musicais noturnos, que agora só aconteciam de raro em raro. Ocupados e envolvidos na política local, ambos tinham cada vez menos tempo.

Em 23 de novembro de 1891 o Marechal Deodoro da Fonseca renunciou ao governo depois de intentar um golpe no Congresso, dando posse ao seu vice, Marechal Floriano Peixoto. Este foi o fermento que levedou a revolução federalista, que aconteceria dois anos depois, após muitas escaramuças em diversos estados da federação. Em todos os estados aconteceram alterações da ordem e tentativas de golpe, e em Santa Catarina não foi diferente. Um grupo de oposicionistas (os chamados federalistas) tentou depor Lauro Müller e acabou logrando sucesso, embora até de Blumenau seguissem reforços em sua defesa. Uma junta governativa tomou o poder em Desterro e decretou dissolução do congresso e intendências municipais, para a qual Bonifácio Cunha fora eleito em Blumenau. Em vários municípios surgiram núcleos de resistência, (os chamados legalistas) notadamente Blumenau, Tijucas e Brusque. Este foi um período delirante para Hermann e todo o grupo legalista de Blumenau, pois tiveram que virar soldados, sem quartel e conhecimento militar, imbuídos do firme propósito de defender a sua terra. Bonifácio Cunha resistia bravamente à sua deposição, apoiado por um grande grupo de blumenauenses. Enfrentaram a polícia diversas vezes, defendendo seus pontos de vista. Naquela tarde de abril de 1892, estavam todos reunidos no jardim de Hermann, sentados sob as sombras das frondosas árvores, deliberando sobre a questão.

- De maneira nenhuma debes renunciar, Cunha! Todos nós temos que resistir e mostrar a estes brasileirinhos que temos fibra! – Bradava August Müller, que integrava a Câmara Municipal.

- Só acho que agora não é mais hora de resistência armada. Por bem ou por mal, já reconhecemos o novo governo estadual. A única coisa que não queremos é engolir o Dr. Fritz Müller como intendente. Se os soldados vêm aí, deixemos que venham... O dinheiro eu mesmo já deposei na Caixa Econômica e de tal forma que eles não conseguirão retirá-lo! – Declarou Bonifácio Cunha orgulhoso, referindo-se à ameaça que chegara naquela tarde por despacho telegráfico comunicando que no dia seguinte chegaria uma tropa de soldados proveniente do Desterro, com a missão de empossar pela força a Intendência nomeada.

- Eu prefiro renunciar a aceitar esta imposição. Quem eles pensam que são? Não conhecem a nossa realidade para nos “enfiar goela abaixo” nomes que não estão legitimados pelo povo para exercer a liderança. Sou pela resistência máxima! – Rugia irado Gustav Salinger.

- Eu vou denunciar todas estas “falcatruas” e arbitrariedades do novo governo no *Blumenauer Zeitung*, podem deixar! O povo vai ficar sabendo de tudo, ou não me chamo Hermann Baumgarten! Hermann levou sua afirmação ao pé da letra e, embora a nova intendência tivesse sido empossada à força e permanecesse no poder, despejava artigos cada vez mais irados contra este estado de coisas. O intendente nomeado havia sido Fritz Müller, que era outro encrenqueiro de marca maior. O resultado foi que a intendência criou um órgão oficial de imprensa que se chamava “O Município”. Os legalistas revidavam os artigos tendenciosos da situação através do *Blumenauer Zeitung*. No final daquele ano, por ocasião das eleições para a Câmara Estadual, abstiveram-se de participar, certos de que os resultados seriam manipulados. No início do ano seguinte, (1893) na eleição para a nova intendência municipal, participaram e impuseram amarga derrota aos federalistas. O resultado é que a eleição foi anulada. Este fato se repetiu em vários estados brasileiros, causando indignação geral. A já complicada política nacional fervia num caldeirão de ódios e rivalidades, temperada pela atitude radical de Floriano Peixoto, que se recusava a ratificar, nas urnas, a sua aprovação ao governo federal. Hercílio Luz e Bonifácio Cunha, com Hermann Baumgarten na retaguarda, eram incansáveis na luta pela legitimidade das eleições, chegando até a atitudes extremas. A situação tornava-se cada vez mais grave.

Hermann veio correndo pela picada arborizada da *Wurststrasse* e, já do jardim, chamou Marie em tom de urgência na voz:

- Marie, vem ligeiro! Larga tudo o que estás fazendo e arruma as malas com a roupa das crianças e alguma coisa para ti! Vou levar-te para a casa de uns amigos meus, lá para os lados de Altona. Vamos, não perde mais nenhum minuto!

- Hermann, o que aconteceu? – Marie estivera dando de mamar ao pequeno Ricardo, que nascera no ano anterior, e olhou assustada pela janela da casa.

Hermann entrou como uma tempestade e disse-lhe, com a expressão do rosto crispada de preocupação:

- Foi lavrado um auto de prisão contra nós, com base na agressão que o Hercílio cometeu contra o juiz de direito. Nós bem que avisamos a ele que estava exagerando... Bater na cara do homem... Mas ele tem um sangue quente e um pavio curto como nunca vi igual! Agora, usando isto como desculpa, vamos todos ser presos, e eu quero a minha família longe daqui! Tenho medo das represálias que podem cometer contra vocês, se e enquanto eu estiver preso!

- Hermann, pelo amor de Deus. Eu só vou se tu fores junto! Fica conosco escondido até tudo isto passar!

- O que estás me dizendo, Marie? Fugir como um condenado e admitir uma culpa que não tenho? Tudo o que eu disse e escrevi é a mais pura expressão da verdade, e não vou renegar tudo agora com uma atitude covarde e pusilânime destas. Não! O povo precisa de mim à frente do jornal, esclarecendo tudo o que está acontecendo!

- Mas preso não vais poder escrever nada!

- Ora, Marie, fica descansada. Não é a mim que eles querem, a imprensa livre faz parte de qualquer regime político. O alvo deles é o Cunha e principalmente o Hercílio, que são verdadeiros líderes do povo. A mim eles logo vão deixar em paz!

Hermann colocou Marie e seus seis filhos numa carroça coberta com uma lona tosca e seguiu viagem para o interior do município, logo se embrenhando no matario semi-virgem que circundava Blumenau. Depois de algumas horas de trote afogueado, chegaram ao destino: a propriedade de Gotlieb Reif, na região de Altona. Este alemão de fibra e coragem reconhecida por todos mantinha ali uma propriedade onde fazia funcionar uma atafona, moendo milho e fornecendo fubá e farinha para toda a região. De longe avistaram sua mulher, Katarina, que era uma mulherona enorme e de ar bonachão, tratando as galinhas com milho amarelinho e brilhante. Ela veio ao seu encontro e, sem fazer perguntas, foi ajudando a retirar da carroça as crianças, seguindo com elas para a cozinha, onde tirou de cima do enorme fogão de lenha um tacho cheio de leite fresco. Foi distribuindo o líquido em canecas e dando às crianças, que o tomavam sôfrega e alegremente. Enquanto isto, Hermann foi até a moenda e voltou acompanhado de um homem de porte atarracado e ar arrogante. A segurança que emanava dele era tanta, que chegava a impressionar. Seu olhar era duro, metálico e incisivo, e Marie preferiu virar-se e seguir para a cozinha, enquanto os homens conversavam.

À noite, depois de um delicioso jantar no qual saborearam um cozido feito naquela tarde por Katarina, Hermann e Marie sentaram-se à varanda para conversar, pois no dia seguinte, Hermann pretendia partir muito cedo.

- Marie, não te preocupa! Assim que as coisas estiverem mais calmas venho te buscar. Os Reif são gente boa, é uma família de honra e respeito, e vocês todos vão ficar muito bem!

- Hermann, pelo amor de Deus, te cuida bem! Não pretendo ficar viúva tão cedo, está bem?

- Claro que não, *meine liebe*! Te esqueceste que ainda vamos ter mais uns quatro filhos? Assim que toda esta guerra passar, vou dedicar mais tempo à minha família!

Sorrindo sem acreditar na promessa, Marie beijou o marido, num dos seus raros arroubos de paixão. Amaram-se intensamente e dormiram abraçados como nos primeiros tempos de casados.

Na manhã seguinte, antes de o sol despontar, Hermann já estava montado no alazão mais valente da parrelha que trouxera a carroça, rumo a Blumenau. O veículo ali ficaria para o retorno da família. Chegou a Blumenau por volta do meio-dia e tomou pé da situação: o mandato de prisão incluía, além dele: Bonifácio Cunha, que já estava preso; Hercílio Luz, que estava sumido desde a noite anterior; Manoel dos Santos Lousada, Francisco Margarida, Francisco Silveira, August Schulte, Otto Moldenhauer, seu cunhado Fides Deeke e mais alguns legalistas da cidade, inclusive Paulo Zimmermann. Naquela mesma tarde foi preso e levado para a cadeia juntamente com os colegas.

Ao anoitecer, os soldados jogaram brutalmente na cela Hercílio Luz, que assim que soube da prisão dos colegas voltara à cidade e aguardara em sua casa a chegada dos policiais. Depois de alguns dias de fome e maus-tratos, Hermann foi solto juntamente com mais alguns dos seus amigos que estavam presos, inclusive seu cunhado Fides Deeke. Bonifácio Cunha, Hercílio Luz e Santos Lousada, no entanto, que eram o verdadeiro alvo daquela prisão arbitrária, foram removidos para o Desterro, e só retornaram a Blumenau em junho daquele ano, depois de uma imensa batalha jurídica. Se o governo imaginava que, prendendo Hermann, conseguiria amedrontá-lo, cometeu uma ação infeliz. Catapultado à ira devido à injustiça cometida, Hermann recrudescer sua ação de protesto através do jornal, escrevendo a cada dia com renovada paixão contra os federalistas. Estes acabaram comprando o velho Immigrant, que estava desativado, com o fito de usá-lo na defesa de seus interesses políticos, mas só conseguiram sustentá-lo por alguns meses. Ainda naquele ano o Pastor Hermann Faulhaber adquiriu a tipografia e começou a impressão do jornal, agora denominado “*Der Urwaldsbote*”, mas este continuou em oposição clara ao Blumenauer Zeitung e ao legalismo defendido por ele.

Aquele foi um ano febril e tenso para todo o Brasil, com claros reflexos sobre a apaixonada população de Blumenau. A revolta Federalista grassava por todo o país, tendo partido do Rio Grande do Sul, onde os caciques políticos não aceitavam a deposição de Julio de Castilhos e a perda do poder. No fundo, a disputa continuava sendo entre a velha elite do Partido Liberal dos tempos do Império e os Republicanos históricos, agora integrantes do Partido Legalista. A revolta ceifou milhares de vidas em sangrentos conflitos que vazaram das terras gaúchas para Santa Catarina e Paraná, atingindo inclusive Blumenau. À margem da revolta federalista, o partido legalista catarinense tramava uma revolta, que finalmente eclodiu em 14 de julho.

Em Blumenau, Hermann participara de todas as reuniões que levaram a efeito o golpe com a decretação do chamado “Restabelecimento da Legalidade”, e inclusive daquela que decidiu a proclamação da cidade como capital provisória do estado. Hercílio Luz foi proclamado governador do Estado, e um longo discurso dele foi publicado no Blumenauer Zeitung, expondo todos os motivos para tal atitude. Embora um grupo de 160 voluntários seguisse para o Desterro, a fim de depor o governador e dar posse a Hercílio Luz, a cidade não ficou desprotegida. Assim que ouviram falar que Eliseu Guilherme da Silva, governador em exercício, mandara uma tropa policial a Blumenau para dominar a rebelde cidade, os cidadãos remanescentes, entre eles Hermann, organizaram-se para resistir.

- Vamos montar uma barricada na entrada da cidade, para impedir o avanço da tropa policial. Defenderemos nossas posições com armas, dentes e a nossa própria vida, se necessário for! – Bradava Hermann que subira em um banco e falava para um aglomerado de mais ou menos trinta homens, que se reunira no stadplatz.

- Mas como vamos resistir aos policiais, se os mais experimentados combatentes seguiram para o Desterro, para depor o atual governo? – Perguntou um dos circunstantes, amedrontado com a responsabilidade assumida.

- Não tema, Otto! – Respondeu Hermann – Eles lutam pelo soldo e nós lutamos pelo nosso ideal e pela nossa cidade!

Organizados e liderados por Hermann e alguns outros voluntários, montaram uma barricada e organizaram a sua pequena defesa com táticas de guerra aprendidas em romances que haviam lido. Os demais cidadãos sem ter mais o que fazer, preparavam frequentemente fartos e gostosos quitutes que levavam aos combatentes que permaneciam guardando a barricada. Tão confiantes estavam na sua vitória que nem tremeram com o aviso da chegada das tropas do governo. Reuniram-se sob o comando de Hermann, seu sogro Friedrich Deeke e o filho Fides entre os demais líderes e, invocando a liberdade e a justiça, tomaram suas posições e se prepararam para o ataque, que não se fez esperar. Em menos de meia hora a bravura dos blumenauenses assustou e pôs para correr as tropas do governo. Esperando pouca ou nenhuma reação da cidade desguarnecida, foram pegos de surpresa e, tomados de susto e medo, fugiram carregando os seus inesperados feridos. Prudentemente, a pequena guarda blumenauense foi saindo de trás da trincheira, temerosa de algum

truque, para logo perceber que tinham vencido. Gritos e vivas explodiram entre os presentes, que se apressaram a recolher as armas abandonadas pelos policiais na sua desabalada carreira.

- Peguem tudo o que estiver aí, gente! Se eles voltarem, serão recebidos com uma chuva das suas próprias balas! – Comandava Hermann, alegre com a importante vitória. Naquela noite festejaram felizes, esquecendo-se por alguns momentos da conturbada situação do país. Infelizmente os seus camaradas que seguiram para o Desterro não tiveram tanta sorte e voltaram derrotados da tentativa de tomada do governo. Muitos outros acontecimentos ainda haviam de ocorrer, envolvendo sempre Hermann de roldão na controvertida e apaixonada política daquela época. A relativa paz só viria em 1894, com a eleição de Hercílio Luz ao governo do estado, não sem antes ele ainda sofresse um sério atentado, por ocasião da passagem das tropas revolucionárias provenientes do Rio Grande do Sul por Blumenau. A tropa já passara uma vez pela cidade, maltrapilha e causando pena, mas agora voltava numa invectiva contra os legalistas, e Blumenau seria tomada de surpresa.

- Hermann, temos que fugir novamente, e desta vez a coisa é séria. A tropa federalista vem aí e não podemos ser ingênuos de achar que não se vingarão de todos os legalistas conhecidos da cidade, a começar por nós – dizia Bonifácio Cunha a Hermann enquanto preparavam uma última edição do Blumenauer Zeitung, dando conta da situação. Hermann levou a família para a casa dos tios de Marie, Henrique Krohberger e voltava para casa, a fim de fechar e guarnecer tudo, quando ouviu gritos e, virando-se, viu um pequeno destacamento vir em sua direção, armados até os dentes e com ar de poucos amigos. Sem tentar fugir, virou-se e enfrentou-os com ar de superioridade. Nestas horas sentia ferver o sangue germânico e era capaz de enfrentar o mundo para defender suas origens.

- É você Hermann Baumgarten, proprietário deste jornal aí? – O arrogante soldado indicou a casa/escritório de Hermann com um dar de ombros.

- Sim, sou eu! Por que pergunta?

- Porque então você está preso!

Sem mais argumentos, levaram Hermann e jogaram-no na cadeia junto com a maior parte dos seus companheiros de ideal. Bonifácio Cunha cuidava de Otto Schmidt, que tinha levado uma coronhada na cabeça por resistir à prisão.

- E agora, o que vai ser de nós desta vez? – Perguntava Hermann, preocupado com a família. Desta vez eles não estavam tão longe e garantidos, e Hermann dava tratos à bola sobre o que ocorreria com todos ali reunidos e suas famílias.

- Não te preocupes, Hermann! Logo eles terão que ir embora e não têm como levar-nos junto. Vão nos deixar para trás e tudo ficará bem! – Tranquilizou-o Bonifácio.

Realmente, depois de cinco dias, todos foram soltos e assistiram à partida dos revoltosos que seguiam em demanda do Paraná. O susto maior foi quando Hermann chegou a casa: tudo estava destruído! Sua tipografia jazia totalmente empastelada, e os vestígios de todos os equipamentos boiavam no rio Itajaí-Açu, com exceção da impressora, que fora levada como butim de guerra. O interior da oficina estava totalmente destruído e, não contentes com a destruição, os “soldados” haviam feito ali suas necessidades, deixando enormes montes fedorentos sobre quase tudo. A casa anexa não tivera melhor sorte. Até a própria cama do casal havia sido destruída, e sobre os restos jaziam montes de fezes que atraíam multidões de insetos. Todos os papéis de Hermann, incluindo os jornais que ele mantinha encadernados desde o primeiro número, haviam sido queimados. As imediações da propriedade haviam sido devastadas com igual fúria, dela não escapando nem plantas e nem animais domésticos, fuzilados sem a menor pena. Nada sobrara, só devastação e tristeza. Hermann teve que recomeçar tudo outra vez, e só seis meses depois, com a ajuda de Hercílio Luz, já governador, o Blumenauer Zeitung voltou a circular.

O ano de 1893 ainda reservava a Hermann outra dor, mais funda e viva do que a destruição de sua casa e de sua empresa: Karl Julius, seu pai, falecia aos sessenta e um anos, deixando triste e enlutada toda a comunidade blumenauense. Hermann sentia-se sem forças, desanimado e decepcionado com a vida. Chorou amargamente ao lado da esposa e da madrasta, consolando-as e sendo consolado por uma dor igual à sua. Mas sua índole era combativa, e logo estava de volta ao fervedouro de ideias que agitava todo o estado.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

- Hermann, por que estás demorando tanto aí dentro? – Perguntou Marie, vestida com um lindo vestido de veludo azul-escuro, que destacava sua pele clara e o rosto de traços aristocráticos. A cor escura disfarçava o volume do ventre, avantajado com a gravidez adiantada. Vamos chegar atrasados para a cerimônia de recepção ao governador!

- Já vou, mulher, já vou! Estava revisando a tiragem do jornal, para ver se estava tudo de acordo. Daqui a pouco os rapazes vão começar a distribuir o Zeitung na cidade e eu não quero passar vexame com o Hercílio. Afinal de contas, devo a ele a reativação do jornal. Esta edição especial e a nossa apresentação de hoje à noite, durante o baile, com a orquestra, são as principais homenagens que rendo ao nosso governador eleito nesta sua primeira visita oficial a Blumenau! Até que enfim vamos gozar de tempos calmos em nossa cidade!

Hermann e toda a turma dos Legalistas que havia se mantido firme durante os conturbados anos em que a revolução atingira Santa Catarina eram os convidados de honra na recepção ao governador Hercílio Luz, que chegava oficialmente à cidade naquele mês de maio de 1895. Embora a revolução ainda não estivesse completamente extinta, Santa Catarina já gozava de tempos de paz e ordem.

Foi um dia de muita felicidade para Hermann que, orgulhoso, viu o governador receber das mãos de um garoto o exemplar “quentinho” do Blumenauer Zeitung exaltando, em letras garrafais, a honrosa visita. Um rápido panegírico falando da coragem e da carreira do governador mostrava ainda uma vez a pena apaixonada e marcante de Hermann. À noite, a sociedade cultural toda iluminada e enfeitada com guirlandas de flor-de-mel recebeu a orquestra de Hermann Baumgarten para uma apresentação oficial. Hermann continuava tocando violoncelo, chegando a dominá-lo com maestria de profissional. Bonifácio Cunha naquele dia tocava flauta e as crianças mais velhas de Hermann, que haviam nascido e crescido sob o signo da música, apresentavam-se em público pela primeira vez. Alfred, com doze anos, acompanhava Bonifácio na flauta e o pequeno Julius, de apenas sete anos, fazia furor tocando alguns acordes de trombone de vara. Mas a sensação da orquestra foi mesmo a pequena Lilly, de apenas dez anos, que tocava violino como um anjinho. Seus olhos azuis luziam no rosto clarinho e suave, e ela parecia nimbada de luz naqueles momentos. Apresentar os filhos fora uma homenagem a mais que Hermann fazia ao governador, e a noite coroou-se de alegria total. Hermann conversava animado na mesa das autoridades, quando sentiu uma pequena mão na sua. Olhou em volta e viu a pequena Lilly, que o chamava com insistência:

- *Papa, a mama* não está se sentindo bem. Tu tens que vir levá-la para casa...

Hermann saiu em busca de Marie e encontrou-a no lado de fora do salão, encostada a uma sebe e sendo abanada pela tia Elise, enquanto as crianças rodeavam-na um pouco ansiosas. Não estavam acostumadas a ver fraquejar a mãe, sempre forte e equilibrada. Pelo rosto de Marie passava constantemente uma sombra de dor e medo, que ela procurava disfarçar com um sorriso amarelo e desmaiado. Um suor frio porejava-lhe a fronte e demonstrava o quanto estava sofrendo.

- Marie, *meine liebe*, o que houve contigo? O que estás sentindo? – Um suor frio demonstrou o pânico de Hermann, eternamente traumatizado com a lembrança remota do sofrimento de sua mãe.

- Não sei, não, Hermann, mas algo está errado! O bebê só deveria nascer daqui a dois meses e estou sentindo as dores do parto. Estou com medo de que algo de errado aconteça...

- Alfred, vem cá ligeiro! Vai lá dentro e chama o Dr. Bonifácio, avisa-o que a tua mãe está passando mal e que já fomos para casa. Ele que venha em seguida para nos ajudar! – Hermann nem contou tempo, instalou Marie o mais confortavelmente possível na charrete, recomendou os filhos à tia de Marie e partiu para casa rapidamente. O restante da noite foi um verdadeiro pesadelo para Hermann, relembando os sofrimentos atroz de sua mãe e o desfecho violento daqueles acontecimentos passados há tantos anos. Aos primeiros albos do dia ouviu um fraco vagido, demonstrando que a criança nascera e em seguida Bonifácio se aproximou dele, com as faces cansadas e as mangas da camisa social arregaçadas e sujas de sangue.

- Teu filho nasceu, e é varão, Hermann. Mas é uma criança prematura, nasceu dois meses antes do prazo e eu não posso garantir que vingue. Os prematuros são sempre crianças fraquinhas... Lamento muito, meu amigo!

- Que nada, Bonifácio! Tenho certeza de que ele vai viver, tanto que vou lhe dar o nome de Edgar, que é um nome forte e vitorioso! Venha comemorar comigo!

A amizade de Hermann Baumgarten e Bonifácio Cunha era assim: tanto para as boas horas quanto para os maus momentos. Eram iguais no idealismo e nos sonhos políticos. Enquanto Bonifácio expunha-se através da candidatura aos cargos, Hermann fazia a retaguarda através do *Blumenauer Zeitung*, em artigos que tanto exaltavam as qualidades do candidato quanto expunham os erros dos opositores. Não foi diferente em 1898, três anos depois desta data, quando passaram o ano inteiro em campanha para que Cunha voltasse à superintendência do município. O “*Der Urwaldsbote*” defendia a candidatura de Otto Stutzer, que era também velho amigo de Hermann. No entanto, sua fidelidade a Bonifácio Cunha era inquestionável, e algumas vezes bateu-se em duelos verbais violentos com os opositores de Cunha, defendendo-o de forma irrestrita. O resultado foi o sucesso, e em janeiro de 1899 Hermann comemorou alegre tanto a eleição de seu grande amigo quanto a chegada da luz elétrica à cidade. No ano seguinte Blumenau faria 50 anos, e ele já fazia parte da casta de velhos pioneiros da cidade, respeitados como próceres da liberdade atual. Tinham grande amor pela sua terra, e defendiam-na de maneira ardorosa de qualquer ataque a sua integridade.

Hermann e Bonifácio conversavam sobre os planos para a comemoração do importante aniversário da cidade, quando Alfred entrou lívido na oficina.

- O que foi, meu filho? Viste alguma assombração?

- *Papa*, é o Edgar. Acho que ele está passando muito mal. A *mama* está desesperada em volta dele, mas ele está amarelinho e tão mole...

Hermann e Bonifácio saíram voando pela porta, mas nada mais havia a fazer. A criança que nascera fraca e prematura sucumbira às suas precárias forças e partia para outra dimensão. Hermann chorou a perda do filho de apenas quatro anos e só se consolou quando soube, da própria Marie, que estava grávida novamente.

- Ainda não desisti dos dez filhos, *meine liebe*! Temos que trabalhar rápido, pois já estamos ficando velhos! Imagine, só mais um ano e entraremos no novo século, e é o último do milênio!

Hermann passou o resto daquele ano pesquisando sobre as viradas seculares, pois uma verdadeira epidemia de previsões apocalípticas chovia sobre eles diariamente. Surgiam religiões e seitas diferentes exortando todos para possíveis desgraças e hecatombes. A situação recrudescera com o surgimento e o espantoso crescimento da seita dos anabatistas, que fazia conversões à força do pavor que provocavam nos ingênuos blumenauenses, o que despertou a fúria de Hermann:

- Pesquisei e cheguei à conclusão de que isto é um amontoado de tolices e crenças baseadas no medo do desconhecido. Foi assim em todas as outras viradas de século das quais encontrei registros – dizia Hermann convicto, e esta convicção era mais um fator de discussão nos bares e reuniões da sociedade.

No final daquele ano chegou a Blumenau a notícia da morte de seu fundador, o velho Doutor Blumenau, mas não foram muitos os que lamentaram esta morte. As velhas gerações tinham sido substituídas pelas novas, que não tinham vínculos com o velho colonizador. Hermann queria mais era comemorar a vida, com o nascimento de sua filha Klara. Era o tempo passando e deixando seus sinais...

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A dois de setembro de 1900 comemorou-se com extraordinária pompa o cinquentenário de Blumenau, com inúmeros eventos oficiais e particulares, ofícios religiosos e uma monumental exposição de produtos coloniais. Bonifácio Cunha havia mandado erguer um monumento comemorativo à colonização, homenageando com especial destaque o Dr. Blumenau. Hermann e ele tinham algumas divergências a respeito disso:

- Não exagere, Bonifácio! Você não conhece o homem... Era um retrógrado, e tive muita dificuldade em implantar o meu jornal apenas porque ele não queria! Não sei se ele merece todos os louros pelo sucesso de nossa cidade...

- Pode não merecer pelo sucesso, mas você não pode lhe tirar o mérito da ideia inicial, do pioneirismo. Foi necessário muita coragem e determinação para começar a colônia no meio do nada, naquelas épocas imperiais... O seu pai era um grande admirador de Blumenau, ele mesmo me disse isto algumas vezes!

- Eu sei, eu sei! As únicas divergências que tivemos na vida foram por causa dele. Meu pai o defendia com intransigência total...

- Assim como você faz hoje comigo, meu amigo! A fruta não cai longe do pé!

Vencido, Hermann caiu na risada e bateu amistosamente nas costas de Bonifácio, rendendo-se a ele. Depois disse, já com o rosto irado:

- É por isto mesmo que vou “*cair de pau*” em cima do Urwaldsbote. Onde já se viu um artigo tão tendencioso e maldoso como o que eles publicaram na última semana... A fim de atacar a tua administração, estão esquecendo o bom senso e o amor pela verdade que deve nortear um jornal! Não tem ética, aquela corja! Desde que aquele tal de Eugen Fouquet assumiu o jornal, a coisa desandou de vez! Aquele almofadinha pensa que só porque viveu na Europa, sabe mais do que todos e quer me humilhar. Mas eu vou dar um jeito nele e...

- Calma, Baumgarten, calma! Deixe-os falarem, quem quiser dar ouvidos a eles que dê, nós da Intendência estamos fazendo a nossa parte...

- Mas deste jeito eles vão prejudicar a tua reeleição, meu caro! E é bem isto que eles querem, eu sei muito bem!

- Deixa estar, meu amigo. Você e eu estamos ficando velhos, está na hora de aproveitar mais a família, a paz e a prosperidade de nossa amada cidade. Você, principalmente, deve dedicar-se mais à doce Marie e aos seus filhos. Eles ainda estão abalados pela morte da pequena Klara (a última filha de Hermann morreu com menos de um ano, deixando um imenso vazio no coração do casal). Que venham outros mais jovens e tomem nosso lugar.

Estas palavras de Bonifácio Cunha tiveram a força de uma profecia. Em setembro de 1902 realizaram-se eleições para a renovação da câmara e da superintendência municipal e Bonifácio Cunha não foi reeleito. No seu lugar tomou posse um jovem cheio de energia e vontade, que inaugurou uma nova era de prosperidade e desenvolvimento em Blumenau – era Alwin Schrader, do partido de oposição a Hermann e Cunha, e que acabou governando a cidade por doze anos.

O espírito de uma época

Blumenau estava cada vez mais próspera. Com a energia elétrica, muitas novidades foram inundando a cidade, trazendo conforto e modernidade. As indústrias tiveram desenvolvimento extraordinário e a agricultura encontrou novos campos de atividade. Construíram-se estradas, pontes e vagarosamente foi surgindo a estrada de ferro que ligou Blumenau a Rio do Sul e Trombudo. O telégrafo encurtava distâncias e já se falava no telefone, que Hermann esperava com muita ansiedade, reputando-o como “a invenção do século”.

Salvo as brigas ideológicas com Eugen Fouquet trocadas de parte a parte entre o *Blumenauer Zeitung* e o *Der Urwaldsbote*, poucos fatos agitavam a sua vidinha feliz e até se poderia dizer, pacata. Desde que perdera Edgar e Klara, seus dois últimos filhos, tinha se interessado pelos órfãos e era agora voluntário numa pequena sociedade que cuidava de crianças abandonadas. Dedicava-se à sua orquestra com afinco e prazer, e todos os seus filhos, com exceção de Ricardo, que tinha agora doze anos, tomavam parte nela.

Na festa do Espírito Santo de maio de 1904 a orquestra se apresentou com estrondoso sucesso. Hermann tinha agora quarenta e oito anos e era um verdadeiro mestre na flauta. Alfred, um belíssimo jovem de 21 anos, atingira a maioridade e ajudava o pai no jornal. Sua paixão, porém, era a fotografia e só se realizava quando tinha uma câmera nas mãos. Eles tinham mandado importar um equipamento da Alemanha, e o acervo de imagens do *Blumenauer Zeitung* era agora um dos melhores da cidade. Lilly, desabrochando aos 19 anos, parecia uma pequena fada. Era pequenina, de baixa estatura e porte diminuto e o seu grande encanto continuava sendo os luminosos olhos azuis. Hermann Leopold parecia-se fisionomicamente demais com o pai, e também já ajudava na tipografia, demonstrando maior interesse pelo processo tipográfico em si, e menos pelo jornalismo. Tinha agora 18 anos e vivia procurando publicações técnicas que falassem de novas máquinas e novos processos de tipografia. Julius, de 16 anos, tinha o idealismo do pai. No entanto, conservara desde a mais tenra infância a impressionante semelhança com seu avô, Karl Julius, de quem trazia o nome e a alma romântica. A jovem Frieda, que tinha agora 15 anos, era de todos a mais alta, mas impressionava mesmo quando tocava violino. De toda a família, era a alma mais musical e quando tocava o instrumento, demonstrava uma lascívia e entrega fervorosas, arrancando aplausos entusiasmados da plateia e suspiros dos jovens impressionados com sua habilidade. Além de Frieda e Lilly ao violino, que não se apresentavam em público, a orquestra contava com os violinos de Alfred e Hermann Leopold e o trombone de Julius.

Fizeram inúmeras apresentações durante todo o final de semana em que aconteceu a Festa do Divino Espírito Santo, sempre com enorme sucesso, e encerraram a sua participação desfilando pela rua XV de Novembro em garbosos trajes tiroleses nas segundas-feiras à noite. Marie, no palanque oficial das autoridades, assistia orgulhosa e feliz à passagem da família, tendo ao lado o caçula, Ricardo. A rua XV de Novembro, que agora quase não era mais chamada de rua da Linguíça, tinha muitas casas comerciais ao longo do seu traçado irregular e poeirento. Alguns trechos ainda continham espessa vegetação rasteira e muitas árvores, mas o progresso se evidenciava também ali, demonstrando que o pai de Marie tinha razão ao vaticinar que o centro nervoso da cidade se deslocaria do *stadplatz* para outras regiões próximas.

O ano de 1904 correu com rapidez e logo chegou o Natal. Hermann continuava amando o Natal e participava ativamente das festividades. O grande número de filhos, sobrinhos, cunhados e crianças carentes que ele trazia da instituição para passarem o natal com a família transformava a festa num imenso festival. Durante todo o dia ele rodeou a cozinha, acompanhando os preparativos dos quitutes que fariam a alegria dos presentes mais tarde. Por volta das duas horas da tarde Alfred e Julius chegaram com um belo *Tannenbaum* e fixaram-no em um velho pote de barro, daqueles de curtir pepinos em salmoura, com muita areia molhada. Logo Marie veio com Auguste, Lilly e Alice para enfeitar a árvore, pendurando mimosos decalques prateados, bolas cristalinas e castiçais de lata

com velas coloridas. Um chumaço de algodão foi desmanchado em pequenas bolotas para imitar neve e espalhado sobre a árvore, dando o toque final. Hermann acompanhava tudo um pouco nervoso, e coube a ele prender a estrela prateada na coroa do altivo pinheiro. Lá pelas cinco horas da tarde achou que não havia presentes em quantidade suficiente e saiu em desabalada carreira para a loja de Victor Probst, em demanda de mais mimos para distribuir à garotada. Fizera isto a vida inteira, e Marie sempre o censurava com um sorriso preso nos meigos olhos azuis. Voltou ao entardecer com muitos pacotes coloridos, colocando-os debaixo da árvore para depois bancar o Papai Noel, atividade que adorava. Depois que a noite caiu, fez organizar as crianças numa fila indiana por idade, do mais novo até os jovens, que reagiam com enfado à necessidade de participar da brincadeira, mas no fundo gostavam e muito. Todos tiveram que entoar canções natalinas na varanda, invocando o espírito de Noel e merecendo desta forma os presentes que lhe estavam destinados. Quando o improvisado Nicolau se dava por satisfeito, deixava que as mulheres abrissem a porta, depois de terem acendido todas as velas e apagado as demais luzes e lanternas da casa. As crianças entravam boquiabertas e o brilho colorido das velas refletia-se em seus olhos luminosos e encantados. O encanto da árvore de natal, dos enfeites e dos pacotes exercia um fascínio sempre renovado na criança.

Hermann, vestido com um longo casaco de peles e um gorro colocado de lado na cabeça, recebia cada um dos pequenos e perguntava-lhes, em alemão, numa voz empostada e solene, se haviam sido bons meninos durante o ano que passara, e se achavam que mereciam os presentes. Brincava com cada um deles, e ao final da rápida conversa enchia-os de pacotes e guloseimas, soltando-os livres e felizes. Depois deste cerimonial, a ceia natalina reunia todos em torno da enorme mesa para saborear as delícias preparadas durante todo o dia: marreco e pato assado, purê de maçã, nozes e tâmaras, carnes de porco defumadas e cozidas com cravo e canela, peru com batatas e frutas em calda. Para temperar a ceia e a alma de todos os presentes era preparado um ponche com vinho branco doce e calda de frutas. Como a bebida era fraca, até as crianças tinham direito de tomar alguns goles, o que as deixava eufóricas e excitadas, correndo por toda a casa em alta rotação.

A noitada terminou com uma apresentação especial da orquestra da família, executando músicas natalinas alemãs muito tradicionais e que evocavam o espírito germânico, principalmente nos mais velhos. Os olhos de Auguste ficaram marejados pela saudade da pátria e do companheiro falecido há alguns anos.

Hermann estava completamente feliz, só lamentava a ausência de seu grande amigo Bonifácio Cunha, que naquele ano mudara-se para Florianópolis, onde trabalhava em um projeto para a implantação de uma casa de saúde. Apesar da idade, continuava apaixonado pela medicina e voltado para as questões de saúde pública. Hermann sentia falta de suas conversas diárias ao pé da frondosa figueira e dos conselhos ponderados do velho amigo.

O ano de 1905 entrou célere, com a cidade de Blumenau tornando-se a cada dia mais um polo de desenvolvimento da região do Vale do Itajaí. Hermann ultimamente sentia-se cansado, como se já tivesse vivido muito tempo e feito parte da história mais agitada daquele século. Às vezes flagrava-se lembrando o passado, os momentos de tensão, batalhas e glórias que vivera tão recentemente, no centro dos acontecimentos que haviam construído a moderna história do estado de Santa Catarina. Era como se a sua carga já estivesse muito pesada e a história preenchida. Pela primeira vez em sua vida, deixava-se ficar além da madrugada na cama, observando o belo rosto da esposa adormecida. Já estavam casados há tanto tempo, este ano fariam 23 anos de bodas, quase uma vida... No entanto, às vezes ela ainda parecia aquela menina apaixonada e travessa que o conquistara, depois de chamá-lo levianamente de “cara de limão chupado”... Eram tantas e tão doces as lembranças, que Hermann se deixava embalar por elas.

Em março daquele ano, Marie levantou da cama aos primeiros raios de sol, deixando Hermann profundamente adormecido. Como ultimamente ele tinha permanecido por mais tempo na cama, em diversas ocasiões, Marie não estranhou. Pensou em colher um favo de mel fresquinho na caixa de abelhas mais próxima e levá-lo para ele, que tanto o apreciava. Esperou por mais algum tempo e finalmente, estranhando a sua demora em levantar-se, entrou no quarto com o favo de mel e um

sorriso no rosto. Estacou na porta e, assim que o viu, deixou cair o prato com o favo e involuntariamente, gritou de medo e de dor. Hermann jazia caído ao lado da cama, e o seu rosto estava lívido como mármore. Lilly ouviu os gritos da mãe e acudiu correndo, seguida dos outros filhos que estavam em casa. Tentaram reanimá-lo, mas logo perceberam que era inútil: Hermann estava morto!

As providências foram tão rápidas e enérgicas quanto tristes. Logo o féretro estava na casa da família e a notícia espalhava-se pela cidade como rastilho de pólvora. Blumenauenses de todos os lados acorriam à casa, duvidando da notícia: Hermann Baumgarten morto? Logo ele, tão combativo e vigoroso, que parecia ser eterno? Logo o jornalista onipresente a todos os acontecimentos importantes da cidade, que lutara tanto por seus ideais? Um homem ainda tão jovem, contando apenas 49 anos, nem um cinquentenário completara... A notícia estarrecia a todos, que vinham até a propriedade da família e lá permaneciam, aumentando cada vez mais o aglomerado de pessoas.

Lá pelas três horas da tarde, um pouco antes da hora do enterro, chegou Bonifácio Cunha proveniente de Florianópolis. Com os olhos marejados de lágrimas, aproximou-se do caixão e ficou olhando para o semblante calmo do velho e querido amigo. Tomou-lhe a mão, disposto a rezar por sua alma, mas o seu conhecimento médico fez soar um alarme interno. A carne continuava tépida e mole, não apresentando o *rigor mortis* comum aos cadáveres. Observando melhor com olhos de cientista, avaliou a cor do rosto de Hermann, que não havia azulado, como seria normal. Antes estava rosada e quase natural. Permaneceu alguns segundos contrito, observando o corpo, e embora parecesse estar orando, sua mente girava alucinadamente analisando a situação. Voltou-se repentinamente para Marie e lhe perguntou, em minúcias, tudo o que acontecera. Depois de ouvir as explicações dela, passou o braço sobre seus ombros e disse-lhe, contrito:

- Dona Marie, acho que Hermann não morreu. Está cataléptico...

Marie não esboçou reação. Estava atônita e não entendera o sentido real do que Bonifácio Cunha lhe dizia. Ele chamou os filhos e foi explicando, em minúcias, como se dava a catalepsia. Julius foi o primeiro a sair do transe e perguntou, quase gritando:

- Então meu pai ainda está vivo?

- É isto mesmo! Vamos dispersar as pessoas e preparar tudo, pois tudo leva a crer que ele acordará daqui a pouco.

Como se estivessem vivendo um sonho, ou antes, um pesadelo, a família foi dispersando as pessoas, explicando como era possível o fenômeno que Bonifácio Cunha delinearara para eles. Mas a esperança de ter o pai de volta era mais forte, e imperava sobre a sensação de irrealidade que sentiam. O povo, no entanto, excitado com o raro fenômeno que tinha ares de milagre permaneceu em volta da casa, esperando o desenrolar dos acontecimentos. Depois de algumas horas, repentinamente, como se tivesse levado um susto, Hermann acordou. Em sua volta, todos choravam copiosamente e ele estranhou tal atitude. Não entendeu a presença do grande amigo Cunha, embora ela o tenha alegrado sobremaneira.

- Por que estão todos chorando? E tu, Bonifácio, por que estás aqui? Que engraçado, pensei em ti nos últimos dias...

Marie atirou-se chorando sobre Hermann, pela primeira vez em sua vida, esquecendo o autocontrole e entregando-se completamente às emoções. Depois de muitas e repetidas explicações, Hermann entendeu o que acontecera. Então, ergueu-se e rezou fervorosamente e em voz alta, bradando:

- Senhor, que privilegiado sou! Permitiste-me viver, por empréstimo, mais algum tempo junto aos meus entes queridos! Abençoado sejas!

Abraçou toda a família e juntos, choraram copiosamente. Depois de alguma relutância, aproximou-se da janela e abanou para a multidão que permanecia ali. Abismados, deram vivas e gritos assim que viram Hermann vivo e inteiro, ainda um pouco incrédulos com o que havia acontecido. Hermann, no entanto, parecia ter sido iluminado por um espírito especial e, como se a mola o movesse, correu para o meio de todos, deixando-se tocar e distribuindo explicações sobre o fenômeno.

Depois daquele dia, parecia investido de luz e energia, e fazia tudo com especial consciência. Brincava com todos, dizendo que estava vivendo de empréstimo, e que cada dia valia a pena ser

vivido de maneira especial. Passou a participar de tudo o que acontecia a sua volta com especial ânimo e entusiasmo. Abraçou com vontade o trabalho e todas as causas que deixara um pouco de lado nos últimos tempos, vivendo com redobrada ânsia e fervor.

Não era mais nem sombra do homem desanimado e contemplativo que havia sido nos últimos tempos. Assim viveu, participando intensamente da vida de sua comunidade e de sua família por mais quatro anos, visitando velhos parentes e amigos que há muito não via, participando com a orquestra em muitos bailes e eventos festivos e ajudando todas as crianças como podia.

No dia 06 de fevereiro de 1908 acordou feliz e harmonizado, sentindo uma calma especial dentro de si mesmo. Deitado na cama reviu imagens dos seus cinquenta e dois anos de vida, de sua meninice, um simples e louro menino brincando na água fresca do Itajaí-Açu, correndo atrás dos cachorros, afagando os perfumados cabelos de sua mãe... Viu-a sorrindo para ele, acenando com a sua meiguice e, com estas doces imagens, resvalou suavemente para um sono profundo e definitivo.

FIM